



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO

---



**SILVANA TOBIAS OLIVEIRA**

***EITA, É SURDO: ALGUNS ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS ACERCA DO SUJEITO  
SURDO CORPORIZADOS PELO DISCURSO HUMORÍSTICO NO YOUTUBE***

**DOURADOS – MS  
2021**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FACALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO



**SILVANA TOBIAS OLIVEIRA**

***EITA, É SURDO: ALGUNS ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS ACERCA DO SUJEITO  
SURDO CORPORIZADOS PELO DISCURSO HUMORÍSTICO NO YOUTUBE***

Dissertação apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD, Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Mara de Melo.

**DOURADOS – MS**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O48e Oliveira, Silvana Tobias

Eita, é surdo:: alguns estereótipos e estigmas acerca do sujeito surdo corporizados pelo discurso humorístico no YouTube. [recurso eletrônico] / Silvana Tobias Oliveira. -- 2021.  
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Sílvia Mara de Melo.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2021.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Análise do Discurso. 2. Discurso humorístico. 3. Subjetivação Surda. 4. YouTube. I. Melo, Sílvia Mara De. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

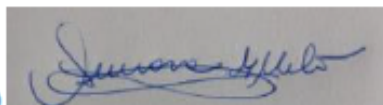
©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

|   |               |   |
|---|---------------|---|
|  | <h1>UFGD</h1> | <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO<br/>UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS<br/>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS</p> |
|---|---------------|---|

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR SILVANA TOBIAS OLIVEIRA, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO “LINGUÍSTICA E TRANSCULTURALIDADE”.

Aos trinta dias do mês de março de dois mil e vinte um, às 9 horas, em sessão virtual com acesso simultâneo, realizou-se a Defesa de Dissertação de Mestrado “EITA, É SURDO: ALGUNS ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS ACERCA DO SUJEITO SURDO CORPORIZADOS PELO DISCURSO HUMORÍSTICO NO YOUTUBE”, apresentada pela aluna Silvana Tobias Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Letras, desta universidade, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof.ª Dr.ª Silvia Mara de Melo – FACA/LE/UFPGD (Presidente/Orientadora), Prof.ª Dr.ª Elizete de Souza Bernardes – IFMS (Membro Titular), Prof. Dr. Washington Cesar Shoiti Nozu – FADIR/UFPGD (Membro Titular) e Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins – FACA/LE/UFPGD (Membro Titular). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua explanação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a pós-graduanda considerada APROVADA, fazendo *jus* ao título de MESTRE EM LETRAS. Os membros da banca abaixo assinados atestam que todos os membros participaram de forma remota<sup>1</sup> desta Defesa de Dissertação, considerando o (a) candidato (a) APROVADO. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

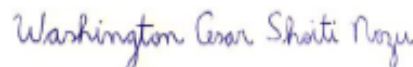
Prof.ª Dr.ª Silvia Mara de Melo (assinatura digital)



Prof.ª Dr.ª Elizete de Souza Bernardes (assinatura digital)



Prof. Dr. Washington Cesar Shoiti Nozu (assinatura digital)



<sup>1</sup> Participação remota dos membros da banca conforme § 3º, do Art. 1º, da Portaria RTR/UFPGD n. 200, de 16/03/2020, e Art. 2º e 5º, da Instrução Normativa PROPP/UFPGD N° 1, de 17/03/2020.

ATA HOMOLOGADA EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, PELA PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA / UFGD.

|   |             |   |
|---|-------------|---|
|  | <b>UFGD</b> | <b>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO</b><br><b>UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS</b><br><b>PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS</b> |
|---|-------------|---|

Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins (assinatura digital)



Dourados, 30 de março de 2021.

Dedico este trabalho para todas as pessoas que diretamente e indiretamente sonharam juntamente comigo e fizeram tudo isso possível, em específico a minha orientadora, Silvia Mara de Melo. Aos meus colegas e familiares. Dedico à Capes que custeou a realização dessa pesquisa em prol dos estudos sobre surdez e língua de sinais pela perspectiva da análise discursiva. Dedico minha vida ao meu Deus que me mostrou que eu sou capaz de vencer os meus medos, dificuldades internas e externas; razões essas que me impulsionaram a não desistir (Silvana Oliveira, 2020/2021).

## AGRADECIMENTOS

*Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (FOUCAULT, 2019, p. 21, grifo nosso).*

Dedico essa citação de Foucault (2019) aos meus colegas da Análise do Discurso (AD), em especial a minha orientadora Silvia Mara de Melo, que me conduziu durante os 24 meses de pesquisa e, além das caronas, grupo de estudo e companhias de almoço concedidos. Ainda, agradeço-a pela humildade, paciência e por me mostrar a importância do foco e responsabilidade do fazer pesquisa e do fazer pesquisador.

Dedico também esse dito ao professor Washington Cesar pela paciência que teve comigo e pelas aulas magníficas dadas em Direitos Humanos e estudos foucaultianos no Programa de Fronteiras e Direitos Humanos, aos meus colegas advogados e à secretária pela acolhida no programa.

À professora Gicelma Chacarosqui pelos modos semióticos de enxergar a vida e por me guiar no processo de inquietação das práticas de semiose presente no arquivo multimodal e das aulas ministradas em parceria com o professor Washington no Programa de Fronteiras e Direitos Humanos.

Ao professor Marcos Lúcio pelas provocações intencionais feitas no processo de reconstrução da pesquisa e da postura do pesquisador, além de me mostrar que o obscuro e o insensível também nos move de alguma forma.

Ao professor Andrébio pela paciência na transmissão de seus conhecimentos, por proporcionar a desconstrução da constituição do saber linguístico e pelas orientações de coordenadoria. Às secretárias, Gisele e Ariane, pela paciência. Às demais pessoas que compõem o quadro administrativo da Facale.

À professora Edilaine Buin pelo incentivo e orientações dadas para que eu ingressasse como aluna regular e sair em minha defesa na banca de entrevista. Aos colegas do mestrado da turma de 2018, por me incentivar durante a caminhada acadêmica.

Aos meus amigos Cleide, Flávia, Anderson e ex-professores da Uems (Adilson, Carla, Ana Cláudia, Adma e outros) por me conceder um espaço de estudo e me mostrarem que as frustrações do passado não devem ser uma barreira. Ao professor Anailton, por me incentivar na escrita do projeto de pesquisa e à professora Rita, por me conceder o diálogo.

Ao meu amigo Wesley, pelos incentivos tanto financeiro quanto intelectual (surtando com Foucault) e por ser um amigo que me inspira a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Às minhas amigas Lays e Virgínia, que mesmo a longa distância me incentivam. Aos meus amigos Márcia, Diego e as intérpretes Dariana, Karla e Alexandra pela ajuda e compartilhamento de conhecimento sobre o mundo Surdo e pelos acalentos nos momentos de desespero.

A minha assistente canina (Pérola) pela companhia, consolo durante o período de pandemia e pelos carinhos e “lambeijos” partilhados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de 24 meses de bolsa para a realização desta pesquisa.

Aos professores, Washington e Elizete, por aceitarem fazer parte da banca de qualificação. Agradeço a Deus por tornar possível o sentimento de “liberdade” e me mostrar que tudo é possível, que mais do que escrever academicamente, é poder escrever modos de ser, superar os medos e desafios em vida.

Por fim, reitero que sem Ele (Deus) nada disso seria possível, pois, Ele tem me mostrado que Ele age nas causas impossíveis aos olhos humanos. Amém!



OLIVEIRA, Silvana Tobias. **Eita, é surdo:** alguns estereótipos e estigmas acerca do sujeito surdo corporizados pelo discurso humorístico no YouTube. Orientadora: Dra. Silvia Mara de Melo 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2021.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar linguístico-discursivamente o processo de subjetivação do sujeito Surdo no campo humorístico, em específico os vídeos de humor *Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 no Enem 2017* veiculados nos canais *Desconfinados* e *Léo Lins* no *YouTube*. Para tanto, são analisados nos dois vídeos a constituição de estereótipos que são construídos midiaticamente e socialmente, por meio da face do humor. A escolha dos dois vídeos estão respaldados na seguinte problemática de pesquisa: de que forma o discurso humorístico reproduz sobre/no corpo surdo modos de subjetivação no dispositivo midiático? Os enunciados foram obtidos por meio de transcrições, sob o auxílio da escuta interpretativa, e, para a transcrição dos enunciados discursivos, imagéticos e gestuais, utiliza-se a ferramenta de captura disponível no *Windows*, cujo aplicativo consiste na captura de imagens em movimento, denominados de fotogramas (AUMONT; MARIE, 2004). Nesta perspectiva, a pesquisa tem como base teórico-metodológica a Análise do Discurso de linha francesa, considerando, em específico, as categorias analíticas propostas por Michel Foucault (1979, 2008, 2009, 2014a, 2014b, 2019), como a noção de discurso, saber-poder, prática discursiva, dispositivos, corpo e subjetivação, problematizando principalmente o uso dos dispositivos de corpo, expressão facial, imagética e linguísticos na ressignificação dos discursos já ditos pela sociedade no campo ~~mediático~~, em específico nos vídeos do *YouTube*. Utiliza-se também os operadores analíticos pensados por Courtine (2011, 2013) e da semiótica pensada por Santaella (2002) para analisar os elementos corpóreos, imagéticos e gestuais enunciados em vídeos de humor. Tratamos sobre a teoria do humor e do riso a partir de Possenti (1998, 2002, 2018) e Bergson (1983). Por fim, com base nos Estudos Culturais e Estudos Surdos, fomentamos sobre a formação de identidades, explanando conceitos como cultura e identidade surda, sujeito Surdo, como Hall (2000), Strobel (2008) e Perlin (2016), bem como a questão dos estereótipos e estigmas tratados por Goffman (2004) e menção da legislação vigente sobre a inclusão dos Surdos e Libras. Os resultados mostram que, no processo de descrição e interpretação dos enunciados *linguísticos da Libras, processo de inclusão, anormalidade, imoralidade, déficit cognitivo* e outros, enunciados esses que constituem a prática de estereótipos composta no discurso humorístico por meio do gestual, comportamental e institucional. Esses enunciados mostram que o papel do humor não é apenas mostrar a representação dos modos de ser Surdo, mas como esses enunciados constituem a subjetividade do sujeito Surdo, articulando a outros saberes (clínico, econômico, educacional, socioantropológico) em um princípio de exclusão do discurso (saber e não saber interagir em outra língua nas diferentes situações) e que são naturalizados como verdades, inclusive, o modo como esse sujeito é capturado enquanto um sujeito da identidade (antropológico) a partir das marcas linguísticas e culturais que são situadas historicamente no âmbito das instituições, do corpo social e inclusivo.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Discurso humorístico. Subjetivação Surda. *YouTube*.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze linguistically-discursively the process of subjectivation of the deaf subject in the humorous field, specifically in the humour videos *Surdo no Subway* and *A única redação nota 1000 do Enem 2017* aired on the channel *Desconfinados* and Léo Lins on YouTube. Therefore, the constitution of stereotypes that are constructed mediaically and socially through the face of humor are analyzed in the two videos. The choice of the two videos are supported by the following research problem: how does the humorous discourse reproduce on/in the deaf body modes of subjectivation in the media device? The statements were obtained through transcriptions, under the aid of interpretive listening, and for the transcription of discursive, imagery and gestural utterances, the capture tool available in Windows is used, whose application consists of capturing moving images, called frames (AUMONT; MARIE, 2004). In this perspective, the research has as theoretical-methodological basis the Analysis of French Line Discourse, considering, in particular, the analytical categories proposed by Michel Foucault (1979, 2008, 2009, 2014a, 2014b, 2019), such as the notion of discourse, knowledge-power, discursive practice, devices, body and subjectivation, mainly problematizing the use of body, facial expression, imagery and linguistic devices in the resignification of discourses already said by society in the media field, specific in the YouTube video. We also use the analytical operators designed by Courtine (2011, 2013) and the semiotics thought by Santaella (2002) to analyze the corporeal, imagery and gestural elements stated in the videos. We deal with the theory of humor and laughter from Possenti (1998, 2002, 2018) and Bergson (1983). Finally, it is based on Cultural Studies and Deaf Studies, we promote the formation of identities, explaining concepts such as culture and deaf identity, deaf subject, such as Hall (2000), Strobel (2008) and Perlin (2016), as well as the issue of stereotypes and stigmas treated by Goffman (2004) and mention of the current law on the inclusion of the Deaf and Libras. The results show that, in the process of description and interpretation of libras linguistic utterances, inclusion process, abnormality, immorality, intellectual deficit and others, statements that constitute the practice of stereotypes composed in humorous discourse through the gestural, behavioral and institutional. These statements show that the role of humor is not only to show the representation of the ways of being deaf, but how these utterances constitute the subjectivity of the deaf subject, articulating to other knowledge (clinical, economic, educational, socioanthropological) in a principle of exclusion of discourse (knowing and not knowing how to interact in another language in different situations) and that they are naturalized as truths, including the way this subject is captured as a subject of identity (anthropological) from the linguistic and cultural marks that are historically situated within the institutions, the social and inclusive body.

**Keywords:** Discourse Analysis. Deaf Subjectivation. Discourse Humor. YouTube.

## LISTA DE FOTOGRAMAS

|                      |     |
|----------------------|-----|
| Fotograma 1 .....    | 89  |
| Fotograma 2 .....    | 92  |
| Fotograma 2.1 .....  | 92  |
| Fotograma 3 .....    | 96  |
| Fotograma 4 .....    | 97  |
| Fotograma 5.....     | 100 |
| Fotograma 5.1.....   | 100 |
| Fotograma 6 .....    | 104 |
| Fotograma 6.1 .....  | 104 |
| Fotograma 7 .....    | 105 |
| Fotograma 7.1 .....  | 105 |
| Fotograma 8.....     | 106 |
| Fotograma 8.1 .....  | 106 |
| Fotograma 9 .....    | 108 |
| Fotograma 10 .....   | 108 |
| Fotograma 11 .....   | 112 |
| Fotograma 11.1 ..... | 112 |
| Fotograma 12 .....   | 113 |
| Fotograma 12.1 ..... | 113 |
| Fotograma 13 .....   | 115 |
| Fotograma 13.1 ..... | 115 |
| Fotograma 14 .....   | 116 |
| Fotograma 15 .....   | 116 |
| Fotograma 15.1 ..... | 116 |
| Fotograma 16 .....   | 117 |
| Fotograma 16.1 ..... | 117 |
| Fotograma 17 .....   | 118 |
| Fotograma 17.1 ..... | 118 |
| Fotograma 18.....    | 118 |
| Fotograma 18.1 ..... | 118 |
| Fotograma 19 .....   | 120 |
| Fotograma 19.1 ..... | 120 |
| Fotograma 20 .....   | 121 |
| Fotograma 20.1 ..... | 121 |
| Fotograma 20.2 ..... | 121 |
| Fotograma 21 .....   | 122 |
| Fotograma 21.1 ..... | 122 |
| Fotograma 22 .....   | 122 |
| Fotograma 23 .....   | 125 |
| Fotograma 23.1 ..... | 125 |
| Fotograma 24 .....   | 126 |
| Fotograma 24.1 ..... | 126 |
| Fotograma 25 .....   | 127 |
| Fotograma 25.1 ..... | 127 |
| Fotograma 26 .....   | 127 |
| Fotograma 26.1 ..... | 127 |

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| <b>Fotograma 26.2</b> ..... | 127 |
| <b>Fotograma 27</b> .....   | 128 |
| <b>Fotograma 27.1</b> ..... | 128 |
| <b>Fotograma 27.2</b> ..... | 128 |
| <b>Fotograma 28</b> .....   | 132 |
| <b>Fotograma 28.1</b> ..... | 132 |
| <b>Fotograma 28.2</b> ..... | 132 |
| <b>Fotograma 29</b> .....   | 133 |
| <b>Fotograma 29.1</b> ..... | 133 |
| <b>Fotograma 30</b> .....   | 134 |

## LISTA DE IMAGENS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Imagem 1-</b> Símbolo internacional da surdez.....                      | 73  |
| <b>Imagem 2-</b> Professor ensinando alunos surdos a oralizarem .....      | 78  |
| <b>Imagem 3-</b> Caso de tortura a funcionário surdo em Caxias do Sul..... | 79  |
| <b>Imagem 4-</b> Layout do canal Desconfinados.....                        | 87  |
| <b>Imagem 5-</b> Layout do canal Léo Lins .....                            | 88  |
| <b>Imagem 6-</b> O grito.....  | 134 |
| <b>Imagem 7-</b> O homem desesperado.....                                  | 134 |

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AD - Análise do Discurso

AEE - Atendimento Educacional Especializado

Art. - Artigo

ASL - Língua de Sinais Americana

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CM - Configuração de Mão

DA - Deficiência auditiva

ENMs - Expressões Não-Manuais

FACALE - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

L1 - Primeira língua

L2 - Segunda língua

Libras - Língua Brasileira de Sinais

LO - Língua Oral

LS - Língua de Sinais

M - Movimento

OM - Orientação de Mão

ONU - Organização das Nações Unidas

PA - Ponto de Articulação

PDI – Plano de Desenvolvimento Individual

PNDH-3 - 3º Programa Nacional de Direitos Humanos

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras

TILS - Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

WFD - World Federation of the Deaf

II CINTED - II Congresso internacional de Educação Inclusiva e II Jornada Chilena de Educação Inclusiva

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO .....  | 17  |
| CAPÍTULO 1 .....  | 35  |
| APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A MÍDIA E O HUMOR<br>NA FORMAÇÃO DO OBJETO SURDEZ .....  | 35  |
| 1.1 O discurso midiático como dispositivo de saber-poder .....  | 35  |
| 1.2 Híbridização dos materiais audiovisuais: teorização do vídeo de humor e o <i>YouTube</i> .<br>.....                                       | 41  |
| 1.3 A surdez como um objeto de saber da mídia .....   | 45  |
| CAPÍTULO 2 .....  | 52  |
| OS ENUNCIADOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS PRODUZIDOS NO CAMPO<br>HUMORÍSTICO ACERCA DA SURDEZ E DA LIBRAS .....                                   | 52  |
| 2.1 A teoria do humor e da mídia pelo viés da Análise do Discurso Francesa.....   | 52  |
| 2.2 O humor como um campo discursivo .....  | 53  |
| 2.3 <i>A língua é o chicote do corpo</i> : alguns estereótipos e estigmas acerca do sujeito Surdo e<br>da Libras no discurso humorístico..... | 64  |
| CAPÍTULO 3 .....  | 87  |
| OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO SURDA A PARTIR DOS ENUNCIADOS E<br>SABERES PRESENTES EM VÍDEOS DE HUMOR NO <i>YOUTUBE</i> .....                  | 87  |
| 3.1 O saber clínico sobre o corpo Surdo nos canais <i>Desconfinados</i> e <i>Léo Lins</i> .....   | 88  |
| 3.2. O discurso sócio antropológico expresso pela prática linguística e interacional sobre<br>o corpo Surdo .....                             | 124 |
| 3.3 O processo de subjetivação surda presente nos vídeos <i>Surdo no Subway</i> e <i>A única<br/>redação nota 1000 do Enem 2017</i> .....     | 137 |
| REFERÊNCIAS.....  | 147 |
| APÊNDICE .....  | 154 |



## INTRODUÇÃO

Diariamente, encontramos Surdos em diversos espaços e esse contato entre o sujeito Surdo e não-surdo é perpassado por muitas barreiras dos modos de interação linguística, gerando concepções atravessadas pelo estereótipo, estigma e pré-conceitos sobre a noção de surdez e língua. Em algumas situações, o sujeito Surdo é alvo de chacotas e brincadeiras tendenciosas por parte de outros sujeitos não-surdos. Essa relação é reproduzida por humoristas que posicionam enquanto sujeitos sociais e reproduzem relações de saber-poder sobre a surdez.

Contudo, destacamos que, quando um sujeito tem o contato imediato com o Surdo, a primeira reação que este tende a ter é “Eiita... É surdo!” (DESCONFINADOS, 2016, 0:12 segs., grifo nosso). Essa enunciação provoca um efeito de sentido de resistência do sujeito dito “normal” frente a um corpo Surdo sinalizante. É a partir dessa situação de interação entre Surdo sinalizante e sujeito ouvinte presente no vídeo *Surdo no Subway*, do canal *Desconfinados*, que situamos nosso tema de pesquisa: *os processos de subjetivação do sujeito Surdo pelo discurso humorístico veiculado em vídeos no YouTube*.

Na cena do vídeo, o humorista, posicionado na condição de atendente de uma franquia de *fast-food*, faz expressões faciais e corporais, que indicam tensão diante de outro sujeito que interage em língua diferente (gestual-espacial). O Surdo se apresenta em Língua Brasileira de Sinais (Libras), dizendo: *oi, boa tarde! Por gentileza...* (DESCONFINADOS, 2016, 0:11 segs.).

O sujeito atendente retorna o cumprimento do Surdo com um sorriso entre os dentes para disfarçar a reação de nervoso ao se deparar com uma interação em Libras. A enunciação em questão foi proferida por um dos atendentes que aparece na cena (adiante denominado atendente I), que demonstra certo espanto diante da situação de ter que atender o Surdo. Não exatamente por preconceito ou recusa, mas por dificuldade e limitação que a interação implicaria. Em face de outro vídeo de humor intitulado *A única redação nota 1000 do Enem 2017* produzido pelo sujeito humorista de *stand-up comedy* e divulgado tanto no *Facebook* quanto no *YouTube*, tratamos da referida temática.

Este segundo vídeo também traz como temática a dificuldade de ser Surdo no contexto de formação escolar, enfatizando as construções preconceituosas e estereotipadas acerca do que é ser Surdo no século XXI. O primeiro vídeo foi publicado em 24 de outubro de 2016 e o segundo foi publicado em 12 de novembro de 2017 e ambos tiveram o intuito de discutir as dificuldades de interação linguística e social que o Surdo possui, utilizando-se do cômico, do caricato. Partindo dessa inquietação dos modos de projetar o sujeito Surdo, a temática da surdez e a Libras na mídia, é que chegamos à pergunta de pesquisa que norteou a escolha do nosso

tema: *de que forma o discurso humorístico reproduz sobre/no corpo surdo modos de subjetivação no dispositivo midiático?* Com base nesse questionamento e a partir da leitura em Foucault (2019), podemos ainda pensar:

Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é o seu titular? Qual o *status* dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? (FOUCAULT, 2019, p. 61)

Para o autor, não há função enunciativa sem sujeito situado no discurso. Dito isso, sabemos que os sujeitos posicionados nos dois vídeos estão articulados no discurso humorístico, em que a narrativa é construída a partir da competência do saber linguístico, político e cultural e identificamos as funções enunciativas no primeiro vídeo: o atendente I<sup>1</sup>, o atendente II<sup>2</sup>, o Surdo<sup>3</sup> e, no segundo vídeo, o humorista de *stand-up comedy*<sup>4</sup>. No primeiro vídeo, todos esses sujeitos posicionam-se na função de ator e nessa posição de sujeito, os dois humoristas estão representando-se como atendentes e o Surdo como cliente do *Subway* e, por último, no segundo vídeo, o sujeito humorista na posição de estudante que realizou a redação do Enem 2017. Eles (sujeitos atores) se relacionam a partir de saberes constituídos por meio da memória coletiva; ambos retomam, por meio do *comentário*<sup>5</sup>, as barreiras atitudinais e linguísticas que o sujeito Surdo encontra em diversos espaços e situações diárias. Ou seja, “as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (FOUCAULT, 2019, p. 63).

Estes atores do humor falam a partir do âmbito do humor e esse gênero não é proferido em qualquer lugar ou por qualquer pessoa, ou seja, para ser humorista, deve-se ter domínio da linguagem para se fazer uma boa piada ou ação cômica e pela singularidade do contar piada. Além disso, o fato desse sujeito se colocar nessa posição do saber, dá a eles poder de credibilidade das piadas construídas, ou seja, o humor não é uma prática inerente a qualquer indivíduo e em qualquer espaço e em se tratando do discurso midiático, esse gênero toma outras formas.

---

<sup>1</sup> Henrique Serva.

<sup>2</sup> Jonathan Nemer.

<sup>3</sup> Diego Henrique.

<sup>4</sup> Léo Lins.

<sup>5</sup> Para Foucault (2019), o comentário é um princípio interno de controle do discurso e visa retomar aquilo que é replicado ou acrescentado por um sujeito do discurso, permitindo dizer algo ou perpetuar um outro discurso que extrapola o texto ou se faz a retomada de ditos por uma memória coletiva.

Temos, ainda, o sujeito Surdo sinalizante no campo do humor que dispõe do saber linguístico da Libras. Diante disso, tratamos o *objeto surdez e gramática da Libras* dentro de uma cadeia de dispersões, ou seja, ele está situado não apenas em outros campos discursivos, mas também em outras referências históricas que fazem parte de uma mentalidade social e que ainda são utilizadas pelo humor, e, também por uma descontinuidade que faz com que um enunciado possa ser dito não apenas agora, mas em outro momento.

Desta forma, para Foucault (2019, p. 66, grifo do autor), o sujeito está disperso, pois ele exerce diversas posições, em que “[...] nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala”.

Com base nessas reflexões, tecemos as principais noções inerentes à Análise do Discurso. A primeira delas é a noção de discurso. Ao definir o discurso, Foucault (2019) afirma que é preciso levantar alguns pontos: “Que são? Como defini-las ou limitá-las? A que tipos distintos de leis podem obedecer? De que articulação são suscetíveis? A que subconjuntos podem dar lugar? Que fenômenos específicos fazem aparecer no campo do discurso?” (FOUCAULT, 2019, p. 31-32).

Ao refletirmos sobre estas questões, compreendemos que o discurso “[...] é feito de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar as coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e aos atos da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2019, p. 60), ou seja, o discurso é visto como toda produção de sentido situado na história produzida nos/pelos sujeitos.

Em outras palavras, o discurso não se define pela relação entre “palavras e coisas”, mas sim pelo exercício de interpretar os jogos de relações que formam determinado objeto, no nosso caso, o objeto surdez pela ótica estereotipada do campo humorístico. Ainda, o discurso pode ser pensado como “[...] um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito em sua descontinuidade em relação a si mesmo” (FOUCAULT, 2019, p. 66).

O autor nos alerta para a investigação do como determinado saber se construiu como algo verdadeiro e naturalizado. Então, é preciso pensar o campo de possibilidades e estratégias que regem o aparecimento do objeto da surdez.

Estas reflexões tiram a surdez de um princípio marcado apenas pelo discurso clínico e consideram outros discursos que se articulam com o primeiro (econômico, midiático, pedagógico, entre outros), por exemplo, quando se “trata de reconhecer que os enunciados talvez não sejam, afinal de contas, o que se acreditava que fosse à primeira vista” (FOUCAULT,

2019, p. 32), ou seja, é preciso trazer o fato de que os saberes que rondam a surdez precisam ser desconstruídos.

Ao levantarmos essas leituras, trouxemos também outros materiais e relatos que demonstram que essa expressão de nominalizar, categorizar o outro, é recorrente em diversas situações do cotidiano. Foucault (2019) coloca que os campos dos conhecimentos empíricos (episteme, história das ideias) são marcados por uma consciência coletiva que são situados em um determinado período da história. Essa consciência coletiva, segundo o autor, é como uma teia que não é possível se desvincular e isso faz parte de um jogo de saber, poder e de constituir-se enquanto sujeito do discurso.

O sujeito Surdo é captado pelas práticas de inclusão e, simultaneamente, pelas práticas culturais e quando se encontra com seus pares, ele interage em Libras e compartilha de trocas visuais e saberes próprios. Quando esse sujeito ocupa outros lugares como o campo educacional, por exemplo, ele é moldado pelo discurso pedagógico, ou quando ele é captado pelas práticas diagnósticas do saber clínico, ele é visto como *deficiente, anormal*.

Com base nesses exemplos, é possível compreender “como” a Libras se tornou um saber linguístico legitimado e com uma gramática própria. Ainda, os jogos de relações são construídos em cenas humorísticas presentes em dois vídeos no *YouTube* em detrimento de outras redes discursivas, como da medicina, economia, linguístico, sociocultural e, por vezes, educacional e como o sujeito é constituído nessas relações.

Ao copilarmos materiais e discussões relativas à surdez e à Libras, obtivemos publicações de notícias jornalísticas na mídia virtual e televisiva sobre avanços e garantia de direitos em prol da comunidade surda<sup>6</sup>, em específico à visibilidade de uma política cultural e identitária do sujeito Surdo, por meio do registro e reconhecimento da Libras, com a aprovação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002) e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), que garantem o acesso a essa língua em diversos espaços sociais, dando ao Surdo a acessibilidade linguística em diferentes espaços e tecnologias formativas, conforme disposto na Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002, p. 1):

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.  
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza

---

<sup>6</sup>O termo “comunidade surda” é utilizada para se referir a um grupo de pessoas (intérpretes, Surdos, familiares, pesquisadores) que se organizam politicamente em associações e clubes e compartilham de uma política linguística e cultural. Isso significa, também, que não é todo Surdo que concebe a Libras como primeira língua e que se identifica com essa comunidade (STROBEL, 2008).

visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 1).

Destacamos que, no artigo acima, a Libras é reduzida ao aspecto comunicacional da linguagem. De acordo com Orlandi (2002), a linguagem não é um mero produto de comunicação, pois, a autora entende que língua (gem) não é neutra e nem transparente, mas ela é atravessada pelas condições históricas e está na organização social de um povo. Contudo, o Estado, ao considerar que a Libras é “um meio de comunicação”, ele exclui o sujeito pela/na linguagem. A Libras não é apenas um canal de comunicação, mas ela é uma forma de interação social, pois é na/pela linguagem que o sujeito interage socialmente.

No Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005), a valorização linguística é viabilizada pela formação de profissionais formados em Libras, cursos de Libras nas áreas de licenciatura e fonoaudiologia. Frisamos que, a criação de uma escola pautada em uma educação bilíngue tem sido estudada e elaborada por professores e pesquisadores da área de Educação e afins.

A proposta inclui a implantação de cursos superiores, como Pedagogia Bilíngue e Letras/Libras, o investimento de formação de professores bilíngues para atuar em escolas bilíngues para Surdos ofertado da Educação infantil ao Ensino fundamental e médio. Ainda, o referido decreto traz uma definição de surdez que é enfatizada pelo grau da perda auditiva e o domínio básico da Libras, ou seja, há um reforço da homogeneização do saber clínico sobre a surdez. Contudo, a surdez não se limita apenas pelo aspecto patológico da audição, mas também por um aspecto de diferença identitária e cultural, como vemos nos artigos a seguir:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005, p. 1).

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - Escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo (BRASIL, 2005, p. 4).

O documento prevê, ainda, que a família do aluno Surdo pode optar que ele tenha Atendimento Educacional Especializado (AEE) na sala de recurso multifuncional na escola regular, com o foco no ensino aprendido da Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2), na modalidade de leitura e escrita, fora do horário de aula, ou que ele (Surdo) seja matriculado em escola bilíngue, em que o foco é a interação e aprendizado entre alunos Surdos, com a interação em Libras como primeira língua, em todo o espaço educacional, e o português como segunda.

Contudo, sabemos que há cidades em alguns estados brasileiros que não oferecem escola bilíngue e o aluno Surdo é matriculado em uma escola de ensino regular, como disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), por exemplo. Ressaltamos que uma dessas escolhas de formação educacional constrói relações afetivas e de aprendizagem entre o sujeito Surdo com outros sujeitos Surdos ou a relação deste sujeito com sujeitos falantes da Língua Portuguesa.

Considerando a diversidade de leis que tratam dos direitos e inclusão dos Surdos, além desses mencionados acima, citamos alguns documentos que dialogam com o *corpus* da pesquisa, no que tange aos aspectos de legalidade linguística com a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015) - Lei Brasileira de Inclusão (LBI) que trata do rompimento de barreiras das pessoas com deficiência, incluindo os Surdos.

O Decreto nº 9.656, de 27 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018), que altera o Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005), é o mais recente documento publicado no que diz respeito à acessibilidade linguística em empresas públicas de cunho federal, estadual, municipal e distrital. Compreendemos que ao fazer o recorte dos enunciados, trazendo leis, noticiários, as imagens e outros campos do conhecimento farão parte do escopo deste trabalho, pois, no princípio arqueológico, compreendemos a lei de existência que rege o aparecimento de outros enunciados dispersos que estão marcados por princípios de inclusão/exclusão:

A esse tema se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um jamais dito, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão vazio de seu próprio rastro (FOUCAULT, 2019, p. 30).

Isso demonstra que a surdez já foi situada em outro lugar e não configura apenas como uma frase pronunciada, mas sim nas atitudes de preconceito ou não que podem aparecer nas marcas do discurso em um dado momento histórico. Orlandi (2002) chama essa relação do já-dito com a historicidade de *interdiscurso*.

O humor pode ser reconstruído a partir de diversas referências textuais e discursivas, seja literária, seja histórica, levando-o a estar preso em um sistema de remissões a outros livros, textos, outros ditos. Esse conjunto de textos e coisas ditas dão existência material para o aparecimento do enunciado. Então, eis a segunda noção importante para o procedimento foucaultiano: *enunciado*.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo; [...]. Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e papéis. Se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um jogo enunciativo que a extrapola (FOUCAULT, 2019, p. 120-121).

Para Foucault (2019, p. 32) o enunciado não é visível, mas que também não é oculto, ou seja, apesar de ele se estruturar a partir de uma condição material que é *signica*, ele não é conjunto de signos, mas é uma “*função composta por signos*” (FOUCAULT, 2019, p. 32, grifo nosso); isso quer dizer que o enunciado atravessa o signo e que só é possível se emergir se composto por uma materialidade seja ela falada, escrita, sons, imagens ou expressões comportamentais.

[...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela *intuição*, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por uma formulação [oral ou escrita]. [...] é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma *função* que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no *tempo* e no *espaço* (FOUCAULT, 2019, p. 105, grifo nosso).

Para categorizar essa sequência de signos como enunciado, o analista precisa descrever os quatro elementos do enunciado: o primeiro, *o referente ou correlato*, é quando um enunciado está em outros domínios enunciativos, ou seja, ele nunca está sozinho e para se encontrar esses outros enunciados, em que é feita a descrição desses enunciados.

O segundo elemento é o *sujeito* e não é aquele que pronuncia a enunciação (diz ou escreve), mas aquele que exerce uma função discursiva, ou seja, ele é filiado a um conjunto de saberes que o constitui. O terceiro elemento é um *campo associado*, em que, o enunciado quando se materializa, há uma formulação ou réplica em outros campos discursivos e o quarto elemento é a *existência material*, ou seja, é pensar quais condições ou o conjunto de signos que possibilitou o aparecimento de tal enunciado. São esses elementos que dão sentido para algo produzido e por um sujeito que chamamos de função enunciativa. De acordo com Foucault (2019, p. 123) “A enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir”.

Desta maneira, não são os objetos de linguagens que se configuram enquanto enunciado, mas é a funcionalidade desses signos dentro de uma existência material que é o vídeo, por exemplo, e situado em um momento histórico definido e marcado pela legitimação do discurso inclusivo.

Foucault (2019) afirma que os enunciados se configuram como verdades que circulam no tempo e só por isso que essas coisas são enunciadas - é a partir da descrição do que é dito, que podemos (analista) entender o funcionamento de uma sociedade. Esses conceitos se articulam a noção de saber e poder. Com base nesses elementos, nosso trabalho visou descrever os diferentes aspectos que rege a formação dos enunciados que cercam nosso objeto de pesquisa: *a constituição de estereótipos e estigmas acerca do sujeito Surdo no discurso humorístico*.

Compreendemos que os gestos, expressão facial, corporal e as imagens se comportam como enunciado, pois esses elementos de linguagem traz um *referente/correlato* do âmbito clínico, educacional, jurídico, econômico e midiático, em que corpo Surdo é posicionado. Além disso, esses saberes são reproduzidos no campo do humor.

Se considerarmos ser a operação dos objetos caricatos que o humor se sustenta, dizemos, também, que o vídeo do *YouTube* é uma *materialidade existente*, pois, além de ser produzido em um dispositivo midiático, que é a *internet*, e com objetivos específicos, os enunciados versam sobre o *sujeito Surdo*. Esse sujeito exerce uma posição/função de, também, sujeito humorista que se relaciona com outras posições, como imoral, doente, esperto e consumidor.

Essas posições são retomadas a partir do olhar do sujeito vendedor ouvinte em relação a outros elementos externos que se agrupam no discurso do humor. Por outro lado, compreendemos que o vídeo é um suporte enunciativo que visa o aparecimento de enunciados outros dentro de uma emergência histórica do discurso humorístico, pois, o humor no meio midiático é uma emergência cultural da contemporaneidade.



Na esteira do humor e a partir de elementos corporais e imagéticos que promovem o riso, nosso foco de estudo é a circulação de enunciados eivados de estereótipos produzidos na mídia por personalidades humorísticas, como Jonathan Nemer e Léo Lins, que satirizam a comunidade Surda e Libras, bem como a figura do sujeito Surdo, o que gerou alvo de protesto pelo movimento Surdo nas redes sociais, como *Facebook* e *YouTube*.

O ato de mimetização ou denominada de língua caseira tem marca histórica que regeu as práticas educacionais do século XIX (SKLIAR, 2016) e que foi captado por uma coletividade social. É possível pensar os gestos como algo que não é pontual, mas que está no curso da história, ou seja, uma *prática discursiva*. Essa noção define-se enquanto algo que tem uma regra de aparição que é o riso sobre algo que é cômico, tem uma regularidade, pois os estereótipos são práticas realizadas não apenas pelo humor, mas também, eles estão em outros campos e espaços. Dito isso, vemos que o discurso humorístico tem uma emergência histórica e social que é regida por uma política de inclusão em Estado Neoliberal e também pelos acontecimentos dos movimentos políticos realizados pelos Surdos, familiares e profissionais da área.

Os discursos sociais e clínicos sobre a surdez, a coloca “em um nó em uma rede” (FOUCAULT, 2019, p. 28). Por isso, tratamos do discurso humorístico em relação a outros discursos, como discurso médico, econômico, linguístico, sócio antropológico, educacional e entre outros. Cabe mencionar que nosso *corpus* está situado nesses campos do saber e serão denominados de Formação discursiva, pois, Foucault (2019) faz um trabalho de delimitação do campo que mobilizamos como: economia, linguística, medicina. Com base nessa discussão, aplicada a nossa materialidade, vemos que o vídeo de humor sobre a surdez é composto por essas formações discursivas, que constituem o sujeito surdo e como ele é visto na sociedade civil.

Pensando nisso, destacamos que no discurso clínico, embora haja uma força (movimentos sociais e políticos) da vertente socioantropológica, há, nas práticas cotidianas, midiáticas, educacionais e institucionais (empresas privadas, públicas, filantrópicas, entre outras), a supremacia da vertente clínica, ou seja, ela é hegemônica tanto no campo da Educação Especial quanto em outros saberes, como o jurídico, por exemplo.

O saber clínico é o que determina a posição corpórea e institucional que o sujeito com deficiência ocupa na sociedade civil. Um exemplo dessa força do discurso clínico, é quando o sujeito com deficiência encontra dificuldades em encontrar emprego e precisa fazer esse direito valer por meio da força do discurso judiciário, que, por sua vez, faz sentenças com base em laudo médico.

Dito de outro modo, o campo judiciário utiliza-se de instrumentos comprobatórios para determinar se o sujeito com deficiência tem direito ao emprego ou não. Isso mostra que, ao longo do processo histórico, o objeto surdez foi se transformando e está no domínio das formações discursivas clínica, econômica e linguística. Esses atravessamentos discursivos tratam a surdez como um termo amplo e complexo, pois, são esses saberes que ditam coisas sobre a surdez, ao ponto de não ser possível estabelecer uma unidade discursiva (SKLIAR, 2016).

Somado a isso, quando o sujeito que não sabe Libras se depara com um Surdo, há uma certa resistência de aproximação, visto que a interação linguística se torna uma barreira, pois são sujeitos que interagem por meio de línguas com modalidades diferentes: a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa relação de receio de manter contato com o sujeito diferente é denominada por Amaral (1998) de *contágio osmótico*.

A autora adverte que o “‘contágio osmótico’ refere-se ao medo (pavor mesmo) da ‘contaminação’ pelo convívio. O velho ditado ‘diga-me com quem andas e te direi quem és’ talvez seja um dos seus cúmplices involuntários” (AMARAL, 1998, p. 17). Isso significa que quando o sujeito se depara com outro que interage em outra língua, há o medo por não saber se expressar ou até de submeter em uma condição de constrangimento, fazendo mímicas e expressões faciais involuntárias. Quando um sujeito social/leigo se depara com o sujeito Surdo que é, linguisticamente e corporalmente, diferente, em algumas situações, este sujeito prefere se esconder e evitar se expor na outra língua, pois a desconhece.

Enfatizamos que, mesmo com tantas digressões conceituais e estereótipos sobre a pessoa surda, o sujeito Surdo conquistou, em nível de lei, a garantia de ter uma formação focada no ensino de Libras como L1 e português como L2 na modalidade escrita. Isso só foi possível quando, em um dado momento, os sujeitos Surdos ficaram visíveis, devido às suas lutas e protestos organizados pela comunidade surda em *associações de Surdos*. Essa força discursiva e política mostra que eles não são pessoas incapazes e limitadas, e que eles possuem uma cultura e uma legitimidade política e cidadã. Em relação à concepção de que o sujeito Surdo é totalmente “deficiente”, Amaral (1998) enfatiza que esse é um mito caracterizado como *generalização indevida*.

Essas lutas foram observadas em diversas situações, como em rodas de conversas, encontros em associações, na universidade, leitura e estudos sobre os documentos e leis que são consequências dos acontecimentos e coisas que categorizam a comunidade surda nessa ordem discursiva, como participação de eventos acadêmicos e entre outros espaços que circulam diversas afirmações sobre surdez e as suas especificidades e que estabelece uma relação de

força com os estereótipos e estigmas impostos sobre a noção de surdez. Eis a quarta noção: *acontecimento discursivo*.

Para Foucault (2019) o acontecimento discursivo é pensar como um enunciado emergiu em condição histórica específica, ou seja, é entender como surgiu o enunciado sujeito Surdo antropológico ou Libras, por exemplo, e não outro em seu lugar. Desta forma,

O campo de acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas, elas bem podem ser inumeráveis e podem, por sua massa, ultrapassar toda capacidade de registro, de memória, ou de leitura: elas constituem, entretanto, um conjunto finito (FOUCAULT, 2019, p. 33).

Na seção da análise (capítulo 3), descrevemos sobre a noção de *status linguístico* a partir da construção do saber Libras por meio das reivindicações de movimentos sociais Surdos que coloca a Libras em uma situação de aparecimento específico e exclui outras possibilidades de pessoas fazerem uso dessa língua, ou seja, é no encontro dos corpos Surdos em movimentos que o enunciado da Libras emerge e se dispersa para outros campos, como o educacional, por exemplo. O fato de o sujeito não fazer parte dessa ordem discursiva, o exclui esse modo de saber, pois estar nessa ordem compreende não apenas dominar os aspectos linguísticos, mas um modo de se posicionar politicamente.

Esse jogo de relações descrito acima demonstra, com base em Foucault (2019) que, o acontecimento discursivo não é material e nem imaterial, porém passa pela materialidade (corpo, imagem, gestos, expressões, entre outros.) para se expor e produzir coisas. Esse acontecimento se faz nos corpos e eles formam um conjunto de acontecimentos que não são simultâneos, mas que promovem efeito de sentido. Os acontecimentos históricos e atitudinais sobre os Surdos são exemplos de acontecimentos discursivos que reaparecem em outros momentos e em outras materialidades discursivas, no caso do humor veiculado na mídia, em que há uma regularidade desses acontecimentos.

A arqueologia descreve os enunciados como acontecimentos. A descrição em termos de acontecimento, em lugar das condições gramaticais ou das condições de significação, leva em consideração as condições de existência que determinam a materialidade própria do enunciado. A noção de acontecimento se opõe a ideia de criação (CASTRO, 2009, p. 25).

Assim, os acontecimentos de protestos dos Surdos quanto a piadas feitas pelos humoristas na mídia, nos instigaram a pensar a relação de embates de forças discursivas entre os sujeitos surdos, os sujeitos ouvintes e instituições que desconhecem a particularidade linguística e cultural surda. Há, nessa relação, os embates discursivos das instituições clínicas,

jurídicas, pedagógicas e midiáticas. Por isso, escolhemos materiais audiovisuais veiculados na *internet* entre 2016 e 2017, restringindo-nos aos vídeos veiculados no *YouTube*.

As piadas são mecanismos eficazes de produção de estereótipos e possuem materialidade linguística e imagética-corporal. Diante disso, nos vimos desafiados a analisar linguisticamente e discursivamente um material que é constituído de linguagem híbrida e enfatizar o quão complexo é tratar desse assunto (surdez) no contexto sócio-político atual, pois estamos lidando com materialidades híbridas (vídeos de *humor*) que compõem duas esferas culturais e históricas distintas<sup>7</sup>, (re) produzindo discursos e materialidades em outras condições históricas, no nosso caso, a era da sociedade do espetáculo midiático.

Foi diante desses acontecimentos que nos propomos analisar os processos que levam a produção desses discursos de estereótipos sobre os sujeitos Surdos na atualidade, considerando não apenas com os enunciados escritos, mas também os enunciados imagéticos, gestos, expressões faciais e corporais em movimento. Dentre os enunciados que serão analisados, identificamos os enunciados ditos (estereótipos e estigmas) que embasam a construção do humor híbrido.

Frisamos que os vídeos de humor podem ser construídos por elementos de linguagem híbrida, dentre eles, o *stand-up comedy* (o humorista traz piadas em formato de monólogo e em um palco com a presença da plateia) e outras referências fílmicas, como o espaço definido, com enredo definido e personagens.

Neste limiar teórico, leis não são vistas como documentos prontos que devem reger o *status quo* social, ou seja, esses regimentos legislativos são tratados por Foucault (2019) como sistema de enunciados, pois, as leis representam a cristalização de determinada ideia sobre surdez nas condições históricas e nas relações de poder entre movimento Surdo e governo. Com isso, a naturalização do documento legislativo enquanto “regime de verdade” e parte de uma ação anterior de recorte e análise do governo pelo poder jurídico que permitiu que os documentos tenham sido tomados como verdadeiro.

O regime de verdade pressupõe que a naturalização de determinado saber e a criação de coisas se dão no acordo coletivo entre instituições governamentais e a sociedade, externalizando ideias (estereotipadas) sobre os Surdos. A circulação de enunciados estereotipados são historicamente situados, em que os Surdos foram tratados como sujeitos doentes e invisíveis na

---

<sup>7</sup> O contexto sócio-político no Brasil está configurada nos acontecimentos de impeachment de Dilma Rousseff ocorridos em 2016 e a posse do vice-presidente Michel Temer em 2017. Nesse período, houve novas ações afirmativas para a difusão da Libras foram aprovadas, como a tradução da prova do Enem em Libras, 2017 e a aprovação da lei n. 9. 656/18 que institui que altera o Decreto nº 5.626/2005 quanto a acessibilidade em órgãos federais, sendo instituído a contratação de intérpretes e formação em Libras para funcionários.

sociedade, visto que eles eram mantidos m casa sobre os cuidados das famílias. Em outros casos, alguns surdos eram levados para internatos (SACKS, 1998). Além disso, há a legitimação de determinados documentos (leis, exames e entrevistas) que tem sido divulgado pela mídia atual, para legitimar o saber clínico em detrimento de outros saberes sobre a surdez (econômicos, políticos e sociais), enfatizando que as pessoas surdas são vistas como doentes e que precisam de tratamento. A ruptura dessa concepção clínica é um dos desafios enfrentados para a inclusão dos Surdos no Brasil. As leis e decretos, que versam sobre a inclusão das pessoas com deficiência, contribuem para a consolidação de sentidos híbridos sobre o sujeito Surdo.

Nesta perspectiva, e em diálogo com a teorização foucaultiana, a mídia foi tratada como um dispositivo, isto é, como um instrumento de construção de saberes instituídos como “verdade” na sociedade moderna. Os recursos audiovisuais, em específico as redes sociais, têm contribuído na organização do movimento Surdo, bem como na interação por meio da Libras. Com isso, não podemos negar que a grande mídia tenha *status* de produtora de conteúdos verídicos, ou seja, a circulação de falas de autoridades e de fatos investigados constrói a “ilusão” de que não pode ser contestada. Contudo, com o advento da popularização da *internet* no Brasil e o fácil acesso desses materiais, nos mostrou que o direito de voz não se restringe mais apenas a grandes instituições midiáticas, como a imprensa televisiva, de rádio e jornais impressos.

A produção de informação se expandiu para o meio virtual, pois com o surgimento da *internet*, as pessoas e até as grandes instituições políticas, jurídicas e movimentos sociais, passaram a utilizar desse instrumento para produção e circulação de conteúdo, não ficando restrito aos grandes meios de informação midiática. Contudo, a dispersão de conteúdos nessa rede virtual permitiu a circulação de informações equivocadas (*Fake News*), em específico sobre os Surdos, gerando conflitos e até processos judiciais.

Esses acontecimentos, no escopo midiático, nos possibilitaram observar o aprimoramento desse mecanismo na produção de verdades e sujeitos, tendo em vista que ao pesquisarmos sobre o tema, nos deparamos com duas vertentes sobre a surdez (visão clínica e sócia antropológica), contendo termos como Surdos oralizados, Surdos sinalizados, Surdos bilíngues, bem como cultura Surda, comunidade Surda e entre outros termos, contribuindo para formação de múltiplas identidades.

Considerando as questões acima, esta Dissertação teve como objetivo analisar os processos de subjetivação surda, a partir dos conjuntos de enunciados/saberes estereotipados estigmatizantes acerca do sujeito Surdo constituídos pelo discurso humorístico presente em dois vídeos de humor disponíveis no *YouTube*.

Já os objetivos específicos foram: a) Identificar e descrever os estereótipos presentes em discursos de humoristas presentes em vídeos de humor híbrido; b) Refletir como o sujeito Surdo é subjetivado pelos enunciados, discursos e saberes carregados de estereótipos; c) Problematizar o uso dos dispositivos linguístico-discursivos produzidos sobre/no corpo do sujeito humorista e Surdo no YouTube; d) Fomentar as discussões sobre cultura e identidade Surda, bem como refletir acerca das legislações sobre a inclusão dos Surdos em diversos espaços sociais em uma perspectiva histórica para os dias atuais.

Para alcançarmos os objetivos acima, traçamos um estudo esquematizado dentro de três eixos foucaultianos: arqueológico (a formação dos saberes), genealógico (a produção dos poderes pelas instituições corretoras) e o ético (produção de subjetividade de sujeito/si).

Na perspectiva teórica-metodológica chamada de arqueologia, concordamos com o fato que tudo que produz efeito de sentido e verdade é discurso, como as leis, os sujeitos, história descritiva e que a própria mídia produz saber e poder. É possível pensar, por exemplo, como os saberes instituídos no campo humorístico produzem representações sobre os sujeitos Surdos, enquanto objeto de estudo das ciências humanas, ou seja, a surdez é uma prática não apenas social, mas também discursiva que perpassa pelas relações sociais e pela memória.

No procedimento genealógico, Foucault (2009) vai mostrar que toda produção do saber é permeada por relações de poder, ou seja, os saberes produzidos pela mídia interferem na vida das pessoas, fazendo com que a sociedade tome como verdade, a partir de alguns princípios socialmente impostos, silenciando outros sujeitos e possibilidades de dizeres. Assim, trouxemos a noção de dispositivo, poder e processo de subjetivação.

Essas questões até aqui abordadas são empregadas como objeto de informação pelas mídias e que vimos como uma materialidade em potencial de produção de discursos. Paralelo a isso, dentro dessa rede midiática, estudamos a mídia de entretenimento, em específico na *internet*, pois é um dos meios mais produtivos de circulação de estereótipos e tem o intuito de “divertir” o telespectador, ou “passar tempo”. Assim, o enunciado surge a partir de um conjunto de regras dentro de um determinado saber ou formação discursiva que dão margem de existência para as frases, atos de fala, proposições, ou seja, o enunciado está nos interstícios desses signos.

É possível entender que o saber se articula a partir desses conjuntos de enunciados ou enunciações que regulam o que pode e o que não pode ser dito. Foucault (2019) explica que o sujeito que busca a verdade a partir do conhecimento foi construído historicamente e que esse conhecimento é compreendido nas relações de poder. Esse conhecimento é usado como um instrumento de dominação.

O saber se institui a partir das lutas de forças impostas em uma determinada época ou grupo social, ou seja, entender as práticas como elas devem ser entendidas. Dentro de um saber há a ocupação de posições de sujeitos que se relacionam com outras posições e essas relações são determinadas por diversas posições de sujeito. No vídeo, vemos algumas dessas posições: o Surdo, humorista, consumidor, entre outros. O sujeito atendente também ocupa posições de sujeitos quando satiriza o modo de interação com o Surdo, retomando saberes-poderes sobre a surdez.

A partir desse trabalho, apontamos que a produção de pesquisas sobre o humor enquanto um instrumento de construção de saberes estereotipados sobre a surdez ainda é escasso, considerando que a contação de piadas sobre os Surdos é uma prática antiga e que era feita em rodas de conversas (oralidade) e que teve notoriedade com a popularização da *internet*. Para Possenti (1998, p. 41) “as piadas são culturais”.

Com base nessas observações, procuramos trabalhos que tratassem sobre a representação do sujeito Surdo pelo humor e encontramos apenas um artigo da pesquisadora Eliane Reis intitulado *Construção discursiva do sujeito surdo em charges que circulam na internet* publicado nos anais do II Congresso internacional de Educação Inclusiva e II Jornada Chilena de Educação Inclusiva (II CINTED) publicado em 2016. Esse trabalho teve como foco analisar o modo como o sujeito Surdo é representado por meio das *charges* por meio dos Estudos Culturais e de procedimentos conceituais foucaultianos, descrevendo os estereótipos presentes no suporte vídeo.

Ainda encontramos, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), uma dissertação e, na *Scielo*, um artigo que se aproximam da temática, tendo como base o uso dos descritores *humor*, *surdez*, *YouTube* e *Análise do Discurso (AD) de linha francesa*. Na dissertação intitulada *Ciberhumor nas comunidades surdas*, o pesquisador (SCHALLENBERGER, 2010) detectou elementos culturais e identitários da comunidade surda por meio do humor veiculados em vídeos de *YouTube*.

Este trabalho coloca em foco o humor enquanto um artefato cultural do sujeito Surdo, como descreve Strobel (2008) e ainda mostra o quanto a tecnologia é um mecanismo de difusão desse saber identitário e cultural. Além desse trabalho, existem outras pesquisas voltadas a questão da Literatura surda e o humor é um dos temas estudados pelo grupo de pesquisa denominado de *Estudos Surdos*, tendo como exemplo o que eles denominam como piada surda, anedota entre outros.

Já no artigo *YouTube e surdez: análise do discurso de surdos no ambiente virtual*, Festa, Guarinello e Berberian (2013) analisam os discursos Surdos presentes no vídeo do *YouTube*,

demonstrando que os sujeitos Surdos usam desse mecanismo virtual para reivindicar a valorização da Libras e organizar movimentos sociais em prol da comunidade Surda.

Diante disso, escolhemos trabalhar com enunciados híbridos que compõe o discurso de estereótipo construído pelo humor na plataforma *YouTube*. O *corpus* que escolhemos é composto de um conjunto de enunciados de onde emergem o discurso de estereótipo do Surdo pelo humor de *stand-up*. Bauer e Aarts (2002) discutem sobre a distinção entre pesquisa quantitativa (*hard*) que dispõe de dados numéricos estatísticos e qualitativa (*soft*) que dispõe de dados interpretativos, ou fenômenos sociais.

Desta forma, nos apropriamos da última opção para lidar metodologicamente com material *on-line*. Os autores enquadram quatro procedimentos de pesquisa, sendo eles: “princípios do delineamento (coleta de documentos), geração de dados (vídeo *on-line*), análise dos dados (Análise do Discurso) e interesses e empoderamentos” (BAUER; AARTS, 2002, p. 19). Esses caminhos compõem uma pesquisa de caráter social, já que “A pesquisa social, portanto, apoia-se em dados sociais — dados sobre o mundo social- que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação” (BAUER; AARTS, 2002, p. 20), no caso, virtual e informal.

Com base na teorização sobre a noção de *corpus* e sua delimitação em um campo, fizemos recortes das imagens em movimentos por meio de fotogramas. De acordo com Aumont e Marie (2004), o fotograma é uma linguagem imagética estática de uma produção fílmica que apresenta critérios de recorte: “Há em regra geral e desde a padronização do cinema falado, 24 fotogramas por segundo de filme” (AUMOUNT; MARIE, 2004, p. 136).

Recorremos às autoras para fundamentar nossa ação metodológica de fragmentar o texto audiovisual (vídeo) e fazer dele uma unidade de análise. No caso, os vídeos estão veiculados na plataforma virtual do *YouTube* (dispositivo midiático) que se materializa por enquanto um enunciado particularizado pelas flexibilidades de qualquer sujeito criar materiais culturais.

Com o auxílio da ferramenta de captura disposto pelo próprio *Windows* do computador, construímos fotogramas dos vídeos de humor que, particularmente, trazem expressões faciais, corporais-gestuais e imagéticas enunciados, colocando-os nos jogos de relações socioculturais distintos, capturando o movimento da câmera e dos personagens, posição e profundidade da imagem:

De um ponto de vista teórico geral, o fotograma é um objeto paradoxal. Num sentido ele é a citação mais liberal que se possa imaginar de um filme, visto ser retirado do próprio corpo desse filme; mas ao mesmo tempo ele



testemunha a paragem do movimento, a sua negação (AUMONT; MARIE, 2004, p. 54).

Para a transcrição dos enunciados linguísticos, nos valem da escuta das falas e risos, respeitando as pausas e a intensidade das vozes dos sujeitos (humoristas, Surdo e plateia). Ainda nessas transcrições, além de descrevermos as falas dos participantes como é literalmente falado, sem fazer nenhuma modificação, colocamos escrito entre parênteses e em caixa alta os elementos visuais, comportamentais e sonoros expostos em vídeos humorísticos, como o riso, os gestos e os aplausos.

Aprofundamos sobre essas e outras questões a partir da Análise do Discurso de vertente francesa, no procedimento arqueológico foucaultiano, pois é um caminho teórico-metodológico que nos possibilita pensar na interpretação e a produção de discursos na interação social. Ela investiga o uso das linguagens em diversas possibilidades de sentidos e formas de sujeitos em um dado momento (contexto histórico).

Todos os termos procedimentais citados anteriormente serão retomados ao longo do trabalho como uma tentativa de nos posicionarmos enquanto analista do discurso sem determinar um regime de coisas e regras acadêmicas pré-estabelecidas.

A Dissertação foi estruturada em três Capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. No primeiro Capítulo, apresentamos as “ferramentas” teóricas utilizadas no texto. Fizemos reflexões teóricas sobre a Análise do Discurso, partindo das discussões sobre a mídia enquanto dispositivo de saber-poder e de bases conceituais sobre discurso do humor, *stand-up comedy*, a narrativa híbrida e sobre os elementos linguístico-discursivos que constroem a piada sobre surdez. Por fim, fomentamos discussões sobre a surdez e o humor, refletindo acerca das legislações sobre a inclusão dos Surdos em diversas materialidades e espaços sociais.

No segundo capítulo, refletimos como o sujeito Surdo é produzido/subjetivado pelos enunciados, discursos e saberes carregados de estereótipos, identificando a formação dos enunciados que compõem os estereótipos e delimitar o humor em um campo discursivo (POSSENTI, 2018), trazendo as práticas de gestualização e aspectos gramaticais da Libras - os estudos fonológicos dos sinais, mostrando as redes enunciativas presentes nesses modos de performatização tanto dos atores quanto do Surdo. Além disso, no processo de descrição, identificamos os estereótipos e estigmas presentes sobre o corpo Surdo e o atendente do *Subway* (humorista) e mostrar as relações de saber-poder existentes entre esses sujeitos.

No terceiro capítulo, analisamos os enunciados compostos nos dois vídeos e como contribuem na reprodução de saberes e práticas que subjetivam o sujeito Surdo tanto pelo

discurso clínico quanto pelo discurso socioantropológico, descrevendo os estereótipos presentes em discursos de humoristas presentes em vídeos de humor híbrido. Além disso, problematizamos o uso dos dispositivos linguístico-discursivos produzidos sobre/no corpo do sujeito humorista e Surdo e quais os princípios que regem as relações de saber-poder entre o sujeito Surdo e o atendente (não sabe Libras).

Para tanto, filiamo-nos também aos teóricos dos *Estudos culturais*, *Estudos Surdos*, *Estudos linguísticos* (semiótica) e *Sociologia* para refletirmos sobre os princípios de exclusão *versus* inclusão que cercam a formação de subjetividade do sujeito Surdo a partir de uma ordem discursiva sócio antropológica, dispondo de conceitos como identidade, cultura surda e processos de subjetivação a partir do campo do humor no *YouTube*.

## CAPÍTULO 1

### APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A MÍDIA E O HUMOR NA FORMAÇÃO DO OBJETO SURDEZ

Neste capítulo, apresentamos os conceitos teóricos e aspectos metodológicos que sustentaram a pesquisa. Com o intuito de buscar uma aproximação ao objetivo, a seção foi dividida em três partes. Na primeira parte, tecemos discussões gerais acerca da produção midiática enquanto um campo discursivo em que circula saberes e poderes como se fossem verdades. Na segunda parte, discutimos sobre os conceitos semiológicos sobre o vídeo na plataforma do *YouTube* com base nos conceitos foucaultianos e teoria do humor. Por fim, na última parte traçamos as noções de surdez articuladas ao discurso midiático.

#### 1.1 O discurso midiático como dispositivo de saber-poder

A mídia é uma das invenções mais produtivas usadas pela sociedade contemporânea. A ascensão da imprensa, do rádio, televisão e outros meios de informação surgiram da necessidade de se registrar acontecimentos e legitimar determinados discursos e práticas sociais, culturais e políticas. Nesse sentido, a mídia é pensada como um elemento de saber-poder, na medida em que ela ressignifica alguns discursos e resgata outros por meio da memória coletiva – exercendo poder sobre a opinião pública.

No caso do humor, o poder se exerce nas bases dos discursos e acontecimentos já prontos, como político, econômico, práticas institucionais e ações cotidianas que são retomados de maneira estereotípica e essa prática satírica e cômica é posta como algo culturalmente naturalizado quando faz parte da mentalidade social.

Frisamos que, é com base nos usos de estratégias visuais (imagens, gestos), instrumentais (câmera, microfone), orais e escritos (entrevistas, documentos legislativos, pautas) que o saber se instaura de maneira a enfatizar exageradamente determinado grupo ou situações cotidianas. De acordo com Foucault (2009), o saber é tratado como um conjunto de coisas e regras que permite que determinado discurso circule, ou seja, o saber é não apenas um conhecimento específico (filosofia, política, entre outros), mas sim como uma episteme – conjunto de conhecimentos e práticas, agregando materiais orais, diários, entrevistas, comportamentos, e o próprio homem como objeto de saber.

Refletimos, então, como as linguagens (entrevistas, piadas, *shows*, entre outros), os discursos e os saberes (clínicos, jurídicos, pedagógicos, entre outros), que estão em outras

formações discursivas são reproduzidos pela mídia como “verdades”, subjetivando sujeitos e legitimando práticas. Podemos compreender a mídia como um dispositivo. Para Foucault (1979), o dispositivo é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Para Charaudeau (2013), todo saber construído pelo dispositivo midiático é constituído de discursos outros e eles são regidos de regras para sua circulação por meio de estratégias e regulações de controle de poder, no qual a mídia é interligada por uma rede de discursos (instituições, entrevistas, leis, medidas, proposições morais, ações, entre outros) que estão relacionados ao poder disciplinar.

Assim, a instituição midiática é vista como um dispositivo que produz discursos que levam para o social, de modo que determinados discursos sejam vistos como naturalizados em detrimento de outros discursos, seguindo a uma ordem do discurso. A noção de discurso dispõe que

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada, temível materialidade” (FOUCAULT, 2014a, p. 8).

Nessa premissa, o discurso não é o conteúdo (o que diz), mas quem diz, em que momento diz, como diz e, por fim, para quem diz (é a ação do discurso). O conhecimento produzido pela mídia segue algumas regulamentações que fazem com que algumas práticas e saberes sejam aceitos pela sociedade e outras não. Para Foucault (2014a) os discursos aparecem na interação social, ou seja, eles não existem fora da relação, mas é o próprio discurso que produz as coisas, instituições, leis, verdades, sujeitos e poder.

Tudo que produz sentido e coisas é discurso. Dito de outro modo, Foucault (2014a) define discurso como ato de dizer, passar, articular e manter ideias em determinado campo simbólico, seja ele da palavra, da escrita, do olhar, dos gestos, entre outros, e como a junção desses discursos formam determinado saber e poder.

Enfatizamos que a mídia é um mecanismo de propagação de saberes que visam constituir subjetividades e essa produção tomou notoriedade, na medida que o homem se tornou objeto de estudo das ciências humanas, mostrando o modo como a mídia constitui e circula saberes e modo como se pensa sujeitos na sociedade moderna – a mídia não é uma instituição neutra.

As mídias não transmite o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constrói no espaço público. A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscribe, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento (CHARAUDEAU, 2013, p.19; 36).

Partindo dessas afirmações, de acordo com o autor, a mídia é mencionada não como instrumento que passa informação sobre determinado saber da sociedade, mas como um dispositivo de produção de saberes, discursos, poder e subjetividades. Entendemos que as relações de poder não se dão apenas por estruturas, mas também por micropoderes, ou seja, a relação entre o telespectador e o transmissor da informação não é passiva, mas constrói modos discursivos e identificação tanto para quem produz determinado saber quanto quem o “recebe”. Assim, essas relações implícitas constroem uma *vontade de saber*.

No tópico “procedimentos internos”, em *A ordem do discurso*, Foucault (2014a) discute sobre o procedimento de exclusão denominado *verdadeiro e falso*. Essa forma de controle do discurso advém do conceito *vontade de verdade* discutido por Nietzsche. A ação de nominar, categorizar e ter uma vontade de saber do conhecimento linguístico, político e social, é uma maneira da sociedade e as instituições públicas e privadas de se organizarem e coordenar em discursos que já sabem, portanto, verdadeira, com os discursos que não sabemos ou que sabemos de forma restrita e não são categorizados como verdadeiros.

Há um combate "pela verdade" ou, ao menos, "em torno da verdade-" entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder"; entendendo-se também que não se trata de um combate "em favor" da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha (Foucault, 1979, p. 13).

Ao falarmos de *verdade*, nos distanciamos de uma forma de verdade que está atrelado ao fato estático e nos aproximamos de uma noção de verdade que é construída a partir de um conjunto de saberes e preceitos que são determinados na/pela realidade social. Para Foucault

(1979, p. 14) se trata de um “efeito de verdade”, que é o processo de produção de discursos e materialidades externalizadas, sentidos sobre as coisas e, como esses elementos se infiltram nas relações sociais.

Contudo, focamos em um princípio multiplicador do discurso, que é o *comentário*, visto que, no *Desconfinados* e *Léo Lins*, há uma série de repetições e retomadas de discursos e práticas a partir do que é posto socialmente e institucionalmente. Em outras palavras, o discurso humorístico reproduz a figura do comentador (humorista), que revisita o discurso linguístico sobre a surdez e as políticas de inclusão para expor coisas que não são ditas explicitamente e irá expandi-la a novos discursos, articulando já conceitos expostos e focando em algo novo que ainda não foi dito ou feito antes.

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. A multiplicidade aberta, os acasos são transferidos, pelo princípio do comentário, daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. *O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta* (FOUCAULT, 2014a, p. 25-26, grifo nosso).

Cabe salientar que, a novidade instaurada sobre o tema surdez se dá não pelo que é dito pelos humoristas, mas é no efeito de sentido construído em volta da interação entre o sujeito Surdo e atendente, ou sujeito humorista e plateia, fazendo com que determinado conjunto de movimentos ou repetições gestuais se configurem como um acontecimento, ou seja, algo que só é produzido naquele momento e por aqueles sujeitos do discurso.

As inúmeras formas de repetições, “na sociedade do espetáculo midiático, tudo deve ser efêmero. Uma vez da estabilidade, deve-se buscar uma rede de conexões, pois a identidade é ambivalente: ao mesmo tempo, sonho e pesadelo” (GREGOLIN, 2008, p. 86). Ainda, vemos que, há a expansão desse “poder multiplicador” do discurso quando esses vídeos são vinculados à plataforma do YouTube, onde se permite a modificação e a construção discursiva de resistência de um grupo ou a legitimação desses estereótipos e estigmas reproduzidos nos dois vídeos, constituído a subjetividade de sujeito.

Como exemplo, vemos que o saber clínico (fonoaudiologia, otorrinolaringologia) inscreve normas sobre a surdez e que é aceitável por um coletivo social. Ainda, esse discurso médico aparece na mídia como algo cientificamente verdadeiro, tendo em vista que a fala médica acompanha um conjunto de discursos e práticas diagnósticas que circulam em outros campos discursivos e que tem o propósito de identificar, categorizar e corrigir o sujeito atestado

como doente. Por ser uma forma de saber que coloca em testes e comprovação dos procedimentos físicos e comportamentais, a sociedade tende a tomar alguns enunciados como verdadeiros, a partir de diagnósticos da surdez ou deficiência auditiva (DA)<sup>8</sup> provido por testes e laudos.

Quanto ao saber antropológico sobre a surdez, ele é instituído como um saber não validado por um grupo de pessoas ou até pela própria medicina, visto que, primeiramente, não é um conhecimento naturalizado por todos e, o segundo se localiza dentro de uma proposta que não vê a surdez como patologia, mas como marca de diferença que compõe a identidade do sujeito Surdo.

Entender essas duas ordens discursivas é imprescindível quando tratamos sobre os discursos que a mídia se afilia e quais os mecanismos persuasivos utilizados por ela para que determinado saber ou acontecimento sejam validados para funcionar e ser aceito pela sociedade. Com base em Foucault (2014a), entendemos que a mídia quando se utiliza do campo humorístico para problematizar um tema, um acontecimento ou dos discursos, ela (mídia) entende que a junção de símbolos, signos imagéticos e, também, o uso de conceitos estereotipados, como notamos na análise do vídeo *Surdo no Subway*, do canal *Desconfinados* ou em um programa humorístico como o *Zorra Total*, tendem a chamar a atenção do público, seja positivamente, seja negativamente.

Desta forma, compreendemos que a mídia, enquanto dispositivo de saber-poder, influencia na formação de opinião das pessoas, interferindo na constituição do espaço público e nas regulações de discursos naturalizados como verdade, excluindo o diferente. Assim, o efeito de verdade se dá por meio do poder disciplinar, havendo disciplinarização não apenas dos corpos individuais, mas também dos corpos sociais, como dos grupos que estão à margem da sociedade: mulheres, sujeitos com deficiência, homossexuais, negros e entre outros.

Partindo dessas reflexões sobre a mídia enquanto um dispositivo de saber-poder, que nos propomos descrever sobre os modos como o Surdo é captado pelo discurso midiático no âmbito do discurso humorístico. Fizemos essa delimitação, pois, sabemos que o humor é um gênero do discurso, em que se é possível falar de maneira caricata e ridícula sobre um grupo ou tema social sem sofrer grandes consequências desde que esse tipo humor seja aceito por uma mentalidade sociocultural, como no Brasil.

---

<sup>8</sup> Gesser (2009) afirma que há diferença conceitual entre surdez e deficiência auditiva. A primeira, no saber clínico, se refere a uma perda total da audição e a língua de sinais como principal mecanismo de interação social e a segunda se refere a uma perda parcial ou severa da audição e o sujeito não interage em língua de sinais.

Cabe lembrar que “há limites no humor” (POSSENTI, 2018, p. 101) no que diz respeito à forma e à categoria de piada contada pelo humorista, pois, quando uma determinada piada fere os princípios morais e institucionais de um grupo e gera motivo de indignação e protesto, significa que ela não é aceitável pelo público.

Em relação ao *corpus*, escolhemos, dentro da gama midiática, materialidades que circulam na *internet*, como notícias de jornais, piadas, mas nos centramos em vídeos veiculados no *YouTube*, e essa plataforma é composta pela hibridização de textos (linguísticos, imagéticos e corporais), chamados de textos audiovisuais (SANTAELLA, 2002). Encontramos, na mídia, textos humorísticos como piadas, memes, charges e entre outros que compõe o discurso do humor.

Enfatizamos que o *YouTube* é uma das instituições discursivas que compõe o dispositivo midiático e como se caracteriza como uma mídia de entretenimento, gera capital. Falamos por instituição discursiva, pois, é mais que uma ferramenta de *internet*, mais uma empresa que foi criada, em 2005, por um grupo de funcionários na cidade de San Bruno, Califórnia<sup>9</sup>.

Nesta perspectiva, entendemos que a mídia do *YouTube* governa o outro, indicando aos indivíduos os modos de ser e estar no mundo, portanto, ela subjetiva, por meio da veiculação de saberes copiladas de diversas instituições ou sujeitos que constitui uma posição discursiva, como médicos, advogados, governo, entre outros. Essa construção discursiva se constitui no segundo vídeo intitulado *A única redação nota 1000 do Enem 2017*.

No segundo vídeo, há a articulação de diversos enunciados de campos discursivos distintos, mas que produz efeito de sentido sobre as pessoas surdas e retoma alguns discursos já cristalizados.

Desta maneira, a mídia é composta por um conjunto heterogêneo de elementos verbais e não-verbais, como a fala, imagens, gestos, o corpo, presunções, arquiteturas, discursos científicos, morais, leis e, principalmente tecnologia são dispositivos que têm o objetivo de produzir e controlar os sujeitos nas relações de poder. Enfatizamos que o poder não é uma coisa sobre a qual se detém, ou se exerce de maneira repressora sobre alguém, e sim é uma rede de relações, em que todos detêm o poder, ou seja, há *relações de poder* (FOUCAULT, 1979).

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.subway.com/pt-br/aboutus/history>. Data de acesso: 15 jan. 2021.



## 1.2 Hibridização dos materiais audiovisuais: teorização do vídeo de humor e o *YouTube*.

A produção do vídeo é uma prática cultural contemporânea. Partindo dessa premissa, primeiramente, teorizamos e refletimos sobre a construção do dispositivo (suporte) midiático e as redes de *internet*, tendo como base a semioticista Lúcia Santaella. A referida autora brasileira é referência na área da semiótica peirciana que é um campo de estudo que trata da relação signíca entre as linguagens, ou seja, tratada a disposição dos signos no contexto social.

No livro, *Matrizes da linguagem e pensamento*, Santaella (2002) apresenta, a partir da perspectiva histórica, a evolução dos dispositivos audiovisuais midiáticos. A autora demonstra que a tecnologia é formada a partir de múltiplas linguagens, ou o que ela chama matrizes, compondo a linguagem híbrida: “as matrizes não são puras. [...]. A visualidade, mesmo nas imagens fixas, também é tátil, além de que absorve a lógica da sintaxe, que vem do domínio sonoro” (SANTAELLA, 2002, p. 371).

Segundo a semioticista, as linguagens são o cerne da interação social, enquanto a mídia é o meio em que as linguagens transitam. Então, o que ela denomina de híbrido é composto pela mistura da linguagem sonora, verbal e visual. Ela mostra que somos híbridos e que a mídia apenas possibilitou a expansão da hibridização da mente humana.

Ao teorizar o suporte vídeo, Santaella (2002) não só apenas se preocupa problematizá-lo, mas também as linguagens que o compõem. A autora enfatiza que antes do aparecimento da linguagem audiovisual, as linguagens estavam separadas: a verbal em papel impresso, o visual registrado por fotografias. Todas essas linguagens, para a autora, convergiram para a tela do computador e *software*, criando maneiras outras de produzir discurso. Ao mencionar a linguagem sonora, a autora afirma que o som não é uma forma física de um barulho apenas, mas é a junção de todas as outras linguagens, já que a linguagem sonora por si só não tem poder de representar algo.

Por outro lado, ela destaca que as linguagens visuais quando postas em movimento, adquirirão algumas características da música. Assim, o vídeo e o cinema são dois textos semióticos que são estruturados pela duração, ritmo, pausa e plano. Ela enfatiza que o vídeo e o cinema são linguagens visuais com características da linguagem sonora.

Santaella (2002) afirma que no campo da mídia virtual que há mistura de outros meios midiáticos como o cinema e o jornal, pois, no vídeo, há outra forma de oralidade (verbal) que se difere da oralidade posta nas redes sociais e que ainda não é a mesma escrita presente nos livros. Para Santaella (2002), a tecnologia virtual é denominada de hipermídia, conceito este que surgiu na década de 1990, em que se estrutura a mensagem, usando o que ela menciona de

três matrizes: verbal, visual e sonora. Com base nessa relação triádica, a semiótica mostra que a tecnologia é um dispositivo que antecede a rede de *internet*, já que haviam programações e modos de projeções (televisão, rádio, fotografia, entre outros).

Ao discutirmos essas questões, vemos que o vídeo surge da ampliação cinematográfica televisiva para a rede de *internet*. Com a explosão da rede virtual, Santaella (2002) conceitua que a linguagem presente nos sites e plataformas é uma linguagem que se mistura com outras linguagens. Com isso, o vídeo eclode a partir da linguagem cinematográfica televisiva que traz consigo a linguagem verbal (roteiros escritos), sonoro (falas) e visual (imagens em movimentos) e que perpassam em outros dispositivos (computador, celular, *tablets*, entre outros). Assim, Oliveira e Albuquerque (2011, p. 103) enfatizam que “[...] os modos de apreensão do sensível perpassam por mediação de telas variadas, desde a grande tela do cinema, passando pela TV e computador, chegando até as telas de aparelhos celulares”. E ainda apontam que:

[...] os anos iniciais deste século (XXI) têm mostrado que o DVD-ROOM, *Blue Ray*, os canais de TV a cabo e os sites de compartilhamento audiovisual obtiveram uma consolidação no mercado consumidor, oferecendo diferentes propostas de expectativa, como a interferência direta do público na seleção, na ordem do conteúdo e na construção de significados particulares para a narrativa. O aparato digital é usado, também, para a distribuição de determinadas obras que não chegam com frequência ao grande circuito comercial e que encontram divulgação em festivais de cinema ou por meio da internet, blogs e sites de compartilhamento audiovisual (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2011, p. 103-104).

A plataforma do *YouTube* é uma plataforma que vem crescendo, pois é uma alternativa mais acessível para a produção e comercialização de produções cinematográficas. Partindo desse pressuposto, Charaudeau (2013, p. 225) entende que as múltiplas linguagens, em específico, as visuais, objetivam representar a realidade por três instâncias: como é no presente momento (designação), reconstruir acontecimentos já ocorridos (figuração) e apresentar visualmente a realidade por dispositivo de filmagem (visualização), como a câmera que produz e monta o vídeo. Com isso, o autor enfatiza que

A visualização consiste em representar, através de um determinado suporte e de um determinado sistema de codificação, uma organização do mundo não visível ao olho nu (através de representações gráficas, closes ou imagens virtuais. O sujeito que olha só pode perceber esse mundo na medida em que tem conhecimento do código de representação, o qual lhe permite, usando cálculo, conceptualizar essa parte oculta do mundo (CHARAUDEAU, 2013, p. 226).

A produção de vídeos no *YouTube* é uma prática mercadológica que é possível trazer produções de conteúdos de diversos temas. Os chamados *youtubers* fazem dessa prática algo rentável de trabalho e ainda podem ter o “livre espaço” para discutir e mostrar situações cotidianas com *vlogs*, *tags*, por exemplo. Assim, o *YouTube* é uma plataforma virtual que acompanha o avanço tecnológico e a expansão de grupos culturais e identitários denominados de “comunidades virtuais”, modificando a produção cinematográfica.

Com os dispositivos das novas tecnologias, o cinema parece bem mais próximo do público, que imprime suas avaliações por meio de comunidades virtuais, parodia as obras no YouTube e cria vídeos de tipografia cinética com diálogos dos filmes editados em softwares básicos. A linguagem do vídeo vem exercendo enorme influência na linguagem cinematográfica, e hoje chegamos a um momento em que existe uma transformação generalizada na forma de criação, transmissão e recepção audiovisual (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2011, p. 105-106).

Ao dividirmos em subgrupos, ainda temos na composição do material audiovisual, três categorias de linguagem: verbal, sonora e visual. A linguagem verbal compõe a oralização, a sonora compõe o som dos objetos, as falas e ruídos, e a visual que forma a ambientação do cenário, os gestos, os objetos, as imagens e a própria presença do corpo do produtor do vídeo. Charaudeau (2013, p. 230) traz também o conceito de hibridização de gêneros que auxiliam no jogo de espetacularização do meio midiático e as tecnologias em geral: “muitos gêneros televisuais são híbridos, inclusive variam das formas televisivas básicas”.

Dentre os gêneros discursivos, o autor menciona o *reality show* e o *talk show*. Esses gêneros são utilizados pelo autor para explicitar os debates políticos, as entrevistas de telejornais. Partindo dessa leitura, situamos o humor de *stand-up* como um *talk show*, pois é composto das mesmas técnicas de produção utilizadas pelos programas de debates políticos, como coloca Charaudeau (2013), a presença do público (índice de contato), mistura de gêneros e temas.

Frisamos que, dentre os elementos híbridos que compõem o discurso humorístico, há o *stand-up comedy* e que atravessam os vídeos *Surdo no Subway*, quando os humoristas (atendentes I e II) estão contando uma narrativa cômica em pé, e *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, quando o humorista está, também, realizando uma leitura dinâmica e cômica de sua redação em uma casa de *shows* para uma plateia.

O humor *stand-up comedy* é um gênero discursivo-humorístico que visa o entretenimento e é caracterizado por um comediante que com o microfone na mão faz a apresentação de piadas que visam não apenas o riso, como também a inserção de outros gêneros

e comentários cotidianos para o feito de produção social: a presença da plateia e o efeito do riso.

O *stand-up* se aproxima da piada ao absorver a seguinte característica: ter como objetivo fazer rir, e distingue-se desse gênero pelo fato de não ser constituído por apenas uma narrativa curta, mas sim, por pequenos comentários. Nas últimas décadas, esse gênero começa a fazer parte das apresentações em programas televisivos, internet, teatro, bares e casas de *shows*. Para fazer a apresentação, o comediante deve estar de ‘cara limpa’, valendo-se apenas de um microfone, outro recurso de cenário (ANDRADE, 2017, p. 44, grifo da autora).

Contudo, os canais do *YouTube* investem em implementação de cenário para a criação do enredo, como é o caso do canal *Desconfinados* do humorista Jonathan Nemer, modificando a própria estrutura discursiva do gênero ao implementar novos elementos, como outros personagens, figurino, espaço fictício e ausência ou não de plateia – parecidos aos programas humorísticos televisivos. Há, assim, a semelhança com a narrativa e os modos de produção cinematográfico.

Andrade (2017) situa que o *stand-up* surgiu na década de 1950 na Inglaterra e na década de 1970 no Brasil com José Vasconcelos e a introdução da apresentação ao vivo de Jô Soares e Chico Anísio. A autora afirma que nos EUA o humorista de *stand-up* era reconhecido como profissional, como Robin Williams, Eddie Murphy, Jim Carrey e outros. A partir dessa contextualização, a autora define esse gênero humorístico e traz exemplos de pessoas que estão nesse campo discursivo.

A pesquisadora discute, a partir da *Análise crítica do Discurso*, trazendo a abordagem bakhtiana de gênero do discurso, em que o *stand-up comedy* é constituído pela junção dos gêneros orais (piadas e teatros) com gêneros escritos (entrevistas, notícias, entre outros).

Apesar da infinita diversidade dos gêneros é possível estudá-los em função de relativa estabilidade. Para tanto, é necessário relacioná-los a uma esfera de atividade onde circulam. Por exemplo: a piada, a *charge*, o *cartum*, o esquete, o teatro de improviso e o *stand up* estão inseridos na esfera do entretenimento; a entrevista, a reportagem e a notícia, na esfera jornalística; o artigo, o ensaio, a resenha, o relatório de estágio e a divulgação científica, na esfera acadêmico-científica; e assim por diante. Com o advento das novas tecnologias, televisão e internet, surgiu uma diversidade de gêneros humorísticos (ANDRADE, 2017, p. 38-39, grifo da autora).

Ainda Ottoni (2007) afirma que com a interface (*World Wide Web* ou “*www*”), gêneros humorísticos escritos foram reconfigurados em outros gêneros que não são classificados, como os *memes*, incorporados em outras formas midiáticas. Contudo, trouxemos o vídeo, as leis como um enunciado, como proposto por Foucault (2019), pois, entendemos que os vídeos são

materiais que sucedem às práticas discursivas que constituem uma emergência histórica e sofrem constantes transformações, visto que as linguagens são discursivamente móveis – trazem um conjunto de enunciados e acontecimentos.

Em alguns vídeos de humor, há hibridização de linguagem, como, por exemplo, a Libras é uma língua composta de múltiplas linguagens, ou seja, híbrida: expressão corporal e facial, imagética e corporal (sinais). Além disso, há a relação interdiscursiva entre os temas que são associados ao tema da surdez, como a questão política, acontecimentos no campo das artes, a grupos de sujeitos com deficiência, práticas pedagógicas e outros. Diante da discussão sobre o vídeo e o *humor de stand-up*, no próximo tópico, fazemos reflexões teóricas sobre a construção linguística e discursiva do humor e da surdez.

### **1.3 A surdez como um objeto de saber da mídia**

A surdez é, comumente, associada à perda auditiva, mas sabemos que há outras formas de saberes que a constituem e que estão em constantes embates não apenas no meio midiático, mas também no campo educacional, político e social. Foucault (1979) aponta serem conceitos sobre determinado objeto ou grupo de pessoas que produzem, por sua vez, efeito de poder na sociedade, não apenas de ordem sociológica (quem pode fazer, quem é certo e quem é errado), mas também de ordem antropológica (que diz respeito ao modo do sujeito se compreender no mundo – identidade).

O ator propõe também o distanciamento da noção de *macropoder*, em que o poder está nas mãos do Estado, mas sim, ao que ele chama de *micropoderes* que é pensar o poder enquanto um feixe de movimento que perpassa todas as relações sociais (do cidadão a uma câmera de filmar). O poder circula em todos os espaços e nas relações entre sujeitos. É nessa ação do poder que se produz sentidos, que coisas se concretizam, que sujeitos são construídos, que condutas são reguadas e que verdades se cristalizam.

As convenções sobre os grupos estigmatizados são naturalizadas pela mídia e os sujeitos que recebem tal discurso não separam o que é verdadeiro e o que não é verdadeiro, mas separamos e rotulamos pessoas como normal e anormal, os sujeitos de direito e os sujeitos que não é digno de direito, os sujeitos moralmente incorretos e os sujeitos moralmente corretos, entre outros. Essas diversas formas de articulação do discurso prescreve e organiza os corpos.

A câmera é uma ferramenta utilizada pela mídia para dar visibilidade a um corpo que é olhado, não apenas um corpo físico, mas também social e que se configura pelo excesso de visibilidade e essa estratégia de tornar algo muito visível, oculta uma série de outras possibilidades de olhares.

Como já mencionamos, a mídia é uma instituição discursiva que exerce o poder pela prática da persuasão e exposição de acontecimentos, pois, o que é dito e mostrado são controlados por jogos de relação de poder entre o sujeito que reporta ou encena um acontecimento e o telespectador.

Além disso, é pela lente da tela televisiva ou de um computador que os corpos são deformados e redesenhados, mas também pelo olhar normalizador dos sujeitos marginalizados: “A máquina de ver é uma espécie de câmera escura em que se espionam os indivíduos; ela se torna um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável pela sociedade inteira” (FOUCAULT, 2014b, p. 201). O olhar do sujeito perante o outro é, então, comparável a uma lente de câmera fotográfica ou filmadora, em que é possível analisar o corpo e comportamentos considerados “desviantes” sobre diversos ângulos, como vemos no vídeo *Surdo no Subway*, quando há uma aproximação focal da lente sobre o corpo Surdo, principalmente quando esse sujeito faz alguns gestos associados às partes íntimas do corpo humano (fotogramas 12 e 12.1 na página 113).

Em consonância com o distanciamento de um poder enquanto objeto de opressão, Charaudeau (2013) afirma que o poder visa estabelecer relação entre o sujeito e o meio de produção desses saberes – o sujeito, enquanto produtor de saber, é afetado por esse conhecimento.

As mídias não são uma instância de poder. Não dizemos que são estranhas aos diferentes jogos do poder social, dizemos que não são uma ‘instância de poder’. O poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância na qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira a sua força. As mídias manipulam tanto quanto manipulam a si mesmas. Para manipular, é preciso um agente da manipulação que tenha um projeto e uma tática, mas é preciso também um manipulado. A questão, então, é saber quem é o manipulado, fato que, para as mídias, remete à questão de saber quem é o alvo da informação (CHARAUDEAU, 2013, p. 18).

Ao considerarmos que o discurso é produtivo, temos que não há apenas um discurso, mas sim rede de discurso que é composto por um conjunto de enunciados que à medida que vão sendo ditos, fecunda e vão para outro lugar e se relacionam com outros saberes e outros discursos, denominado de formação discursiva.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e fundamentos, transformações), diremos, por convecção que se trata de formação discursiva (FOUCAULT, 2019, p. 43).

Ao termos contato com esse conceito, identificamos o trabalho de Dallan e Mascia (2016, p. 40-41) que fazem análise de três formações discursivas (*ouvintista, surdista e institucionais*) que compõe os discursos antropológico e ouvintista. Com base nas três formações discursivas, as autoras selecionaram seis enunciados. Segundo as autoras, os enunciados que compõem a formação ouvintista são a noção de *falta* de algo (déficit) presente na carta apresentada no Congresso de Milão.

O discurso surdista é pautado pela emergência da valorização cultural e a urgência de enunciados que historicamente se instauraram como verdadeiros e que formam o sujeito-objeto Surdo, como *incapaz, deficiente, sujeito incompleto*. Um desses termos (deficiente) é mencionado em algumas leis como o Decreto nº 5.626/05, que diz respeito à formação educacional de Surdos e reforça a marca do desvio dos modos de interação com o sujeito com deficiência auditiva ou Surdo. Essa reprodução de saberes e coisas já ditas, as autoras denominam como interdiscurso. Elas trazem a formação discursiva institucional carregada pelos enunciados legislativos, como *políticas públicas e movimentos sociais*.

De acordo com Fernandes (2012, p. 23), “todo discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, que se transformam e modificam-se. A partir de então, busca-se explicar o que se refere como Formação Discursiva na arqueologia”. Cabe ressaltar que Foucault (2019) não classifica o enunciado como um conjunto de frases e proposições, mas é toda prática de linguagem que dá margem de existência para o sujeito enquanto detentor de um dizer, fazendo-o enquanto dominante nas relações.

Neste sentido, o enunciado não se materializa apenas pelo linguístico (verbal), mas também pela imagem, gestos, expressões faciais e todo jogo de sentido que dão condições e possibilidades para a produção do discurso e do saber.

A mímica é uma prática discursiva e não discursiva, ou seja, as duas estão interligadas, já que toda ação; é dizer que, há aquilo que não é acionado e dito por meio da linguagem. Essa afirmação mostra que a eficácia de produção de poder só acontece se considerarmos que a mídia é sustentada não apenas no que é dito, no que é representado, mas é a ação do homem (aquilo que ele faz) com o dispositivo midiático na produção de discursos e subjetividades. Foucault (2019) entende por prática discursiva.

[...] o conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2019, p. 143-144).

Para Foucault (2019), a prática discursiva refere-se à disposição das coisas, as estruturas e o que é feito no âmbito das instituições em determinado contexto histórico. Podemos pensar que, além da mímica, os estereótipos e os estigmas situados no discurso humorístico é uma prática discursiva, pois essas práticas estão articuladas não só a uma cultura midiática, mas também em piadas contadas, em jornais, documentos, ou narrativas fílmicas que viabilizam a espetacularização, não apenas da surdez, mas das “diferenças” sociais, em geral, como vimos nas leis, notícias de jornais, piadas, entre outros.

É possível pensar a prática discursiva como um conjunto de regras e condições de possibilidades históricas que permitiram o reaparecimento do saber clínico, político-social e educacional em vídeos humorísticos, sendo uma maneira de divulgar conteúdos sociais e ser uma maneira “informal” de trabalho, tendo em vista que, ao ter muitas visualizações e publicidades vinculadas ao vídeo produzido, os *youtubers* são monetizados pela empresa (plataforma) *YouTube*.

No *YouTube*, os vídeos são publicados pelo sujeito que possui registro, com *login* e um público considerável. Considerando essas informações, o vídeo é um enunciado que se dispersa entre o discurso midiático e econômico. Embora, a plataforma seja um produto que circula livremente na *internet*, há o controle de quem pode produzir, como produzir, quais temas podem ser publicados e quantas visualizações são contabilizadas e como isso é feito.

Diante do aumento dessa plataforma, vemos que pessoas famosas e não famosas interagem e possuem influência sobre a opinião pública (TARDE, 2005), como no nosso caso, os *shows* humorísticos não ficam mais restritos ao espaço televisivo, mas novas pessoas se inserem no mercado do humor ao se aventurar nas produções caseiras de vídeos para o meio virtual.

Por isso que Foucault (2019) defende que não se pode ter uma origem do discurso e das coisas e as materialidades construídas como documentos de leis, laudos médicos, entrevistas não são vistos como prontos e fatos a serem seguidos, mas devem ser questionados e tratados como materialidades em construção, portanto, discursos produzidos, a partir de uma emergência histórica específica.

Ao criar um canal, o sujeito necessita ter um quantitativo de inscritos, de visualizações e sugestões de conteúdos que agrade um público alvo. A possibilidade de ser notado pelo público externo se dá quando o *Youtuber* faz uma chamada introdutória para que o telespectador se *inscreva* no canal, *curta* o vídeo, *compartilhe* com outras pessoas, além de fazer *comentários* e *acionar um símbolo de notificações*, em que a pessoa será avisada quando houver um vídeo novo disponível. A circulação da materialidade discursiva vídeo sobre o sujeito Surdo dispõe



de estratégias de multiplicação dos discursos (comentários) que faz com que esse tema se torne visível e seja comentado ou até torne alvo de protestos pela comunidade surda.

As estratégias de curtidas, compartilhamentos e comentários são mecanismos que visam confirmar o que já está posto ou até contestar. Esses modos de multiplicação dos saberes sobre a surdez constitui a relação objetivação e subjetivação surda, visto que, o sujeito Surdo é objetivado quando ele é visto como o sujeito falante de uma língua com gramática própria (língua de sinais), o sujeito improdutivo economicamente e o sujeito com conjunto de deficiências. Além disso, ele é subjetivado quando se constitui por práticas gestuais e caricatas que são retomadas a partir de outras práticas discursivas, como as práticas de treinamento orofacial realizado pela formação discursiva clínica, a formação discursiva linguística (interação em português e linguagens corpóreas e não manuais), entre outras, que são retomadas em formato de vídeo de humor. De acordo com Foucault (2019), a formação discursiva está relacionada à dispersão histórica, em que os acontecimentos são recolocados em condições e possibilidades históricas ao ponto de se naturalizarem e não se “encontre uma origem” dos discursos, já que eles se interligam, formando outras redes de discursos.

Enfatizamos que, todos esses enunciados fazem parte do discurso econômico capitalista e midiático. Essa ritualização do discurso possibilita que os discursos circulem outros mecanismos tecnológicos e que mais pessoas tenham contato com o vídeo produzido. Com isso, ao falarmos do poder de reprodução de discursos feitos pelo humor e a mídia e da constituição de subjetividade, destacamos que a própria busca pelas “identidades” se configura como um modo de subjetividade, pois “[...] esse poder, contra o qual os sujeitos dialogam em micro lutas cotidianas, classifica os indivíduos em categorias [...]” (GREGOLIN, 2008, p. 94).

Assim, Foucault (2014a) enfatiza que o comentário é um dos mecanismos de construção de identidades e limita de maneira a constituir uma individualidade e uma ideia de si como completa e essa relação é impossível devido aos atravessamentos históricos e cotidianos na subjetividade. Como prova disso, no discurso midiático, há a presença de vários discursos que se entrelaçam, formando outros discursos que ressurgem e moldam comportamentos, dizeres e práticas. De acordo com Foucault (2019), é no encontro dos discursos que os sentidos mudam e que novas formas de condutas tradicionais se fortalecem. Em consonância com Foucault (2019), Gregolin (2003) afirma que

Em muitas práticas discursivas da mídia brasileira, o tema é objeto de enunciados polêmicos que fazem deslizar sentidos tradicionalmente assentados. Essa polêmica coloca em confronto das diferentes FDs a partir do agenciamento coletivo das enunciações, produzindo trajetos temáticos que reiteram ou polemizam as relações (GREGOLIN, 2003, p. 178).

Ainda a autora menciona que as formações discursivas se constituem na concorrência de outros discursos, ou seja, a formação discursiva é um espaço discursivo, em que o sujeito tem uma maneira de pertencer e esse pertencimento é materializado por linguagens e práticas que não podem ser ditas de qualquer jeito, por isso, é um espaço onde se conhecem os jogos de poder nas relações sociais. Com isso, a mídia é um espaço discursivo que se relaciona com os discursos de autoridades jurídicas, jornalísticas, artísticas e entre outros, articulando-a com a memória e história.

A preocupação não está em fazer uma descrição dos acontecimentos passados, delimitando uma origem das coisas, mas pensar como foram os processos que levaram determinado saber e/ou discurso a ser mais legitimado pelas instituições (mídia e sociedade) do que outras. Por isso, há a necessidade de resgatar outras possibilidades que confronta com esses acontecimentos naturalizados, como dos grupos (visto como marginais ou fogem ao princípio da moral) que resistem a naturalização de determinadas condutas e saberes impostos na sociedade.

A mídia está relacionada com as categorias de prática discursiva, acontecimento e descontinuidade histórica, pois os discursos estão sempre em movimento na relação entre os sujeitos que são afetados pelas condições históricas. O discurso da mídia está relacionado com um “já-dito”, pois todo dizer está vinculado ao que já foi dito e se naturalizou, ou seja, toda produção de discursos e materialidades se constitui por meio da memória discursiva – que é uma memória que não é individual, mas coletiva e ainda na interação entre sujeitos discursivos (sujeitos que são constituídos no/pelo discurso e não fora dela).

Em *O jogo das imagens: a espetacularização na mídia*, Sá e Sargentini (2012) discutem sobre a função que a mídia tem desempenhado historicamente no Brasil. Eles afirmam que, na década de 1970, os meios de informações eram controlados (censurados) pelos regimes ditatoriais, restringindo o dizer midiático por meio da lei da censura. Os autores enfatizam que ao contar sobre o passado das lutas armamentistas e a imigração ruralistas, a mídia passa a valorizar a imagem associada ao verbal. É a partir desse recorte histórico que eles nos situam de como a mídia espetaculariza os acontecimentos de repressão, de modo que relação entre texto híbrido, acontecimento, discurso e história recriam uma memória do dizer que mascara esse período como democrático e próspero. A escolha do texto feito nesta época pelos jornais e revistas contribuiu para a espetacularização política.

Tem-se, talvez, no discurso da mídia, o início de uma espetacularização da memória - ou, ao menos, apontamentos para essa direção espetacular dos fatos

por ela narrados -, já que é nessa relação entre texto e acontecimento, discurso e memória, que se estabelecem a construção de uma memória do dizer e, talvez ainda, uma memória dos fatos (SÁ; SARGENTINI, 2012, p. 272).

Com base na discussão anterior, situamos o discurso humorístico como *espetacularização* histórica dos discursos sociais, no que tange aos grupos minoritários e o fazer político para a inclusão desses sujeitos na sociedade. A produção do humor se sustenta pelos conjuntos de enunciados sociais que reforçam estereótipos e a constituição discursiva sobre as identidades. Diante dessa gama de possibilidade, vimos vídeos de humor postados no *YouTube* que nos chamaram a atenção pela dinamicidade de produção de subjetividades e pelo crescimento de visualizações na *internet*, de modo a promover o riso e reverberar estereótipos e preconceitos.

Observamos que esta categoria material gera polêmica nas redes sociais entre os adeptos ao movimento Surdo, pois, colocam que a circulação de piadas, vídeos e memes deturpam a imagem da comunidade Surda e deslegitima as lutas pela valorização das diferenças.

Considerando a argumentação feita, pode-se arrematar que a mídia funciona como um dispositivo de poder ao problematizar relações entre grupos sociais e acaba atuando na subjetivação desses sujeitos ao tratar de tais discursos como aceitação da diversidade e da diferença social, além da democratização do uso do dispositivo midiático virtual para a concretização de estratégia de controle de tais discursos normalizadores.

## CAPÍTULO 2

### OS ENUNCIADOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS PRODUZIDOS NO CAMPO HUMORÍSTICO ACERCA DA SURDEZ E DA LIBRAS

Neste capítulo, fizemos reflexões teóricas sobre a mídia enquanto um produto discursivo. No primeiro tópico, discutimos sobre sua formação histórica e como ela se articula por múltiplas linguagens, fazendo com que o texto humorístico cativa o telespectador. Ademais, refletimos como o discurso midiático se organiza enquanto instituição, máquina social, “transmissão de informações” e maneiras de convencimento sobre os acontecimentos sociais.

No segundo tópico, situamos o humor na perspectiva discursiva, sendo uma maneira de buscar compreender esse tema pela vertente psicológica, filosófica e linguística. Por fim, no último tópico, discutimos teoricamente sobre os enunciados linguístico-discursivos que constituem estereótipos e estigmas sobre a surdez no campo do humor.

#### 2.1 A teoria do humor e da mídia pelo viés da Análise do Discurso Francesa

Ao trazermos à baila o papel da mídia enquanto uma ferramenta produtora de discursos institucionais, políticos e sociais, constatamos que ela se utiliza de múltiplas linguagens (verbal, sonora e visual). Nessa perspectiva, compreendemos que a linguagem pode ser um mecanismo de interação social, mas também uma maneira do homem ser e agir no mundo, pois, a linguagem não é vista como algo pronto e acabado, mas como um efeito de sentido. Para Orlandi (2002), o efeito de sentido é produzido pela/na linguagem humana, ou seja, ela promove as interações sociais e constitui, historicamente, as categorias de sujeitos.

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois o funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados (ORLANDI, 2002, p. 21).

A linguagem pode ser compreendida a partir do feixe foucaultiano como uma prática social permeada pelas relações de poder e que visa classificar e controlar discursos heterogêneos, ou seja, que fogem da ideia de discursos e saberes impostos pelas grandes instituições (Universidade, Empresas multinacionais, o Estado, a mídia, entre outros). Cabe ressaltar que a mídia e o gênero humorístico são constituídos pela linguagem.

## 2.2 O humor como um campo discursivo

O humor é um tema abrangente. Segundo Saliba (2017), ele é um objeto discursivo abordado por diversos campos do saber. O autor discute metodologicamente sobre a *história cultural do humor* no âmbito da Filosofia (Aristóteles), Psicologia (Freud, Kant, Provine), Linguística (Attardo), entre outros. O estudo feito pelo autor mostra que o humor não é um recurso banal e neutro, mas um importante instrumento sociocultural, pois “o humor é social da mesma forma que nossas amizades são sociais” (SALIBA, 2017, p. 7), ou seja, ele se constitui pela/na interação entre sujeitos. Uma das principais características do humor é tratar de maneira caricata situações do cotidiano ou sobre grupos sociais.

Para Possenti (2018), o humor não tem uma única definição, pois há diversas formas de manifestá-lo, como piadas ou até acontecimentos que causam uma ruptura da linearidade: a queda de uma pessoa ou um corpo defeituoso. Ele destaca que, embora o humor seja associado ao riso, não é elemento essencial na produção humorística. O autor salienta que há outras formas textuais que são agressivas, levantam questionamentos ou críticas sobre um tema e provocam riso.

O humor é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge e aos trocadilhos, passando pelas ‘crônicas’ e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas, comédias “em pé”, programas de rádio e de TV, canais no YouTube e pela exploração humorística de outros tipos de texto: provérbios alterados, pseudoaforismo, paródias, etc. (POSSENTI, 2018, p. 28).

Segundo Possenti (2018, p. 14-18), o humor é tratado como um *campo* ressignificado da teoria de Bourdieu. Em consonância com o autor, afirmamos que o humor é um discurso, pois ele está situado em diversos textos híbridos (charges, memes, tiras, entre outros) e textos midiáticos (TV, rádio, canais da internet), produzido em condições específicas, pois, além de ser um produto social e cultural, ele é uma prática mercadológica que atende a um determinado grupo.

Com base nessa ordem discursiva econômica, o linguista alerta que o humor não pode ser simplificado como uma prática diante do mundo, pois, essa leitura remete a duas questões: mostrar um posicionamento sério diante das coisas ou encarar a realidade pelo lado do riso, expressando tudo o que há de ridículo nas práticas humanas.

Para Bergson (1983) há distinção entre o conceito de humor e ironia. O autor define ironia como um modo de enunciar ou fazer de maneira satírica o que era esperado para ser dito

ou feito, enquanto o humor, é um efeito ambíguo e interpretativo que visa trazer um posicionamento moralista por meio do riso:

Ora se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a ironia. Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. Ambos são formas da sátira, mas de mais científico. Acentua-se o humor, pelo contrário, para lhe notar as particularidades com mais fria indiferença (BERGSON, 1983, p. 68).

Outra questão abordada pelo autor diz respeito a diferença conceitual entre cômico e o riso. O cômico, para Bergson (1983), é a inversão/ruptura de uma ordem natural da vida, por meio de um desajeitamento da atitude humana individual. Já o riso é um mecanismo humano associado à insensibilidade diante uma situação e, ainda, um mecanismo social praticado em grupos. O risível é uma forma de corrigir condutas e práticas feitas por um sujeito ou grupos.

No livro *Comicidade e o riso*, Propp (1992, p. 151) classifica o riso em categorias, nos quais enfatizamos o riso cínico, maldoso e de deboche. Essas categorias de riso são visíveis quanto à expressão facial e a intensidade com que ecoa o risível. No riso maldoso, há ênfase exagerada do defeito de situações ou sujeitos.

No riso mau os defeitos, às vezes mesmo só aparentes, imaginados ou inventados, são aumentados, inflados, alimentando assim os sentimentos maldosos, ruins e a maledicência. Deste riso, em geral, riem as pessoas que não acreditam em nenhum impulso nobre, que veem em todo lugar a falsidade e a hipocrisia, os misantropos que não compreendem como por trás das manifestações exteriores das boas ações haja realmente alguma louvável motivação (PROPP, 1992, p. 159).

O riso de deboche caracteriza-se pela diminuição do sujeito/coisa que se fala. Já o cínico se operacionaliza pelo prazer do sofrimento ou, no caso do Surdo, condição “desfavorável” de interagir em diversos espaços sociais. Já Deligne (2011, p. 30) traz distinção entre riso, sorriso e gargalhada quanto à intensidade emotiva: riso (alegre), sorriso (soberbo) e gargalhada (sonoridade audivelmente espontânea). De acordo com Bergson (1983), o riso é uma manifestação emocional caracterizada pela falta de sensibilização.

Cabe ressaltar que, no certame televisivo, há programas humorísticos que são projetados em horários específicos e com uma linguagem “mais suavizada”, visando o humor enquanto instrumento de descontração. Esse humor, caracterizado como *humor livre*, não utiliza expressões pejorativas e palavrões e, assim, passa nas tardes de domingo, como, por exemplo

a *Escolinha do professor Raimundo* ou *Os caras de pau*, caracterizando-os como uma programação familiar.

Por outro lado, o humor ácido possui uma linguagem carregada de expressões e comportamentos obscenos que são projetados em horários noturnos (depois das 22 horas), como podemos citar *Casseta e Planeta*, *Zorra total*, *Lady Night* e *Tá na tv*, por exemplo. Essa observação é mencionada por Possenti (2018) e, como já discutimos anteriormente, aponta que o discurso humorístico é controlado pelo dispositivo midiático televisivo, veiculando um tipo específico de humor de acordo com a demanda do público alvo.

Charaudeau (2013, p. 222) trata que “a televisão é o domínio do visual e do som, lugar da combinação de dois sistemas semiológicos, o da imagem e o da palavra”. Assim, os programas humorísticos, embora sejam gêneros orais, quando incorporados ao campo midiáticos trazem novas representações sociais, a sociedade da cibernética e da informação globalizada, reconfigurando um material oral e escrito (piadas) para outros tipos de arquivos e espaços discursivos, o *stand-up* feito em casa de *shows*, comunidades virtuais entre outros.

Diante disso, os discursos humorísticos se dispersam do controle da rede televisiva e começam a circular na *internet*, principalmente no *YouTube*, se tornando uma plataforma popular que substitui o *status* da televisão, pois a variedade de conteúdos e a facilidade de escolhas do que se quer consumir é uma das causas que tem conquistado um grande contingente da população, entre eles jovens e crianças. Para Possenti (2018), esse fenômeno se deve às restrições de visibilidade para o público jovem.

O humor não se pretende ‘pragmático’, embora, eventualmente, existam defesas do papel cultural e até mesmo político das produções do campo. Um humor (mais) popular e um (mais) erudito. Aquele circularia nas festas e botecos, em horários menos nobres da TV, em programas populares de rádio, seria editado em revistinhas que se encontram nas livrarias de rodoviárias e nas bancas de jornal, ao lado das revistas pornográficas. *O YouTube pode tornar secundários esses ‘controles’ ou diminuir o seu poder.* Já o humor mais erudito estaria em programas noturnos de TV, em horário tardio (o povo e as crianças não o apreciariam, porque, além de já estarem dormindo, os programas exigiriam alguma sutileza interpretativa e informações mais restritas [...]) (POSSENTI, 2018, p. 29-31, grifo nosso).

Podemos afirmar que o campo humorístico veiculado na *internet* é composto de diversos enunciados calcados do campo da filosofia, política, história, pedagogia e sociais (empíricas) e da mídia de massa. Para Tarde (2005), a mídia é um instrumento formador de opinião pública. Tendo em vista essa afirmação, a rede virtual possibilita a circulação contínua de materialidades opinativas, entre eles, as piadas e ironia.

No nosso trabalho, frisamos os discursos clínico, econômico, político, jurídico e acontecimentos veiculados na instituição midiática (rádio, Tv, *internet*, impressos) que são bases para a construção do discurso humorístico sobre a surdez e a inclusão dos Surdos no Brasil. Como já mencionamos, a AD de linha francesa analisa o discurso na/pela linguagem em uso, configurando as relações histórica e os sujeitos.

Diante disso, nos propomos tratar como enunciado não apenas o que é dito pelos humoristas, mas também os gestos, expressões faciais, imagem e o corpo que são enunciados utilizados pelo humor de *stand-up* e que contribuem na ressurgência de outros enunciados já existentes e que foram modificados e ditos de outra forma (interdiscursos).

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já fazem sentido (ORLANDI, 2002, p. 31; 33).

Resolvemos trabalhar com o suporte vídeo por se tratar de um material discursivo produtivo. Salientamos que os vídeos produzidos e postados no *YouTube* garantem ao sujeito *Youtuber*, a monetização pela quantidade de visualizações e curtidas, ou seja, a plataforma não foi criada somente com o intuito de dar entretenimento ao usuário, mas também, como uma forma de gerar emprego, fomentando a economia no país. Essa rede de consumo dá possibilidade a qualquer sujeito de se tornar *Youtuber*, e conseqüentemente, fazer parte da ordem do discurso midiático (FOUCAULT, 2014a).

Com base nessas discussões, enfatizamos que o humor é uma rede de discurso que circula em diferentes espaços (físicos e virtuais) e entre a camada social erudita e marginal. É essa possibilidade de estar no interno e externo simultaneamente, que coloca em confronto posicionamentos de artistas que defendem pontos de vistas distintos. Para alguns, o humor deve respeitar o politicamente correto, enquanto, outros defendem que o humor não pode sofrer censura.

Essa discussão nos é apresentada no documentário *O riso dos outros*<sup>10</sup>, produzido por Pedro Arantes. Ele traz entrevistas, opiniões de personalidades humorísticas, cartunistas como Danilo Gentili, Rafinha Bastos, André Dahmer, Laerte Coutinho e muitos outros artistas. Além disso, o documentarista mostra trechos de *shows* de *stand-up* (em *flashback*), refletindo sobre os limites do humor e sua função na sociedade.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GowlcUgg85E>. Data de acesso: 23 nov. 2020.



O jogo de feedback entre o *show* de *stand-up* e os depoimentos provocam nos telespectadores duas sensações: o riso e a seriedade. A primeira sensação se dá pela reprise das piadas e dos *shows* de *stand-up* sem se fazer reflexão. Já a sensação de seriedade só ocorre quando o documentarista expõe a fala dos artistas quanto às consequências que o humor pode gerar. Uma das consequências diz respeito às divergências de ideias, em que o ator se utiliza do discurso humorístico para expressar pontos de vistas carregados por estereótipos e preconceitos sobre determinados temas, os quais trazem divergências por questões políticas, religiosas, grupos minoritários, entre outros.

Um dos exemplos que podemos citar, é o canal *Porta dos Fundos*, de autoria de Fabio Porchat. Devido à grande proporção de visualizações, o canal cedeu alguns de seus episódios a *Netflix*, em específico, os vídeos relacionados à imagem de Jesus Cristo, gerando polêmicas por parte da comunidade cristã (VILICIC, 2019).

Possenti (2018) discute, no tópico intitulado *Humor e censura: delimitando um campo*, que o humor é um problema discursivo, na medida em que há posicionamentos que são a favor da liberdade de expressão e outros que são contra às piadas pejorativas (politicamente correto). São esses jogos de posicionamentos e espaços que delimita o humor como um campo discursivo.

A categoria discursiva do humor tornou-se mais produtiva, na medida em que as piadas não circulam apenas em espaços informais e casuais, mas também no discurso midiático que é composto de enunciados (liberdade, opressão, riso, seriedade, moral, imoral, normal, anormal) que produzem saberes e subjetividades.

Entendemos que o discurso humorístico é uma estratégia utilizada pela mídia não só para entreter ou representar situações diversas, mas também um modo de produzir discursos e sujeitos. É por meio da linguagem que o homem se constitui enquanto existência e produz coisas, realidade e a mídia proporciona essa relação homem e língua (gem).

De acordo com Bergson (1983), o humor é uma construção humana materializada por meio de linguagens, ou seja, os enunciados linguísticos (piadas e expressões) reforçam defeitos humanos e sociais, como afirma, também, Possenti (2002):

[...] as piadas vivem, de certa maneira, de rebaixar algum grupo humano. No caso dessas piadas, funciona exemplarmente a mais conhecida estratégia discursiva responsável pela emergência de piadas. Tal estratégia consiste em opor a um discurso público e positivo [...]. [...] um discurso 'subterrâneo', de certa forma reprimindo, contrário ao anterior [...] (POSSENTI, 2002, p. 161).

Na obra *Os humores da língua*, Possenti (1998) faz descrição linguística das piadas, mostrando ser possível construir o cômico e o risível a partir da ambiguidade da estrutura morfossintática e semântica da Língua Portuguesa. Contudo, focamos em vídeos de humor, pois, não apresentam apenas materialidade linguística, mas também, os gestos, imagens, sons, expressões faciais e corporais, além de tratarem sobre uma temática verossímil de modos diferentes.

Enfatizamos, ainda, que o silêncio é um enunciado que emerge da ausência versus presença do dizer humorístico. Para Orlandi (2015), ao escolher certos modos enunciativos, o silenciamento não é uma mera restrição passiva da exposição enunciativa, mas é o dizer algo de outras formas, fazendo do silêncio parte do discurso e não apenas da linguagem. No humor há várias formas de dizer (humor ácido, crítico) sobre algo.

Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam. Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, o não-dito visto no interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. [...] o silêncio não é mero complemento da linguagem. Ele tem significância própria (ORLANDI, 2015, p. 14-23).

Com base na fala de Orlandi, compreendemos que o silêncio aparece em vídeos através de expressões faciais e movimentos involuntários, e, diversas vezes, não há uma verbalização por parte dos humoristas. Todavia, em meio ao silêncio, há vários discursos velados por meio de gestos e expressões que falam por si só. O humor apoia-se em outros materiais discursivos, como em comerciais, programa jornalístico, séries, novelas, *reality show*, entre outros. Citamos, dentre os elementos humorísticos, o *stand-up comedy* devido à hibridização textual que o humorista lança mão ao contar uma piada. Sabemos que o discurso humorístico se dá também a partir de enunciados extralinguísticos (imagens, gestos e expressões) e outros textos (jornal, redação, tiras, *charges*, propaganda).

Possenti (2018, p. 26) menciona Maingueneau (2008), ao afirmar que o discurso humorístico é perpassado por “[...] textos de múltiplos arquivos do discurso”. Em relação aos enunciados não-verbais, Bergson (1983) afirma que a comicidade se dá por questões fisiológicas e não apenas por palavras.

Atitudes, gestos e movimentos do corpo humano são risíveis na exata medida em que esse corpo nos leva a pensar num simples mecanismo. [...], do gesto que rivaliza com a fala. Ciumento da fala, o gesto corre atrás do pensamento e quer também servir de intérprete. Porque tenho agora diante de mim um mecanismo que funciona automaticamente. Já não é mais a vida, mas

automatismo instalado na vida e imitando a vida. É a comicidade (BERGSON, 1983, p. 23-25).

Em consonância com Bergson, Saliba (2017, p. 20) afirma que “[...] há ainda e sempre o difícil e intraduzível mundo não verbalizado, do corpo e do gesto, do físico e do lúdico, da brincadeira e da dança. Gestos, mímica e pantomima são fundamentais para o humor, já que sua eficácia depende, não raro, de uma atitude não verbal”. Destacamos a presença do corpo enquanto um enunciado, pois toda construção estereotipada do sujeito Surdo se pauta na visibilidade e normalidade corpórea.

Para a análise dos enunciados dos vídeos, apoiamos-nos no procedimento arqueológico, além de autores como Courtine (2011), Bauer e Aarts (2002) que tratam a imagem, corpo e outros tipos de linguagem como enunciado. O vídeo é um suporte audiovisual de múltiplas linguagens que é produzida em condições específicas e por sujeitos que se colocam nessa ordem discursiva do mercado virtual e, também, coloca o corpo enquanto uma emergência discursiva sobre as práticas de inclusão dos sujeitos Surdos, sendo associados a outros sujeitos discursivos.

Enfatizamos, com base em Courtine (2011), que o jogo de imagens e comportamentos só são passíveis de correção quando fogem aos padrões pré-estabelecidos por determinados grupos. Essa afirmação está presente no documentário *O Riso dos outros*, quando um dos humoristas defende que o humor escolhe um sujeito frágil, que apresenta desvios físicos, morais e psicológico.

Lembramos que Foucault (1969) já se interessava pelo corpo enquanto um objeto do saber, ou seja, para ele, o corpo não é apenas uma materialidade biológica, mas também um elemento discursivo historicamente instituído. Nesse viés, o autor analisa, em *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*, como o corpo se tornou objeto de punição do Estado e das microinstituições.

Ao descrever os procedimentos de enclausuramentos prisionais (escola, exército, prisão, entre outros), Foucault (2014b) afirma que o corpo que é mutilado pelo poder disciplinar, assim, sendo privado de liberdade pelo dispositivo do panóptico: uma penitenciária onde o preso era mantido sob supervisão de um único vigilante. Outro exemplo citado pelo autor, é o exame aplicado em exércitos (o sujeito passa por exames médicos e aptidões físicas) e escolas (exames avaliativos, cadeiras enfileiradas).

No caso dos Surdos, o corpo que sinaliza é visto como algo peculiar, e precisa de correção, devido a uma cobrança por parte, primeiramente da família que não aceita a condição do sujeito e a sociedade que cobra medidas de avaliação e tratamento da surdez.

A imagem do corpo enquanto material discursivo é colocada como objeto de análise no primeiro capítulo do livro *As palavras e as coisas*, em que Foucault (1969) desconstrói a ideia de representação enquanto reflexo da similitude, a partir do quadro *As meninas*, de Velásquez. A partir desse quadro, Foucault (1969) vai pensar o homem como objeto do saber e, portanto, ele é entendido como um constructo de linguagem.

Com isso, o autor mostra que a produção interpretativa do pintor se dá a partir do plano do olhar que produz uma ação do corpo de quem olha e de quem é olhado por três dimensões: o olhar do modelo sendo pintado, do pintor para o que está pintado e do espectador que olha o quadro. Essas posições do olhar resultam no efeito do “espelho que olha e é olhado” (FOUCAULT, 1969, p. 17). O objeto espelho materializa o homem enquanto um problema do discurso, mostrando que ao representar algo ou alguém, o sujeito olhante entra nesse jogo de também ser parte deste espaço de olhar para si como objeto, nesse exercício do olhar que é social.

Courtine (2013) destaca que o corpo não se desvincula da história e do sujeito, ou seja, o corpo se inscreve em um modo de subjetivação a partir das práticas e dispositivo. Isso significa que a Libras, por exemplo, não é apenas um constructo linguístico, mas enquanto enunciado, ela atravessa um corpo que é olhado, categorizado e modificado por meio das relações de saber-poder existentes em outras redes discursivas, que forma o próprio enunciado da identidade e representação surda.

Contudo, Foucault (2014b, p. 127) afirma que o termo *representação* é um mecanismo de controle do corpo, portanto, uma maneira de manipulação das identidades: “[...] é na medida em que esse corpo é para o condenado e para os espectadores — um objeto de representação”. O Surdo, ao ser olhado, é classificado como coitado, que não consegue falar, aprender e apresenta dificuldades de se relacionar com as pessoas. O treinamento da fala e estabilização da audição são mecanismos de correção/disciplinarização das mãos em detrimento da voz, além do uso de dispositivos tecnológicos como implantes, aparelhos auditivos, entre outros.

[...] é o indivíduo descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser normalizado, excluído, etc. Se olhado, contado detalhadamente por meio da escrita ininterrupta[...] [...] indica bem a aparição de uma nova modalidade de poder em que cada um recebe como status sua própria individualidade, e onde está estatutariamente ligado aos traços às medidas, aos desvios, às ‘notas’ que o caracterizam e fazem dele, de qualquer modo, um ‘caso’ (FOUCAULT, 2014b, p. 187, grifo do autor).

A questão do olhar sobre o corpo é aprofundada quando o autor, em *Vigiar e punir*, aborda as táticas de controle e disciplina sobre os corpos prisionais. Essas táticas do olhar são tratadas a partir do panóptico e dispositivos de poder. Entendemos que a surdez se torna um saber para o humor, a partir da construção enunciativa entre a ausência versus presença sobre o corpo.

A ausência sobre o corpo está na impossibilidade de ouvir, enquanto que a presença corpórea se materializa pela língua de sinais, em que o corpo não é um mecanismo apenas de “comunicação”, mas de um corpo Surdo que interage socialmente e em comunidade (surda). Esse saber é confrontado a partir do diagnóstico médico, da regulação jurídica e pedagógica que produz saber-poder sobre o que seja a surdez, a partir do poder.

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. É pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir uma arqueologia das ciências humanas (FOUCAULT, 2014b, p.149-150).

Partindo do procedimento arqueológico, Courtine (2011) introduz o que ele chama de semiologia histórica que visa analisar o corpo político enquanto um acontecimento histórico e, além disso, analisar as imagens e práticas gestuais que compõem esse discurso. *A semiologia histórica* visa colocar os signos imagéticos e gestuais como problemática situada na história, como construída pela memória coletiva que se caracteriza pela dispersão do discurso. A semiologia histórica (História do rosto) descreve

[...] a ideia de examinar a relação entre corpo e discursos na forma da fala pública se impôs. [...] a cada vez que nos interrogamos sobre o que produz o signo e o sentido no campo do olhar, para os indivíduos, num momento histórico determinado, a cada vez que tentamos reconstruir o que eles interpretam daquilo que percebem, mas ainda o que lhes permanece invisível (COURTINE, 2011, p. 151- 152).

Courtine (2011; 2013) constata que o discurso se extrapola dos elementos linguístico e passa a se considerar outras formas de linguagens, como textos visuais, áudios, e que a AD trouxe uma nova problemática do discurso: a imagem e o corpo. Lembramos que o discurso não é uma unidade de enunciados linguísticos, assim como o enunciado não é a própria língua, ou seja, o discurso está nos gestos, comportamentos e nas rupturas sociais — são modos de significações coercivas que permeiam as relações sociais.

De acordo com o autor, o corpo tomou novas formas e técnicas de disciplinarização durante a I Guerra mundial. O corpo do soldado se tornou objeto de formação de discursos e uma invenção histórica dos saberes que foi se modificando. Com a interferência do saber clínico, o corpo passou por técnicas normalizadoras, como a cura do corpo doente, do controle do pudor e do corpo social (movimentos sociais). Essa afirmação se confirma quando os movimentos de diversos grupos minoritários, como grupos LGBTs, mulheres, sujeitos com deficiência e negros colocam em visibilidade o corpo como base do discurso de protestos contra a violação e dominação de sujeitos e grupos sociais.

[...] da influência que o poder exerce sobre o corpo. É no estudo dos mecanismos de poder que investigam contra o corpo, os gestos, os comportamentos, que urge edificar a arqueologia das ciências humanas. [...] ele conservou lutas sociais e as aspirações individuais deste momento histórico de impressão profunda de funções sexuadas, de rastros de origens sociais ou étnicas que doravante não saberiam mais ser apagadas (COURTINE, 2013, p. 15-16).

Ao colocar o corpo como um problema discursivo, Courtine (2013, p. 14, grifo do autor) enfatiza que “os ‘micropoderes’ se exercem na parte tênue, nos detalhes mais íntimos do organismo humano”, cujo poder se materializa por meio da manipulação dos gestos, comportamentos que historiciza as ações não apenas pelas instituições de poder (escola, exército, Estado, entre outros) e das relações humanas (professor, aluno, Surdo, ouvinte, homossexual, heterossexual, entre outros).

Em consonância com Courtine (2013) e Foucault (2014b), Fernandes (2012) enfatiza que a linguagem é parte do discurso que integra a memória e constitui a forma-sujeito no/pelo discurso, portanto, compreendemos que as expressões faciais e corporais, bem como imagens e objetos que compõem o discurso do humor sobre a surdez são enunciados.

No funcionamento do discurso, a partir de regularidades historicamente determinadas, na constituição do sujeito e dos objetos por ele formados, elementos de linguagem não verbal também materializam o discurso, integram a memória, atestam posicionamentos de sujeito, agregam uma função enunciativa; enfim, funcionam como enunciado (FERNANDES, 2012, p. 43).

Enfatizamos que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua de modalidade visuogestual, em que a gramaticalização se dá pelo conjunto de configurações manuais, expressões faciais e corporais — denominadas de parâmetros (QUADROS, 2019). Além disso, a imagem é um recurso muito utilizado para auxiliar a compreensão do que é dito ou expressão feita pelo sinal.

Em confronto a esse saber, há pessoas que fazem gestos e mímicas para interagir com o sujeito Surdo, mas os gestos não compõem a Libras. Os gestos fazem parte de uma língua emergente/caseira utilizada por grupos de Surdos isolados da comunidade Surda. Esse enunciado gestual é um recurso utilizado pelo humor para ridicularizar o Surdo e a sua cultura, de maneira a afetar no processo de identificação desse sujeito.

Se analisarmos o debate sobre limites do humor e o compararmos ao que ocorre em outros campos, por exemplo, sobre a necessidade de haver limites, impostos ou autoimpostos, à liberdade em geral [...] outro quiçá culturalista, que renega universais e defende que a liberdade (individual) tem limites, apelando eventualmente para a importância das diferenças culturais ou a grupos e pessoas em situação social desvantajosa (POSSENTI, 2018, p. 114).

Os gestos, a língua de sinais e as expressões faciais e corporais se instituem como dispositivo do discurso humorístico para a formação do discurso de estereótipo sobre a surdez, uma vez que, o dispositivo “é um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos” (COURTINE, 2013, p. 27).

A relação interna entre humorista, Surdo e plateia *versus* relação entre o material que é postado na *internet* produzem sentidos discursivos distintos. No primeiro caso, é possível observar a reação dos personagens perante as práticas de estereótipo enquanto que no segundo caso, não é possível mensurar a reação do espectador, mas é possível levantar hipóteses conforme as convenções e valores impostos na sociedade. Charaudeau (2011) afirma que a delimitação do *corpus* (virtual), na pesquisa sociocultural, pode ser construído a partir de enunciados empíricos e que revelam o acordo discursivo já-ditos sobre determinado grupo ou sujeito discursivo: os sujeitos marginalizados pela sociedade.

[...] o *corpus* é constituído por um conjunto do que chamaremos de signos-sintomas que representam de maneira emblemática sistemas de valores. Esses signos podem ser palavras (racismo, imigração, solidariedade, etc.) ou fórmulas diversas (purificação étnica) reveladoras de maneiras de dizer: podem ser também signos icônicos (encenações com imagens) [...]. O *corpus* é aqui de ordem interdiscursiva [...] (CHAURAUDEAU, 2011, p. 12-13, grifo do autor).

Todos esses caminhos teórico-metodológicos mencionados, nos ajudam a construir o recorte do *corpus* que se configura como *corpora*, já que os vídeos de humor trazem algumas problemáticas que Charaudeau (2013, p. 10-11) classifica como comunicativa, descritiva, representativa e interpretativa.

A primeira problemática, comunicativa e descritiva, o objeto de estudo de situações empíricas, como as interações linguísticas e atitudinal entre sujeitos e grupos que são atravessadas de discursividade identitárias, para uma finalidade e com dispositivos. Como exemplo podemos citar os vídeos de *stand-up comedy*, nos quais lidamos com situação de interação linguística entre ouvinte (humorista) e Surdo, e, ouvinte (humorista) e espectador (plateia), descrevendo situações de dificuldade do Surdo interagir com a comunidade ouvinte que desconhece a língua de sinais.

Quanto ao caráter representacional e interpretativo, o autor exemplifica que o objeto de estudo é a “representação sócio discursiva” (CHARAUDEAU, 2011, p. 11) em um dado histórico de um grupo social (Surdos e o histórico de exclusão das relações sociais), significando práticas discursivas de segregação e exclusão de modo a afetar e a constituir “gradação de surdez”. Essas escolhas fazem do humor um campo discursivo que afeta o modo de conceber o saber sobre a surdez, com base na naturalização estereotipada do Surdo, modulando-o conforme o dispositivo midiático/humorístico para ter validade discursiva e institucional.

### **2.3 A língua é o chicote do corpo: alguns estereótipos e estigmas acerca do sujeito Surdo e da Libras no discurso humorístico**

Nesta seção, tratamos da relação entre língua, corpo e sujeito no campo do humor. O ditado popular, inscrito no título, faz referência ao modo como a língua marca o corpo, ou seja, o modo como relação língua (Libras) e corpo Surdo sustenta as piadas dos humoristas dos dois vídeos. Essa associação é possível, pois a língua e o corpo estão associados a historicidade da Libras e do corpo Surdo, pois ambos foram submetidos ao processo de censura, ataduras e colocados nos jogos de força da anormalidade.

Tendo em vista estas considerações iniciais, a compreensão dos elementos verbais e não-verbais contribui na materialização dos estereótipos e na construção do corpo Surdo enquanto um objeto do saber. O estereótipo é um recurso do humor que constitui diversos modos de identidade, em específico, as identidades surdas.

A ausência da audição é associada por grande parte da sociedade como uma condição que incapacita o sujeito de realizar determinadas tarefas, como atender um telefone, não ter acesso com exatidão as informações, não ter um bom atendimento ao público, não ter responsabilidade por seus atos, entre outros. Possenti (2010, p. 40) afirma que os estereótipos “são constructos produzidos por aquele (s) que funciona (m) como o (s) Outro (s)”.



Diariamente, os Surdos enfrentam dificuldades perante a sociedade ouvinte, no que diz respeito à barreira da interação ocorrido em diversos estabelecimentos, como *shopping*, lojas, cinema, entre outros. Nesses lugares, a Língua Portuguesa é o idioma predominante. Em relação ao campo midiático, na questão do entretenimento, em cinema, teatros e a própria televisão não há legendas, e em alguns espaços têm se introduzido alguns elementos acessíveis (vídeo-Libras em bancos, intérpretes em locais públicos e privados, entre outros).

Embora seja um avanço para os Surdos, essas práticas não têm sido suficientes para alcançar a todos. A comunidade surda luta em prol de uma educação bilíngue, sendo um dos desafios enfrentados pelos pesquisadores, intérpretes e falantes da Libras.

A falta de informação do sujeito que não interagem em Libras coopera para algumas práticas de preconceito e discriminação, pois esses sujeitos associam a Libras como um mecanismo de impedimento do desenvolvimento da oralização ou que o Surdo possui limitações no modo de interagir nas situações cotidianas. Eles não compreendem como estabelecer uma proximidade ou se comportar diante de uma pessoa surda, disseminando alguns estereótipos a partir do como eles olham o Surdo e a pessoa com deficiência de maneira limitada. Para Amaral (1998), há um critério para predispor uma pessoa à diferença: *o tipo ideal*. Esse critério diz respeito aos padrões idealizados que fizemos de algo, alguém ou um grupo: “[...] corresponde à comparação entre uma determinada pessoa ou um determinado grupo” (AMARAL, 1998, p. 14).

Por conta dessas questões, presenciamos e ouvimos histórias de Surdos que sofrem *bullying* (violência) nas escolas, no mercado de trabalho e/ou em outros espaços - (isso poderá ser constatado em um noticiário do jornal *Correio* e, que ainda será apresentado neste tópico). Essas práticas estão pautadas no discurso ouvintista, em que o Surdo não consegue falar e não fala de maneira que é considerada a padrão.

Além disso, algumas situações, o Surdo é associado como um sujeito com deficiência total (parte pelo todo) ou que ele possui dificuldade de interação interpessoal e/ou linguística. Essas comparações estereotipadas são modos de exercer saber-poder que levam in/exclusão do sujeito Surdo em diversos espaços e atividades cotidianas. Em relação ao mercado de trabalho, o Surdo se posiciona em uma instituição competitiva e que o coloca em desvantagem ao sujeito que interagem em português, por exemplo.

Nas contratações de serviços, os ouvintes são preferivelmente escolhidos mesmo quando se sabe que as empresas devem reservar uma parcela de suas vagas para os sujeitos com deficiência. Isso significa que mesmo com a Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que obriga as empresas contratarem pessoas com deficiência, em que os Surdos estão incluídos, essa

obrigatoriedade é burlada, pois, as empresas (educacionais, serviços gerais públicos e privados) têm que contratar o Tradutor-Intérprete de Libras (TILS) para a mediação da interação linguística entre o ouvinte e o Surdo.

A contratação do intérprete formado nem sempre é feita pelas empresas sob a justificativa de que é um serviço caro, mas é um direito garantido em lei. Essa obrigatoriedade está presente no Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro 2005 e a Lei nº 9.656 de 27 de dezembro de 2018, que altera o primeiro decreto. Quanto à regulamentação da profissão de Tradutor-intérprete, há a Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010.

Sob a justificativa da falta de acessibilidade, os Surdos perdem oportunidades de se qualificarem ou terem uma formação acadêmica. Atualmente, há Surdos formados em diversas áreas, desmitificando a ideia de que o Surdo só atua em comércios ou só se formam em graduação de Letras-Libras. Salientamos que o primeiro curso de nível superior de Letras/Libras foi ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de modalidade à distância em 2009. (GESSER, 2009).

Embora estes paradigmas vêm sendo rompidos, muitos confrontos se dão por conta da valorização da cultura Surda e da Libras, que foi legalizada em 24 de abril de 2002, por meio da lei nº 10.436. Esses direitos sofrem embates devido às crenças e preconceitos por parte das pessoas ouvintes ou Surdos que possuem ou não um conhecimento superficial sobre o assunto e, além disso, os discursos estereotípicos estão disseminados em todas as camadas sociais (classe alta à classe média-baixa), ou seja, as informações equivocadas acerca do sujeito com deficiência, seus direitos ou processos educacionais estão permeados em diversas classes e mídias, como podemos ver nos vídeos *Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 do Enem 2017*. Por outro lado, há sujeitos que são pesquisadores, participam da comunidade e tem uma postura crítica e defensiva perante a causa, mas é algo que fica restrito.

A legitimação linguística vista sob uma perspectiva discursiva cultural da surdez que se pauta na construção de alguns arquivos legais, como a convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os direitos das pessoas com deficiência adotada em 13 de dezembro de 2006. Dentre esses direitos, é mencionado o direito à acessibilidade linguística.

Associado a isso, há a luta pela criação das escolas bilíngues para que o Surdo tenha formação em Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2) na modalidade escrita. Essa prática faz parte do discurso pedagógico que defende que os Surdos devem ter acesso linguístico assegurado, a presença de tradutor-intérpretes e outras formas metodológicas e tecnológicas.

Quanto os aspectos educacionais, na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)*, há a perspectiva do aluno ser atendido preferencialmente em escolas de ensino regular, mas ele pode ser atendido em escolas bilíngues ou escolas inclusivas bilíngues, como prevê a *Lei Brasileira de Inclusão (LBI)*. Tanto as escolas bilíngues quanto as escolas inclusivas asseguram o acesso à Libras como L1 e à Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como L2. Contudo, Skliar (2016) afirma que o discurso da *Educação Especial Inclusiva*, dos *Estudos Surdos* e o *movimento Surdo* se confrontam quando diz respeito à formação educacional dos Surdos.

Pode-se dizer que a educação de surdos parece se encontrar hoje diante de uma encruzilhada. Por um lado, manter-se ou não dentro dos paradigmas da educação especial reproduzindo o fracasso da ideologia dominante – movimento de tensão e ruptura entre a educação especial e a educação de surdos. Por um lado, aprofundar práticas e os estudos num novo campo conceitual, os Estudos dos Surdos, quebrando assim a sua dependência representacional com a educação especial, e se aproximando *dos discursos, discussões e práticas* próprias de outras linhas de pesquisa e estudo em educação (SKLIAR, 2016, p. 11, grifo nosso).

Os confrontos discursivos sobre a educação dos Surdos trazem reproduções de práticas corretoras, no cotidiano, que ditam como o Surdo deve se portar, como e o que ele deve aprender, em específico no ciclo familiar que, conseqüentemente, contribui para o reforço de estereótipos. Essas práticas corretoras de oralidade e de sinalização com as mãos foram historicamente instituídas pelos saberes religioso, pedagógico e clínico (CARVALHO, 2007).

Dentre as práticas, podemos citar que todo Surdo sabe fazer leitura labial, que a Libras não é uma língua e que eles devem ser isolados (normalizados) em escolas especiais (CARVALHO, 2007). Amaral (1998) afirma que, quando há uma relação pré-concebida de sujeito, ou seja, a identificação de um sujeito diferente se dá pela construção “Se... então...”.

Por outro ângulo, há o uso frequente da lógica da ‘correlação linear’, a lógica do ‘se... então’: se esta atividade é boa para esta pessoa com deficiência então é boa para todas as pessoas nessas condições. Ou: se audição é um sentido privilegiado no cego (claro que aqui há mais um preconceito), então os cegos são excelentes músicos (AMARAL, 1998, p. 17, grifo da autora).

Com base nas comparações feitas pela autora, o mito de que qualquer Surdo pode fazer leitura labial é visto como *correlação linear*. Dito de outro modo, se a pessoa é surda e é visual, então ela faz leitura labial. Enfatizamos, a partir da reflexão do texto *Inclusão como prática política de governamentalidade* de Maura Corcini Lopes (2009), que o discurso inclusivo é adotado pelo discurso político como uma maneira de ter controle dos corpos diferentes. Esse controle se dá a partir de políticas educacionais inclusivas (com leis, projetos, e práticas

pedagógicas de formação dos Surdos) e práticas arquitetônicas e atitudinais que visam esquadrihar o espaço do que é normal e o que é anormal.

Esta visão institucionalizada da surdez delimita que o poder da governamentalidade não é exercida somente sobre o corpo físico do sujeito Surdo, mas também sobre uma comunidade surda.

[...] entender a inclusão como um conjunto de práticas que subjetivam os indivíduos de forma que eles passam a olhar para si e para o outro, sem necessariamente ter como referência fronteiras que delimitam o lugar do normal e do anormal, do incluído e do excluído, do empregado e do desempregado, etc., também é uma condição de entendimento das práticas educacionais diluídas na população (LOPES, 2009, p. 107).

Com isso, discutimos como as práticas de linguagem levam à construção de diversos discursos que constroem não apenas um corpo físico Surdo, mas também um corpo linguístico e social, institucionalizando saberes sobre a surdez. Os documentos (decretos e leis) são construídos a partir dos discursos de reabilitação dos “corpos deformados” dos soldados e habitantes que tiveram seus corpos mutilados (CARVALHO, 2007).

O campo humorístico se materializa pelos enunciados de estereótipos. O estereótipo é um mecanismo cultural que visa representar facetas e ideais de um grupo social. Goffman (2004) discute, no livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, a diferença entre identidade *social real* e *virtual*. Para o autor, a *identidade social real* é aquilo que visivelmente o sujeito é e a *identidade social virtual* é a atribuição de características que se coloca sobre o sujeito.

Goffman (2004) diferencia o estereótipo do estigma. Para ele, tanto o estereótipo quanto o estigma são componentes formadores de preconceito, mas o primeiro visa construir a identidade social virtual e o segundo lida com a construção da identidade social real.

Nesta mesma linha de raciocínio, o sociólogo menciona que o estereótipo e o estigma são marcadores que influenciam na desconstrução da identidade dos sujeitos minoritários e estigmatizado nas relações sociais. Ele enfatiza que a constituição da *identidade social virtual* se baseia na caracterização “diferenciada” de um grupo e essa característica é vista pelo autor como estigma (confirmação da normalidade).

O termo estigma originou-se na Grécia e significava os sinais deixados no corpo das pessoas escravizadas e penitenciários (GOFFMAN, 2004, p. 5). As marcas (cortes, chibatadas, queimaduras) registradas no corpo, era uma maneira de destacar que esses sujeitos não podiam ter contato com outras pessoas (CARVALHO, 2007).

No que diz respeito à questão da diferença enquanto mecanismo formador de identidade, Skliar (2016) afirma que o discurso político, movimentos sociais acerca da valorização da diferença não é pensada fora das relações identitárias. Segundo o autor, a política da diferença se estabelece a partir do que é normal e anormal e, conseqüentemente, instaura modos de sujeitos e norma sobre o corpo.

Por outro lado, no discurso socioantropológico, a política da diferença é difundida quando os Surdos se dizem diferentes quanto à maneira de olhar e se expressar que é pela modalidade visuogestual. A Libras é um marcador linguístico da diferença surda. Essa diferença se institui na relação de saber-poder entre sujeitos, em que a diferença é posta como uma condição desviante ou uma patologia. Isso se deve ao fato de que o padrão de normalidade é medido segundo os padrões europeus: homem, branco, falante de uma língua oral, trabalhador e chefe de família, entre outros. Esse padrão é um aferidor da definição de anormalidade nos sujeitos minoritários.

O Surdo é diferente porque interage e constrói signos culturais por meio do elemento visual, corpóreo e espacial. No que diz respeito à política da diferença, Skliar (2016) discute a questão da identidade Surda e as marcas identitárias pautadas no discurso da diferença enquanto uma prática normalizadora de inclusão e não como marca identitária.

Já Goffman (2004) afirma que a noção de estigma foi ressignificada para além do estigma corporal, como estigma moral e institucional. Dessa maneira, o sociólogo trata de três signos de estigma: deformação física, deformação de caráter e marcas étnicas, nacionais e religiosas. Enfatizamos apenas as marcas de deformidades físicas que cercam os sujeitos com deficiência auditiva ou surdez.

O estigma tem como foco no preconceito construído a partir de algo que é realidade, como, por exemplo ser Surdo, é um estigma que está pautado na veracidade da incapacidade do sujeito ouvir, comprovando isso através de avaliação médica e laudo. Já o estereótipo é construído a partir da imagem invertida da realidade e ele é materializado com base em discursos que não é legitimado, como é o caso da crença de que todo Surdo faz leitura labial ou que eles são pessoas impacientes. Há também “os estereótipos particularizados em relação ao tipo de deficiência, como [...] o surdo ser ‘o isolado’ ou ‘impaciente’ [...]” (AMARAL, 1998, p. 18, grifo da autora). Esses exemplos esclarecem a distinção entre estigma e estereótipo tratado por Erwin Goffman.

Observe-se, também, que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo. O termo estigma, portanto, será usado

em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso (GOFFMAN, 2004, p. 6).

O autor enfatiza que o conjunto de elementos negativos são base para a normalidade, a fim de manter o “equilíbrio” de relações, ou seja, a classificação da anormalidade é um mecanismo estratégico de reintegração do sujeito Surdo estigmatizado pela sociedade.

O autor enfatiza que a atribuição feita a qualquer “defeito” é uma prática que “nos leva a reclassificar um indivíduo antes situado numa categoria socialmente prevista, colocando-o numa categoria diferente, mas igualmente prevista e que nos faz alterar positivamente nossa avaliação” (GOFFMAN, 2004, p. 6). Como exemplo, podemos citar a recolocação de um sujeito Surdo numa posição de sujeito com *deficiência auditiva* (DA)<sup>11</sup>, portanto, precisa de reabilitação auditiva. Essa é uma das maneiras de ser aceito pelo grupo social dito “normal”<sup>12</sup> e colocam a condição auditiva a frente da condição humana e subjetiva. Frisamos que, na comunidade surda, há um destaque para essas diferenças conceptuais de sujeito DA e Surdo demarcada na caracterização do outro pela língua de sinais. Dito de outro modo, a categorização do sujeito pelo sinal-nome<sup>13</sup> e qual sua condição auditiva e linguística nortearão se ele fará parte da comunidade surda ou não.

A Libras se inscreve no corpo, ao mesmo tempo que inscreve o sujeito Surdo em determinadas ordens dos discursos e em redes de enunciados que formam os dispositivos da normalidade por meio do texto humorístico e do próprio acontecimento discursivo (*show* de humor). A relação entre Libras e corpo Surdo é tão demarcada, ao ponto dos estereótipos e os estigmas modularem o modo como esse corpo interage com o outro.

Seguindo as discussões acerca do discurso da normatividade, Goffman (2004) enfatiza que as imperfeições causam atitudes de piedade e caridade, o que, no primeiro momento aparente ser um ato positivo, mas é um artefato formador de estigma. Em relação à gradação de dificuldade auditiva, o autor salienta que ser sujeito com deficiência auditiva ou Surdo produz “fonte de metáfora e representação” (GOFFMAN, 2004, p. 80).

Quando a pessoa se caracteriza como Surda, a força do estigma é rebatida pelo discurso da *diferença cultural*, havendo reivindicações por parte da comunidade surda e a valorização

---

<sup>11</sup> De acordo com Skliar (2016) o sujeito com deficiência auditiva (DA) é aquele que ouvia, mas que posteriormente teve perda parcial ou total. Já a pessoa surda é aquela que nasceu surda e que utiliza a Libras para interação social.

<sup>12</sup> O termo normal é utilizado por Goffman (2004) para se referir as pessoas não estigmatizadas.

<sup>13</sup> O sinal-nome é um sinal de batismo que o sujeito recebe ao se apresentar na comunidade. Esse sinal normalmente é escolhido por meio da letra inicial do nome seguido da característica corporal ou comportamental do sujeito.

dessa cultura. Não obstante, Goffman (2004) diz que a classificação é uma prática humana de manter controle da “proliferação da anormalidade” defendida pelo discurso médico: “A noção de ‘ser humano normal pode ter sua origem na abordagem médica da humanidade, ou nas tendências das organizações burocráticas em grande escala, como a Nação-Estado, de tratar todos os seus membros como iguais em alguns aspectos” (GOFFMAN, 2004, p. 9). Com isso, segundo o autor, a normalidade é um fator de exclusão/inclusão.

Ainda, para Goffman (2004, p. 29), há diferença entre normalização e normificação. A normalização acontece quando a pessoa com deficiência tem seu estigma considerado pelos “normais”. Já a normificação diz respeito ao comportamento de normalidade que o sujeito tem, mesmo que ele possua algum “defeito” aparente. Essa estigmatização, segundo o autor, por ser visto como um fator de vitimização ou de superação social.

Os sujeitos com deficiência auditiva tendem a recorrerem aos métodos fonoterapêuticos, cirurgias, técnicas que os fazem se parecerem com ouvinte, havendo o treinamento da leitura labial, treino da fala, como uma “maneira de corrigir a sua condição de maneira indireta, dedicando esforço individual ao domínio de áreas de atividades consideradas, geralmente, como fechadas, por motivos físicos e circunstanciais, as pessoas com seu defeito” (GOFFMAN, 2004, p. 12).

Mesmo com as políticas de inclusão, alguns sujeitos com deficiência auditiva são isolados por suas famílias e/ou frequentam escolas especializadas, pois se acredita que esses sujeitos com deficiência auditiva ou surdez não tenham capacidade de desenvolvimento de interação e socialização. Ao longo do processo histórico, outros discursos foram sendo incorporados como uma maneira de criticar o modelo segregacionista de escolarização e interação. Com isso, a comunidade surda surge com o intuito de se organizar enquanto movimento e mostrar que os próprios sujeitos Surdos ou com deficiência auditiva podem escolher por si o melhor caminho que queriam seguir, se querem ser oralizados, implantados ou sinalizantes. Essa autonomia de escolha é um exemplo nítido de subjetivação surda e que está permeada nas relações sociais.

A generalização com que a surdez é mencionada pelo discurso médico é um dos pilares de organização dos movimentos Surdos e da reivindicação da viabilização da Libras e da cultura Surda e não querem ser tratados como “coitados” ou incapazes. Essa afirmação pode ser associada aos Surdos que resistem à prática médica (ocorre a normalização por meio da reabilitação clínica) e, por outro lado, os sujeitos com deficiência auditiva que entram na ordem do discurso médico.

As diferentes vertentes sobre a surdez mostram, como já discutimos, o quanto a mídia se faz enquanto um mecanismo formador não apenas de saberes, como também de identidades, tendo como base o estigma (ênfase em determinada fraqueza e deformidade aparente). Nesta perspectiva, o autor traz vários depoimentos de pessoas que foram/são estigmatizadas, dentre elas os sujeitos com deficiência auditiva e Surdos. Citamos aqui um exemplo de depoimento de uma pessoa com dificuldade auditiva que fazia parte de um trabalho social de reabilitação/medicalização da surdez.

Mias Peck (uma assistente social de Nova York, pioneira de trabalhos em benefício de pessoas com dificuldades auditivas) disse que outrora eram muitos os curandeiros e charlatães que, desejosos de enriquecer rapidamente, viam na Liga (para os que tinha dificuldades de audição) um frutífero campo de caça, ideal para a promoção de gorros magnéticos, vibradores miraculosos, tímpanos artificiais, sopradores, inaladores, óleos mágicos, bálsamos e outros remédios que curam tudo, garantidos, positivos, à prova de incêndio, e permanentes para a surdez incurável. Anúncios de tais artifícios (até a década de 20, quando a Associação Médica Americana decidiu promover uma campanha de investigação) atacavam os que tinham dificuldades de audição, pelas páginas da imprensa diária, inclusive revistas bem-conceituadas (GOFFMAN, 2004, p. 12).

Isso mostra o quanto a mídia é um dispositivo formador de estigma e estereótipo. Essa divisão na categoria produz não apenas o estigma, como também os estereótipos. A formação de estereótipo ocorre pela exposição midiática desses embates discursivos dentro da própria categoria, ocasionando dois polos institucionais de defesa à causa da surdez, com a criação de blogs, páginas no Facebook, revistas, livros, entre outros. Dessa maneira, as associações midiáticas são instituições discursivas que respaldam tais discursos (clínico e socioantropológico): como *As crônicas da surdez*<sup>14</sup> e associações de Surdos (instituições municipais).

Há pessoas que possuem deficiências de fala cuja peculiaridade aparente desencoraja qualquer tentativa de formação grupal ou algo semelhante. Essas associações são, quase sempre, o ponto máximo de anos de esforço por parte de pessoas e grupos situados em diversas posições e constituem um objeto de estudo exemplar enquanto movimentos sociais (GOFFMAN, 2004, p. 22).

---

<sup>14</sup> É um blog e página no Facebook organizado por Paula Pfeiffer (Surda implantada bilateral) que produz conteúdos voltados aos “Surdos oralizados, defendendo que Surdo não é apenas a pessoa que usa a língua de sinais, além de conter relatos de diversos Surdos falantes de língua portuguesa e a própria experiência da escritora. *As crônicas da surdez* foram publicadas em forma de livro e possibilitou a escritora realizar diversos projetos financiados, dentre eles palestras e conferências em diversos países do mundo. Blog disponível em: <https://cronicasdasurdez.com/paulapfeiffer/>.



Essas organizações institucionais são articuladas por pessoas/símbolos que Goffman (2004) denomina de informação social. Como informação social para os Surdos sinalizantes podemos citar a fita azul, camisetas, panfletos, datas comemorativas (setembro azul, dia nacional do Surdo, símbolos de mãos) e para os Surdos oralizados têm camisetas, aparelhos, fones auriculares, sistema FM, entre outros.

Esses campos discursivos constroem práticas estereotipadas que são retomados pelo humor de maneira crítica ou pejorativa. Lembremos que o *símbolo internacional de Surdez* (BRASIL, 1991) foi legalizado no Brasil por meio na lei 8. 160 de 8 de janeiro de 1991 como meio de garantia de acessibilidade e identificação de pessoas Surdas em lugares públicos, como vemos na imagem abaixo:

**Imagem 1-** Símbolo internacional da surdez



**Fonte:** (BRASIL, 1991).

Ao revisitarmos alguns documentos legislativos, identificamos o termo *portador de deficiência*. Frisamos que esse termo é equivocado, pois remete a uma concepção de *capacitismo*, que é quando o sujeito é visto como aquele que carrega um defeito ou desvio, dando um efeito de sentido de condição irreversível. Contudo, essa nomenclatura, atualmente, é vista em alguns documentos legislativo e reforça o estigma com o sujeito Surdo ou o sujeito com deficiência, pois o foco está na deficiência e não na humanização do sujeito Surdo: “Dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de *pessoas portadoras de deficiência auditiva*” (BRASIL, 1991, p. 1, grifo nosso).

Art. 1º É obrigatória a colocação, de forma visível, do "Símbolo Internacional de Surdez" em todos os locais que possibilitem acesso, circulação e utilização por pessoas portadoras de deficiência auditiva, e em todos os serviços que forem postos à sua disposição ou que possibilitem o seu uso.

Art. 2º O "Símbolo Internacional de Surdez" deverá ser colocado, obrigatoriamente, em local visível ao público, não sendo permitida nenhuma modificação ou adição ao desenho reproduzido no anexo a esta lei.

Art. 3º É proibida a utilização do "Símbolo Internacional de Surdez" para finalidade outra que não seja a de identificar, assinalar ou indicar local ou serviço habilitado ao uso de pessoas portadoras de deficiência auditiva.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo não se aplica à reprodução do símbolo em publicações e outros meios de comunicação relevantes para os interesses do deficiente auditivo, a exemplo de adesivos específicos para veículos por ele conduzidos (BRASIL, 1991, p. 1).

Como vemos, no artigo I, II e III (parágrafo único) dispõem sobre os espaços autorizados e veículos de uso próprio para a circulação dessa imagem. Os documentos mostram que os discursos jurídicos, ao mesmo tempo que incluem, eles também excluem. A inclusão/exclusão está articulada ao modo como o sujeito é mencionado como “deficiente” – caracterizado como uma metonímia “parte pelo todo”; no documento essas marcas de efeito moral e corpóreo (deficiente) enfatizam a concepção de sujeito incapaz, imoral, e práticas de inclusão que são pensadas e produzidas nas situações cotidianas em uma sociedade que preconiza o produtivismo (sujeito ativo).

A ideia de *portar algo* remete a uma carga pejorativa e negativa da deficiência, portanto, é um marcador de estigma. Ainda encontramos esse termo em algumas leis, como a *Constituição Federal Brasileira*, por exemplo. Essa discussão é feita por Lopes (2009) que aponta que o discurso inclusivo é uma tática que visa a promoção política do Estado e manter a norma social. Nessa perspectiva, ela trabalha com a noção de inclusão e exclusão, refletindo sobre essas noções de maneira específica (no contexto do jogo neoliberal, determinando estratégias de controle).

Ao retomarmos às questões legais acerca da inclusão/exclusão, situamos que o processo de construção do estereótipo sobre o corpo é afetado pelo apagamento de desvios e de cura do sujeito Surdo e de como a mídia televisiva e virtual contribuem na construção desses discursos normativos e de estereótipos em espaço público legitimado pela cultura contemporânea, no nosso caso, *shows* de humor, vídeos em plataformas *on-line*.

O defeito sobre o corpo e os estereótipos sobre alguns aspectos culturais de um grupo minoritário/estigmatizado são bases para a formação das piadas tanto em rodas de conversas quanto em programas humorísticos. Em relação ao humor, Goffman (2004) afirma que o humor proporciona a modulação das identidades (ambivalência) conforme o contexto no qual o sujeito Surdo está inserido.

Assim no humor dos estigmatizados- publicado e representado- encontramos um tipo especial de ironia. Caricaturas, piadas e lendas populares revelam de maneira um pouco séria as fraquezas de um membro estereotípico da

categoria, mesmo quando esse meio-herói demonstre ingenuamente ser mais esperto do que um normal de status destacado. As representações sérias dos representantes podem exibir ambivalência semelhante, mostrando uma autoalienação semelhante (GOFFMAN, 2004, p. 93).

O discurso humorístico traz de maneira crítica as mazelas sociais, dentre eles estão a precariedade de investimento em prol da inclusão das pessoas com deficiências e no sucateamento de algumas práticas, como superlotação em salas de aulas que tem a pessoa com deficiência, não há acessibilidade linguística (informações em Libras), conta com a falta de intérpretes e outros serviços, enfatizando as fragilidades dos grupos Surdos. Essa discussão escancarada feita de maneira satírica provoca, para Goffman (2004), sentidos opostos, como já apresentamos, a normalização clínica da surdez *versus* identidade surda.

Enfatizamos que esses discursos ambivalentes recaem sobre o corpo social e físico Surdo, pois, quando postos em contato com outras relações divergentes causam contritos e outras significações normalizadoras. Contudo, ao tratar da visibilidade do corpo Surdo, Goffman (2004) salienta que a deficiência auditiva não é aparente apenas pela ótica de olhar como se olha um sujeito com deficiência física, mas que, a visibilidade se concretiza, no que Goffman (2004) denomina de contato misto (pessoa ouvinte e surda).

De acordo com o autor, a entonação da voz e a dificuldade de ouvir em lugares ruidosos são vistos como marcadores de visibilidade. Por outro lado, a dificuldade auditiva pode ser corrigida por dispositivos tecnológicos. Ou aqueles que desejam esconder a falha auditiva, como menciona Goffman (2004) criam justificativas, como desatenção ou sono.

Foucault (2014b), em *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*, descreve os procedimentos e técnicas de correção sobre o corpo. Para entendermos o processo de normalização do corpo, retomamos práticas e acontecimentos que envolveram as pessoas surdas na antiguidade greco-romana. Como mencionamos no tópico 1. 2, os Surdos eram vistos como anormais. Ao lermos sobre os acontecimentos históricos dos Surdos, no livro *Breve História dos Surdos no Mundo*, Carvalho (2007) menciona que na Grécia, Aristóteles acreditava que as pessoas surdas não aprendiam, pois, não tinham linguagem, porque eles não ouviam, então falavam, ou seja, era necessário ouvir e oralizar para desenvolver o pensamento. Diga se de passagem, foi a partir dessa visão aristotélica que se constituiu marcadores estereotípicos como *surdo-mudo* e/ou *mudinho*.

O autor coloca também que os espartanos, ao descobrirem que os bebês eram *frágeis*, *deformados*, ou até Surdos, eram assassinados: “[...] matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos; se nascerem defeituosos afogamo-los, não devido ao ódio, mas a razão, para

distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis” (CARVALHO, 2007, s/p). Nesse contexto, as crianças eram exterminadas, pois, os espartanos acreditavam que apenas crianças fortes e saudáveis poderiam futuramente lutar nas guerras.

Quanto ao contexto romano, Carvalho (2007) descreve que os Surdos eram vistos como defeituosos, portanto, não teriam direitos assegurados como cidadãos, como fazer testamentos ou até se casarem. Entendemos, então, que na era antiga, a mutilação dos corpos Surdos era uma prática punitiva que assegurava a normalização e hierarquização social.

Neste ínterim, a partir do resgate histórico, citamos Foucault (2014b) a repressão do corpo a partir de técnicas disciplinares e normalizadoras de correção dos defeitos dos corpos Surdos. Ele investiga a gênese das práticas disciplinares, discursos e saberes a partir da relação com o poder.

No subtítulo *Corpos dóceis*, Foucault (2014b) trata dos processos de disciplinarização dos corpos na modernidade. Para o filósofo, as relações de poder geram saberes e esses saberes, por sua vez, produzem efeito de poder. Com isso, ele dispõe que o sujeito se constitui a partir da busca pelo saber e todo saber e verdade possuem uma história.

Foucault (2012) mostra que as práticas (punitivas, disciplinares), discursos e saberes produzem subjetivação, ou seja, são elementos que constroem o sujeito do discurso. Como a verdade é uma construção humana, é a partir dessa ação da verdade que o sujeito também se constitui. Com base nessa leitura, podemos entender que Foucault (2014b), ao descrever sobre as técnicas de docilização dos corpos, faz uma investigação dos modos de subjetivação. Então, nos perguntamos: *o que é produzido no corpo Surdo? Quem produz? Como produz?* É a partir desses questionamentos que recaímos nos acontecimentos históricos e como esses acontecimentos revogam ou reproduzem práticas de preconceito e violência sobre os corpos Surdos.

Com base nos acontecimentos registrados, a partir do século XVI, na idade moderna, as técnicas de correção dos corpos Surdos foram aprimoradas com as técnicas pedagógicas criadas pela igreja, no qual a oralização era o método utilizado para a alfabetização de Surdos de famílias ricas, visando a preservação da herança do próprio círculo familiar. Esse trabalho era realizado por monges e abades e tinham o foco de ensinarem os Surdos a falarem, ler e escrever (CARVALHO, 2007).

O primeiro registro do alfabeto manual foi realizado pelo monge Pablo Bonet com o intuito de ensinar os Surdos a oralizarem. Ainda, após o lançamento do livro, pessoas começaram a estudar e criar sinais para interagirem nas ruas, escolas. (MOURA; LODI; HARRISON, 1997).

A igreja, ao impor o método de oralização, para a abertura da primeira escola de Surdo na França denominada *Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris* e o foco no ensino da língua de sinais, idealizado pelo abade francês Charles Michel de l' Epeé que observou o modo dos Surdos interagirem em língua de sinais nas ruas da França.

Consideramos, com base nos registros históricos, que o berço de nascimento da língua de sinais se deu na França. (GOLDFELD, 1998). Segundo a autora, o método de l' Epeé reconhece a língua de sinais como “instrumento de comunicação”, usando a língua de sinais francesa com os sinais metódicos e formação de professores.

No século XVIII, outros países, como EUA e Alemanha, por exemplo, implantaram o método francês de ensino e, no Brasil, isso se deu no século XIX, com a criação do *Imperial Instituto de Surdos-Mudos*. Vale lembrar que a origem da Libras, ou seja, a sua língua mãe, é muito provavelmente a língua gestual francesa, ensinada por Charles-Michel de L'Épée e que fora trazido para o Brasil por Ernest Huet para o desenvolvimento da Libras durante período imperial, surgindo esta primeira escola para Surdos, intitulada, atualmente, como *Instituto Nacional de Educação de Surdos* (INES) (GESSER, 2009).

Ainda perspectiva histórica, Campello e Rezende (2014) afirmam que em 1880, o trabalho com Surdos foi interrompido, ao haver o Congresso de Milão na Itália que contou com a presença de oralistas e gestualistas para debater o método eficaz na educação de Surdos e os Surdos não puderam participar e ficou decidido que a oralização seria o melhor método de aprendizagem. A autora salienta que, a partir dessa votação e aprovação do método oralista, as escolas do mundo todo foram proibidas de usar a língua de sinais.

A Libras foi legitimada como *status* linguístico e “meio de comunicação” da comunidade surda da área urbana (BRASIL, 2002). Contudo, sabemos que, ela é um mecanismo de interação social e não de transmissão linear dos atos comunicativos. Contudo, esse é um efeito discursivo proveniente da legitimidade estruturalista da língua.

Tendo em vista que para se reconhecer o status de uma língua, é necessário que haja os estudos descritivos, a língua de sinais só passa a ser concebida como uma língua a partir dos estudos descritivos realizados por William Stokoe, a partir da década de 1960, que demonstrou que a Língua Americana de Sinais (ASL) possuía uma gramática própria. A teoria de Stokoe foi aplicada por linguistas brasileiros, como Lucinda Ferreira Brito, Ronice Muller de Quadros, entre outros (GESSER, 2009) nas pesquisas sobre a descrição linguística da Libras.

Desta forma, o histórico descritivo das línguas de sinais tinha e ainda tem o foco para o ensino dessa língua para as crianças surdas, já que, no histórico, há a imposição das línguas

orais e, desenvolver um estudo linguístico dessa língua foi e é um marcador político e cultural de resistência a essa perspectiva oralista (GESSER, 2009).

De acordo com Silva *et al.* (2006) houve representantes de países como Alemanha, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Suécia e Rússia. Ainda, segundo o autor, a língua de sinais era praticada fora das escolas. Skliar (1997) destaca que o discurso pedagógico, a partir de então, passou a ser acompanhado pelo discurso clínico-terapêutico, com técnicas de treinamento fonológico, leitura labial. Referente a esse contexto, encontramos uma imagem, em que as mãos dos Surdos estão entrecruzadas para atrás do corpo, enfileirados horizontalmente, a fim de disciplinar a fala, como vemos na imagem a seguir:

**Imagem 2-** Professor ensinando alunos surdos a oralizarem



**Fonte:** Stiles (2015)

Essa mesma prática de aprisionamento das mãos para atrás do corpo é utilizada pelos soldados do exército, quando recebem ordens para fazer continências ao tenente. Os Surdos eram proibidos de utilizar língua de sinais, pois, os educadores acreditavam que a interação em língua de sinais atrasava o processo de oralização do Surdo. Foucault (2014b) mostra que a vigilância e exame são dispositivos chaves do poder disciplinar, pois

[...] o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser normalizado, excluído, etc. Ser olhado, observado, contado detalhadamente [...] indica bem a aparição de uma nova modalidade de poder em que cada um recebe como status sua própria individualidade, e onde está estatutariamente ligado aos traços, às medidas, aos desvios [...] (FOUCAULT, 2014b, p. 187).

Ao descrever as práticas escolares, após a determinação da oralização no Congresso de Milão, Padden e Humphires (1988) relatam que as escolas, asilos e instituições de formação de Surdos, em uma grande parte, proibiram o uso na língua de sinais, impondo o treino da fala e leitura labial.

Foucault (2014b) coloca que, a partir do século XVIII, houve novas técnicas disciplinares, sendo eles: arte da distribuição, controle das atividades, organização da *gênesis* e composição. Esses mecanismos são usados por Foucault (2014b) para analisar a instituição escolar, mas, como podemos observar, outras instituições são palcos de poder disciplinar (locais públicos e leis), entre outros, com o intuito de normalização/adestramento do corpo Surdo.

A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza. Os dispositivos disciplinares produziram uma ‘penalidade da norma’ que é irredutível em seus princípios e seu funcionamento à penalidade tradicional da lei (FOUCAULT, 2014b, p. 179-180).

Foucault (2014b) discute que os efeitos de poder são mais efetivos se conseguir extrair do corpo o máximo de utilidade e docilidade, ou seja, a eficiência do poder se dá ao fabricar corpos úteis e dóceis. O poder funciona, nesses exemplos apresentados pela normalização, isto é, da adequação a norma da oralização.

De acordo com Perlin (2006, p.80) “As narrativas surdas constantes à luz do dia estão cheias de exclusão, de opressão, de estereótipos”. O mecanismo de correção dos gestos e comportamentos, na imagem anterior, nos remete ainda a um acontecimento de violência com um funcionário Surdo em um supermercado de Caxias do Sul em 2019 e nos fez associar ao exemplo do suplício citado no livro *Vigiar e Punir*. Foucault (2014b) afirma que a ideia do suplício é a de causar marcas e dores no corpo.

**Imagem 3-** Caso de tortura a funcionário surdo em Caxias do Sul



**Fonte:** Sgoria (2019)

Este contexto, de acordo com informações coletadas pelo jornal *on-line Correio do povo*, sob manchete intitulada *Polícia investiga tortura contra funcionário surdo em Caxias de Sul*, traz o relato de dois funcionários ouvintes que violentaram o corpo de um sujeito Surdo que também trabalhava no mesmo local. De acordo com as informações do próprio jornal, dois

sujeitos ouvintes amarraram as mãos do Surdo com sacolas plásticas rentes ao corrimão de uma escada. Ainda, o jornal afirma que o acontecimento ocorreu no dia 26 de setembro de 2019 e foi registrado pelos agressores por meio de vídeo e divulgado no *WhatsApp*, visando satirizar a maneira do Surdo emitir os sons (CORREIO DO POVO, 2019).

Com base nesse exemplo de violação do corpo do funcionário Surdo, identificamos em Foucault (2014b) que, a ideia de modelar a eficácia dos movimentos é uma maneira de controle do espaço-tempo. O autor destaca que as instituições escolares, hospitalares, religiosas são instituições que utilizam de dispositivos de correção com o intuito de normalizar os defeitos emitidos no/pelo corpo “diferente” e com desvios, tornando-os dóceis.

[...] refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. [...] pois tratava ora de submissão e utilização, ora de funcionamento e de explicação: corpo útil, corpo inteligível. [...] a noção de ‘docilidade’ que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo nível da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (FOUCAULT, 2014b, p. 134-135).

Os exemplos da tortura das mãos do funcionário Surdo (as mãos são amarradas na escada com sacolas plásticas) realizadas por dois funcionários ouvintes, em um depósito de supermercado, reforçam a prática discursiva de suplício do corpo dito “anormal”. Com base nessa exemplificação, enfatizamos que o mecanismo da diferença é construído a partir do controle sobre o corpo exposto na mídia como “deficiente” na totalidade, mostrando que os dispositivos audiovisuais são instrumentos de monitoramento e classificação do sujeito com deficiência, como mostramos na imagem 3.

O método de correção dos movimentos e gestos presentes nas imagens 2 e 3 são exemplos de práticas que advém da instituição escolar de Surdos do século XVIII e essas práticas foram ressignificadas dentro da perspectiva da arte da distribuição, em que Foucault (2014b) coloca que a disciplina procede da organização dos corpos no espaço fechado, como prisões e quartéis, entre outros.

Quando a mídia jornalística registra um caso de violência, ela acaba legitimando práticas corretoras, seja para criticar ou justificar tal ato. Desta forma, vemos o vídeo como um dispositivo produzido na *internet* reproduzindo efeitos de sentido sobre a opinião pública. Dessa formação de opiniões, técnicas de repressão/coerção são aperfeiçoadas e práticas de violência são reproduzidas e estereótipos são construídos.

Ainda em relação à constituição dos poderes, Foucault (2014b, p. 146-147) enfatiza que o saber acerca do corpo social do sujeito anormal, ao longo da história, é produzido pelo poder



disciplinar, colocando técnicas de combate aos comportamentos desviantes, como o ato de falar com as mãos: “[...]. Não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos. Nada é mais material, mais físico e mais corporal do que o exercício do poder”.

Contudo, o autor afirma que não será necessário locais fechados para que o poder disciplinar se ative, como vemos na imagem 3 (a prática corretora foi exercida fora do estabelecimento comercial), pois há outras formas flexíveis de disciplinarização dos corpos defeituosos, no caso do Surdo, podemos citar o exame médico, atividades pedagógicas e medicalização da surdez (aparelhos, cirurgias, exercícios fonoaudiológicos, entre outros). Foucault (2014b) mostra que a vigilância e exame são dispositivos chaves do poder disciplinar, pois

[...] o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser normalizado, excluído, etc. Ser olhado, observado, contado detalhadamente [...] indica bem a aparição de uma nova modalidade de poder em que cada um recebe como status sua própria individualidade, e onde está estatutariamente ligado aos traços, às medidas, aos desvios [...] (FOUCAULT, 2014b, p. 187).

Ao relacionarmos as imagens 2 e 3 com os fotogramas do vídeo *Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, destacamos que o fato da pessoa surda não saber e/ou apresentar dificuldades com a Língua Portuguesa, equívocos de escrita ou fazer ruídos ao “oralizar” e mãos em movimentos são vistos como projeções desviantes, portanto, devem ser corrigidas. Contudo, a comunidade surda defende que o Surdo é “diferente” não pela ótica da normalidade, mas sim pela ótica da identidade (LOPES, 2009).

Na relação com a mídia virtual com o discurso humorístico, identificamos que houve uma ampliação das circulações de informações da Tv e cinema para as redes sociais, plataformas e sites, configurando novas técnicas disciplinares. Com isso, Melo (2016) afirma que o compartilhamento de arquivos de noticiários criminais veiculados na rede televisiva para o meio virtual é uma prática impulsionada pela indignação e/ ou interesse pelas formas de punição. Assim, “As notícias se dão tanto na mídia televisiva quanto na mídia on-line. Na internet, podemos encontrar reportagens que trazem matérias descrevendo os crimes que chocam a sociedade de um modo geral” (MELO, 2016, p. 61).

Então, entendemos que o vídeo é uma técnica de vigilância e exame acerca do corpo estigmatizado produzida pela mídia virtual, visando o aperfeiçoamento do sujeito Surdo, em que a pessoa ouvinte que olha, exerce um olhar analista, no qual esse irá definir se o Surdo está

inserido na norma. Ao olhar, o sujeito ouvinte dociliza o corpo Surdo por meio de coibição e estranhamento instituído nas relações de poder-saber. Esquadrinhar a pessoa surda a partir do saber clínico e pedagógico (assistencialista) é uma forma de poder. Assim, Foucault (2014b) diz que o aprimoramento de técnicas disciplinares são denominadas de microfísica do poder e essas técnicas visam tornar o corpo ativo economicamente (capitalista), ou seja, útil e passivo politicamente, ou seja, dócil.

[...] em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos suaves de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata, do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão (FOUCAULT, 2014b, p. 28).

O corpo é um enunciado explorado pelos humoristas para construir as piadas de estereótipo e estigma. Associamos essas produções como prática de violência mascarada que se estende em outros espaços discursivos. Enfatizamos que Courtine (2013) também se debruça em investigar as minúcias de violência do corpo. Abrimos um parêntese para explicar que constituição da subjetividade surda é associada à relação binômica entre a Libras e o corpo, ou seja, a Libras precisa do corpo para se materializar. Com base nisso, Courtine (2013) destaca que o corpo fala; ele é própria materialidade do discurso e da língua. Por isso que a Libras é o próprio corpo e esse enunciado diz respeito ao processo de constituição de sujeito Surdo posto e de como esse corpo é submetido por uma série de práticas de violência para não falar a língua.

Ao compararmos esses discursos, citamos uma piada e, posteriormente, um comentário feito pelo humorista Danilo Gentili no documentário *O riso dos outros*: “*Por que o mudo tenta falar, né? Nhã nhã nhãã... eu nunca vi um cego tentando ler...[...]*” (ele olha para as mãos para imitar uma pessoa cega lendo) (GENTILI, 2013, 28: 21 segs., grifo nosso). Após a passagem do *show*, o humorista diz: “quando fiz essa piada de surdo, não eu não tive reação nenhuma, porque tinha um surdo na plateia, mas ele não ouviu o que eu disse”. (GENTILI, 2013, 28min. 39s.).

Esse exemplo demonstra que o discurso humorístico tem como base o defeito de algo ou alguém e contribui para o exercício do estereótipo. Assim, a prática estereotípica reproduzida em vídeos de humor mostra que há a hierarquização dos saberes e espaços posta pela grande mídia e se diluiu para mídias virtuais, visto que o poder (produção) de estereotipação é realizado por sujeitos que detenham o dispositivo vídeo em mãos. Como discutimos previamente, no tópico 1.1, o corpo é, para Courtine (2013), um elemento discursivo. Ao satirizar as expressões faciais e corporais do falante de Libras, o humorista trata esse mecanismo como meio de

construção de verdade, que é a cura e inclusão dos Surdos no jogo econômico das relações sociais normativas.

Com isso, vemos na história de educação de Surdos, a igreja como instituição formadora de verdades instituídas por meio de práticas de treinamento da fala e penitência sobre o corpo sinalizante- regime de verdade. Atualizando para as práticas cotidianas essas verdades se reverberam ou resistem a esse discurso oralista utilizando as leis e laudos clínicos que legalizam, por exemplo, as práticas inclusivas pedagógicas, com implantação da sala de atendimento especializado, cursos de libras nas escolas, contratação de tradutores e intérpretes, além de atividades diferenciadas.

Nos dois vídeos que selecionamos, os humoristas satirizam o modo como acontece a prática inclusiva para os Surdos e, no discurso humorístico, destacamos a ênfase no corpo que está fora da ordem da normalidade, pois é um corpo que sinaliza, um corpo que resiste a técnicas clínicas, um corpo carregado de múltiplos discursos não legitimados pelas instituições, um corpo limitado economicamente, um corpo bilíngue, e por fim, um corpo político, identitário e cultural.

Esse corpo não está na ordem do discurso posta pela *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (BRASIL, 2008), pois a Educação Especial coloca que, no que diz respeito a formação educacional, os Surdos devem ser “incluídos” em uma sala regular com os demais alunos ouvintes, tendo acesso a atividades adaptadas as especificidades visuais e com a presença de intérprete. Contudo, essa prática inclusiva é criticada pela comunidade Surda, pois há falta de estrutura, condições que garantem a permanência desse sujeito em sala de aula e esse documento orientador não deixa claro os caminhos para a realização de uma prática bilíngue, deixando o aluno Surdo em desvantagem em relação aos alunos ouvintes no que diz respeito ao letramento do português escrito.

Portanto, o movimento Surdo luta pela criação de escolas bilíngues, o que entra em choque com a política de Educação especial e inclusiva. Essas transições discursivas são satirizadas quando os sujeitos Surdos são comparados corporalmente a outros sujeitos estigmatizados (homossexual, cego, negro, político, entre outros), enfatizando as falhas de políticas de inclusão no Brasil- um corpo político desviante/ fora da ordem do discurso da normalização política. Lopes (2009) estabelece, com base em Foucault, a distinção entre normalização e normaçoão.

A normalização é “ação típica de uma sociedade de seguridade” (LOPES, 2009, p. 115), como podemos explicitar as leis e práticas inclusivas, ou trazer estatísticas de indivíduos Surdos no Brasil, são exemplos de práticas de normalização para se “incluir” os sujeitos com

deficiência e que é mencionado em um dos vídeos de humor, em que o humorista faz uma sátira das políticas de inclusão por meio das práticas pedagógicas falhas e assistencialistas proposta pelo Estado.

Por outro lado, o segundo vídeo (do canal Léo Lins) foca nas barreiras linguísticas e interacionais colocadas sobre o corpo Surdo, satirizando linguisticamente e discursivamente o modo de sinalização do Surdo (estigma linguístico) e a presença do estereótipo corporificado pelo humorista ouvinte (gritar, gesticular, silenciar), se classificando, segundo Lopes (2009, p. 115) como normação, “a ação típica de uma sociedade disciplinar”. Como exemplo, trazemos os estereótipos e as crenças que a sociedade ouvinte dispõem do sujeito Surdo, reverberando as práticas do ouvintismo<sup>15</sup> (aprender a falar, fazer leitura labial, entre outros). Para Charaudeau (2013), no saber empírico,

[...] há que apreciam os comportamentos segundo um julgamento positivo ou negativo, em confronto com normas que foram estabelecidas socialmente, precedendo a afirmações que ganham valor de evidência sob diferentes pontos de vista: ético (o que é bom ou mau), estético (o que é belo ou feio), hedônico (o que é agradável ou desagradável), pragmático (o que é útil ou inútil, eficaz ou ineficaz), sob a forma de julgamentos mais ou menos *estereotipados* que circulam na sociedade (intertextualidade), e que representam os grupos que os instauraram e servem de modelo de conformidade social (o guia de saber se comportar e julgar) (CHARAUDEAU, 2013, p. 46, grifo nosso).

Ainda, o semiólogo suscita que o conhecimento empírico é um saber que faz parte da prática social, em que faz especulações e avaliações com base no “olhar subjetivo que o sujeito lança sobre ele” (CHARAUDEAU, 2009, p. 45). O autor ainda afirma que,

As crenças dão conta do mundo quanto à maneira de proceder à regulação das práticas sociais, ao se criarem *normas efetivas* de comportamento, e também quanto aos discursos de representação produzidos no âmbito do grupo social, para avaliar esses comportamentos, criando-se, assim, *normas ideais*. Essas apontam não apenas para os imaginários de referência dos comportamentos (o que se deveria fazer ou não fazer), mas também para os imaginários de justificativa desses comportamentos (se é do bem ou do mal) (CHARAUDEAU, 2013, p. 46).

Assim, entendemos que o conjunto de discursos presentes nos vídeos de humor são construídos com base no discurso normalizador postulados a partir das crenças e representações sociais, além de discursos institucionalizados pelo poder estatal, em que há a comparação de

---

<sup>15</sup> Skliar (2016, p. 15) afirma que o ouvintismo se “trata de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o Surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, [...] acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais”.

condutas e do físico entre o normal (ouvinte e moralistas) e anormais (sujeitos com deficiência, grupos minoritários e governos corruptos, entre outros), provocando o riso e propagação de tais vídeos nas redes sociais. Quanto à formação dos estereótipos no humor *stand-up*, Andrade (2017, p. 67) constata que “o estudo dos estereótipos no humor de *stand-up* só revela os preconceitos presentes no imaginário coletivo, mas também conduz à discussão sobre como temas difíceis, tais como exclusão social, racismo, deficiências humanas (físicas e mentais), são aceitas no discurso humorístico”.

Possenti (1998) explicita que as piadas constituem relações estereotipadas e práticas discursivas cotidianas referente a grupos social/político, desvelando construções pejorativas ou depreciação pela condição econômica e física. Gesser (2009), no livro *Libras: que língua é essa?*, aponta alguns exemplos de crenças que circulam na sociedade sobre a língua de sinais, o sujeito Surdo e a surdez. Dentre os estereótipos mencionados pela autora, citemos alguns que de alguma forma são retratados em vídeos de humor. No que diz respeito a Libras, Gesser (2009) aponta que essa língua é vista como gestos e/ou mímica. Em *A língua dos surdos é mímica*, a linguista mostra que há distinção entre os sinais e a mímica (pantomima):

[...] as pantomimas ou mímicas – uma vez que tentavam representar o objeto tal como existe na realidade – eram muito mais detalhadas, comparadas aos sinais americanos, levando muito mais tempo para sua realização. A pantomima quer fazer com que você veja o “objeto”, quanto que o sinal quer que você veja o símbolo convencionado para esse objeto (GESSER, 2009, p. 21).

Essa visão estereotipada da língua de sinais, segundo a autora, para a relação de que o Surdo é anormal, sendo implicadas em termos pejorativos, como dissemos, “surdo-mudo, mudinho, débil mental” (GESSER, 2009, p. 21). Quanto aos conceitos complexos e metafóricos, a autora afirma que as pessoas ouvintes acreditam que não é possível expressar ideias abstratas e recorrem a elementos extralinguísticos, como os gestos, entonação de voz e expressões faciais e corporais.

[...] a pressuposição de que não se consegue expressar ideias ou conceitos abstratos está firmada na crença de que a língua de sinais é limitada, simplificada e não passa de um código primitivo, mímica, pantomima e gesto. [...] devemos entender que sinais não são gestos. Assim, é correto afirmar que as pessoas que falam línguas de sinais expressam sentimentos e quaisquer ideias ou conceitos abstratos (GESSER, 2009, p. 22-23).

Somado a isso, Gesser (2009) enfatiza que essa concepção é equivocada e que a Libras possui uma gramática própria comprovada a partir das pesquisas realizadas pelo estadunidense William Stokoe na década de 60 que demonstrou que a Língua Americana de Sinais (ASL)

possuía estruturas morfológica, sintática e semântica. Desta forma, Gesser (2009, p. 19) destaca que “a crença, ainda muito forte na sociedade ouvinte, de que a língua de sinais dos Surdos não tem gramática está ancorada na crença de que elas não passariam de mímicas e pantomimas”.

Outra crença é que a língua de sinais é o alfabeto manual, o que é uma inverdade, pois, de acordo com a autora, é um recurso utilizado pelos falantes da língua de sinais para fazer a soletração de palavras que ainda não tenha sinal correspondente e/ou palavras estrangeiras. Esse ato de soletrar a palavra no ar é denominado de datilologia. Ainda Gesser (2009) salienta que os falantes utilizam desse recurso para fazer empréstimos de elementos linguísticos da Língua Oral (LO), como os acentos gráficos, símbolos matemáticos e outros.

Com isso, “acreditar que a língua de sinais é o alfabeto manual é fixar-se na ideia de que a língua de sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, convencionadas e representadas a partir da língua oral” (GESSER, 2009, p. 29).

Em relação ao processo de ensino aprendido dos Surdos, Gesser (2009) afirma que há a crença de que as dificuldades de interação estão associadas às capacidades de desenvolvimento de compreensão e, conseqüentemente econômico, além de ser frequentemente restrita a participação de alguns espaços pela falta de tradutor intérprete ou outra pessoa que saiba Libras, portanto, a oralização é o caminho para independência social. Essas crenças e outras que analisamos no terceiro capítulo estão respaldadas no saber médico e os estereótipos são uma forma de poder que reverbera, ainda, nos dias atuais, o discurso da normalidade.

É comum ouvirmos as pessoas falarem que o surdo é muito irritado agressivo, nervoso e até débil mental. O fato é que esses estereótipos são construídos com base em paradigmas inapropriados, criados por aqueles que insistem em educar os surdos através da língua oral, uma língua totalmente alheia a sua forma visual de perceber e de se expressar no mundo (GESSER, 2009, p. 77).

Essas questões mencionadas anteriormente são retratadas nos vídeos *Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 do Enem 2017*. Esses dois vídeos focam na temática da cultura surda e da utilização da Libras como “forma de interação” entre os sujeitos humoristas e Surdo. Para constatar essa afirmação, no capítulo III, fizemos análise dos enunciados de estereótipo e estigma, mostrando os trechos legislativos que mencionam sobre os direitos da pessoa surda, associando aos enunciados postos nos dois vídeos e ainda fizemos uma discussão sobre o processo de objetivação/subjetivação por meio da discussão sobre as formações discursivas (médica, econômica e linguística) e como essas formações contribuem na construção de identidades híbridas.

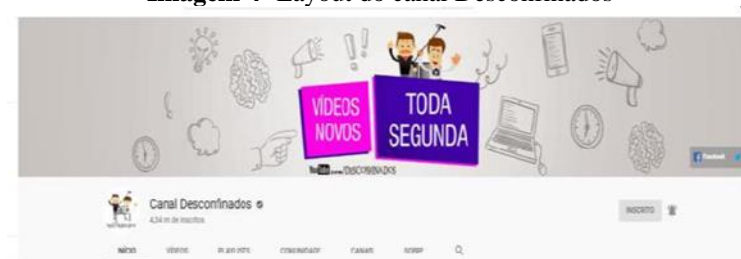
### CAPÍTULO 3

#### OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO SURDA A PARTIR DOS ENUNCIADOS E SABERES PRESENTES EM VÍDEOS DE HUMOR NO *YOUTUBE*

Este capítulo teve o objetivo de analisar os processos de subjetivação surda a partir do discurso humorístico presente na mídia, em específico nos vídeos *Surdo no Subway* e *A redação nota 1000 do Enem 2017* e disponíveis no *YouTube*. Analisamos o vídeo *Surdo no Subway* presente no canal *Desconfinados*, abordando os discursos de estereótipos constituídos na cena fictícia do *Subway* e colocamos trechos enunciativos do vídeo *A redação nota 1000 do Enem 2017* que dialogam com alguns enunciados presentes no primeiro vídeo.

Cabe ressaltar que o vídeo *Surdo no Subway* é apenas um dos vídeos que compõe o canal *Desconfinados* e, também, possui um *site* com o mesmo nome. Ainda, o canal foca em representações de situações cotidianas por meio do humor crítico.

**Imagem 4-** Layout do canal *Desconfinados*



**Fonte:** Plataforma do *YouTube*.

De acordo com as informações que obtivemos no próprio *site*,<sup>16</sup> o canal foi criado por Jonathan Nemer (humorista) e Thiago Baldo (editor técnico) em 2013 e já possui cerca de 4 milhões de inscritos. Em relação ao vídeo analisado, foi postado no dia 24 de outubro de 2016 e possui mais de 14 milhões de visualizações.

Já o segundo canal leva o nome do humorista Léo Lins<sup>17</sup> e foi criado em 2007, contendo mais de 300 mil seguidores. Ainda, segundo informações obtidas em *site*<sup>18</sup>, o humorista trabalha no programa do SBT, *The noite*, em parceria com Danilo Gentili e ainda é conhecido por fazer humor ácido/preconceituoso de diversos temas sociais.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.desconfinados.com.br/>. Data de acesso: 20 nov. 2020.

<sup>17</sup> Referência ao Leonardo de Lima Borges.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.sbt.com.br/talkshow/the-noite#videos>. Data de acesso: 04 jan. 2021

**Imagem 5-** Layout do canal Léo Lins



**Fonte:** Plataforma do YouTube

Como mencionamos, analisamos trechos do vídeo *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, em que, diferentemente do canal anterior, a narrativa não se passa em local fictício, mas em um auditório com plateia. O referido vídeo foi postado no dia 12 de novembro de 2017 e possui mais de 1 milhão de visualizações. Na cena, situada em um auditório, vemos que o humorista está no palco segurando uma redação que ele intitula como *Brasil: um país de todos* e ele faz a leitura desse texto para a plateia.

Enfatizamos que ambos vídeos são inscritos a partir de determinados saberes que constituem a subjetividade surda. Para a análise do objeto escolhido, consideramos a descrição do objeto e a transcrição dos enunciados linguísticos e não linguísticos, ou seja, as representações gestuais, objetais e comportamentais, que comportam a discursividade do corpo enquanto um mecanismo do dizer.

Para transformar o objeto vídeo em enunciados, fizemos as transcrições dos áudios e dos fotogramas dos signos gestuais e imagéticos a partir do congelamento das imagens pela captura do *Windows* e a leitura desses fotogramas e áudios. Desta forma, os vídeos foram analisados a partir dos enunciados que trazem o discurso clínico associado a outros discursos que fazem parte da cena enunciativa humorística e constrói formas de saber-poder acerca da surdez e da Língua Brasileira de Sinais (Libras), constituindo os modos de subjetivação surda.

### **3.1 O saber clínico sobre o corpo Surdo nos canais *Desconfinados* e *Léo Lins***

A narrativa *Surdo no Subway* se inicia com a visão ampla da lanchonete de *fast-food Subway*, os dois sujeitos atendentes atrás do balcão e a chegada do Surdo ao estabelecimento para realizar seu pedido. Ao aproximar a câmera para o atendente I e o Surdo se cumprimenta em Libras. Ao ver que se trata de um Surdo, o atendente I faz um sorriso forçado, afirmando que se trata de um Surdo. A partir dessa cena, vemos que se inicia uma tentativa de interação do sujeito atendente I através de gestos e expressões orofaciais exageradas.



Fotograma 1



Fonte: Desconfinados (2016)

No fotograma 1, o Surdo chega na bancada do estabelecimento para ser atendido e o atendente I (Henrique Serva) afirma *Bom dia, posso te ajudar?* E o Surdo responde em Libras, sinalizando a frase *boa tarde* e que *gostaria de realizar o pedido*. Nesse momento, a câmera desfoca a sinalização do Surdo e captura a expressão do atendente que anuncia com um sorriso entre os dentes: *Eiita... É surdo!* (DESCONFINADOS, 2016, 0: 11 a 0:13 segs.).

Diante dessa cena, afirmamos que o cômico se constrói a partir do movimento facial e corporal. Os sujeitos estão na posição de atores, utilizando do suporte vídeo não apenas para expor uma piada na forma verbal, como é comum no *stand-up comedy*, mas também trazendo uma ambientação fictícia que retrata um espaço social: atendimento no Subway. Essa forma de construir a narrativa se aproxima dos elementos de gravação utilizado pelo cinema, pois contém personagens, espaço e um texto mais elaborado. Por outro lado, o vídeo preserva elementos do humor de *stand-up*, como uma piada elaborada e os atores se apresentam em pé.

No segundo vídeo, *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, diferentemente do primeiro, se configura como humor de *stand-up* tradicional ou monólogo, pois, o humorista está diante de uma plateia se posicionando como um sujeito humorista que conta uma piada narrativa (redação dissertativa humorística) sobre as barreiras linguística e atitudinais do Surdo.

Cabe salientar que a leitura dinâmica da “redação satírica” construída pelo humorista está pautada na temática da redação do Enem de 2017: *Desafios para Formação Educacional de Surdos*. No mesmo ano, houve a aprovação sobre a tradução em vídeo-Libras da prova do Enem. Com base nessas notícias, o humorista constrói uma narrativa sobre o corpo Surdo com base na retomada e associação do Surdo a outras redes discursivas, como o analfabetismo, a anormalidade construída a partir do defeito do corpo, entre outros.

Este tipo de narrativa construída pelo humorista é chamado de *humor ácido*, pois, é um humor que visa falar de um tema ou grupo minoritário de maneira preconceituosa, sem pensar

nos princípios do discurso politicamente correto. Enfatizamos que as materialidades mencionadas são caracterizadas como uma prática linguareira.

Para Charaudeau (2013), a linguagem não é apenas um conjunto de signos linguísticos, mas é a sua relação com a exterioridade social. Com base na leitura de Charaudeau (2013), compreendemos que a língua de sinais é o meio pelo qual os enunciados se materializam, pois ela é utilizada como elemento cômico. Isso significa que a língua não está associada apenas a uma estrutura gramática ou ato de interação linguística.

Esta relação linguística implica, também, a relação do sujeito com uma memória identitária e uma ideia de surdez que vai se atualizando, se ressignificando historicamente nos movimentos de luta da comunidade surda em prol da língua de sinais, como nos países europeus americanos, como no Brasil no século XX (GESSER, 2009). Para Charaudeau (2013),

A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos da língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem quanto ato do *discurso*, que aponta para uma maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido (CHARAUDEAU, 2013, p. 33-34, grifo do autor).

O corpo é o suporte da língua, na qual se constitui enunciados. Os enunciados são retomados como lugar de experiência linguística sobre o corpo, formando diversas ordens dos discursos e saberes-poderes que se reproduzam no discurso humorístico, além de prática de estereótipos e preconceitos tratados como efeitos de verdade. Diante dessas ponderações, compreendemos que ambos vídeos constroem discursividade pautada nas dificuldades que o Surdo apresenta em diversas situações do cotidiano.

No fotograma 1 (página 89), quando o atendente olha para o Surdo com expressão forçada das extremidades do maxilar, há duas relações de estereótipo: o fato do sujeito ouvinte não-saber interagir em Libras e o segundo que ele deve ter uma relação de empatia com o sujeito Surdo que está na posição de cliente. Nos treinamentos, funcionário é orientado como fazer um bom atendimento ao cliente e ter formação em Libras para a interação cotidiana.

A primeira cena se constrói a partir de discurso econômico e histórico, pois, apresenta dois enunciados: *o funcionário deve prestar um bom atendimento ao cliente* e *o sujeito que não sabe Libras*. Ressaltamos que o discurso humorístico não é aqui analisado apenas internamente, mas também a partir de práticas e acontecimentos situados externamente, por questões históricas, políticas e sociais. Ele não é tratado com conjunto de palavras ou coisas enunciadas pelo humorista, mas como acontecimento, em que a língua de sinais é material de emergência do discurso econômico, político, sociocultural.

Estamos diante de duas ordens discursivas: o ouvintista e o surdista. Elas se organizam a partir do que é dito ou praticado como verdadeiro no âmbito das grandes instituições e da sociedade civil, ou seja, o discurso do humor constrói realidades e identidades, em que a surdez é um objeto carregado de discursos e sujeitos dispersos. Salientamos que discurso humorístico é composto por um ato de enunciação que traz uma exterioridade. Esse “fora” é expresso na cena enunciativa que envolve os sujeitos Surdos e os humoristas, ou seja, esses sujeitos estão posicionados enquanto atores na ordem do discurso midiático e humorístico.

Com base em Foucault (2019), o discurso é um campo formado por conjuntos de práticas e funções enunciativas que permite que um sujeito fale de um determinado lugar, no caso em que, podemos descrever as práticas e os enunciados dentro de um determinado campo do saber. Com isso, o conceito de discurso envolve a descrição do que é enunciado, ou seja, “[...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar as coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2019, p. 60).

As duas narrativas (*Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 do Enem 2017*) trazem em seus discursos, *enunciados*<sup>19</sup> presentes em outros discursos, enunciados estes que podem ser pessoa *com deficiência, cidadão de direito, inclusão, exclusão, imoralidade, Libras* e entre outros enunciados que são reconfiguradas no discurso humorístico, por meio da ação e descrição sobre o corpo Surdo. Isso mostra que esses ditos são enunciados, pois, eles estão situados em uma situação específica que é o *YouTube* e o humor, ou seja, não há como isolar o sujeito humorista (ator) e o Surdo desses domínios enunciativos ouvintista *versus* surdista, pois, eles são subjetivados a partir dessa relação com outros enunciados dispersos.

Ao descrevermos modo de enunciação *Eiita ... é surdo*, identificamos que não se trata apenas de uma constatação feita por parte do atendente, mas sim um modo de demarcar as posições de diferenciação entre eles, em que o Surdo é um sujeito que sinaliza e o atendente é o sujeito que fala português. No fotograma 2 e 2. 1, o sujeito atendente I faz mímica acompanhado em uma tonalidade de voz alta e exagerada:

---

<sup>19</sup> Cabe enfatizar que que Foucault (2019) trata o enunciado e função enunciativa como termos sinônimos e trata de um domínio de existência emergente de um objeto e sujeito no presente. Desta forma, os fotogramas são vistos como enunciado, pois há sujeitos que falam de um lugar que designa enquanto campo artístico e midiático, e isso se materializa por meio de vídeos (materialidade linguística e visual) compostos em uma plataforma virtual em uma cultura neoliberalista. Desta forma, “o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2019, p. 123).



Fonte: Desconfinados (2016)

Esses dois fotogramas trazem o enunciado *Surdo é um sujeito que faz mímica e/ou um sujeito que interage por linguagens*. Nos mesmos fotogramas, o atendente I tenta perguntar ao Surdo o tamanho do pão, demarcando com as mãos o comprimento (fotograma 2) e a representação da ação de morder o objeto pão (fotograma 2.1) e, ainda, ele fala em entonação de voz exagerada: *QUAL? QUAL?... PÃO... VOCÊ QUER*<sup>20</sup> (DESCONFINADOS, 2016, 0:15s). A maneira do atendente interagir com o Surdo é uma prática de estereótipo. Para Gesser (2009), o estereótipo sobre o corpo Surdo é um mecanismo de controle da normalidade social.

Infelizmente, o povo surdo tem sido encarado em uma perspectiva exclusivamente fisiológica (déficit de audição), dentro de um discurso de normalização e de medicalização, cujas nomeações, como todas as outras, imprimem valores e convenções na forma como o outro é significado e representado (GESSER, 2009, p. 46)

Os fotogramas 2 e 2.1 colocam que o corpo sinalizante deve ser controlado, medicado e normalizado. Foucault (2013) entende que o olhar visa examinar e categorizar os corpos, como exemplificamos no fotograma 1 (página 89). Ao exprimir marcadores de anomalia e tentar corrigi-los é uma maneira de violação vinda por parte do jogo do espetáculo humorístico.

Destacamos que o saber construído sobre o objeto surdez é, predominantemente, médico, pois, a família recorre ao médico especialista quando percebe que a criança não responde aos estímulos auditivos. Como o Surdo deve ser incluído nas atividades sociais, ele é visto como um cidadão de direitos se fizer parte do jogo capitalista.

A emergência do enunciado da inclusão faz parte do discurso econômico e político, uma vez que o estado neoliberal toma para si o enunciado *do sujeito pleno*. Esse discurso do sujeito econômico, que produz para consumir, faz parte de toda cena enunciativa do *Surdo no*

<sup>20</sup> A escrita em caixa alta marca a entonação da voz do atendente I que fala de maneira exagerada, representando por meio do falara alto e gesticulando a boca e as mãos como uma prática de idiotização do sujeito Surdo.

*Subway*<sup>21</sup>. A empresa, que atualmente é uma das maiores franquias de *fast-food*, nasceu do desejo de um estudante em cursar medicina e pediu dinheiro emprestado ao seu amigo para abrir um restaurante. Desse pequeno negócio, a empresa se expandiu e se tornou um grande meio de giro de capital.

Sabemos que as instituições econômicas fizeram das práticas de inclusão como modo de obter lucratividade, e com isso, as empresas com mais de 100 funcionários tiveram que reservar uma porcentagem de contratação de sujeitos com deficiência disposto no artigo 93 da Lei n. 8.213/1991 e, também, na Lei Brasileira de inclusão (LBI).

Contudo, nosso foco é mostrar que os atores do vídeo, enquanto funcionário de uma instituição de atendimento ao público têm que dar conta de prestar o atendimento ao cliente Surdo e, ligado a isso, outros arquivos legislativos corroboram para que o Surdo tenha a acessibilidade linguística.

Dito isso, vemos que ao descrevermos o tipo de sujeito Surdo que é demonstrado nos fotogramas 1, 2, 2.1 e 3 (páginas 89, 92 e 96), vemos que estamos diante de uma formação discursiva jurídica, em que enuncia quem é esse sujeito Surdo. Essas construções estão consolidadas, por exemplo, no Decreto nº 5. 626/ 05 que traz o conceito de *Surdo* como o sujeito que possui algum grau de perda auditiva, mas que interage em Libras e o sujeito com deficiência é aquele que possui perda de 40 decibéis adiante comprovado através de exame audiológico (audiometria):

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2005, p. 1).

Ao categorizar o sujeito da surdez, mostramos que o sujeito atendente é captado tanto pelo discurso jurídico de que se deve ter acessibilidade quanto por uma exterioridade social e médica que vê o Surdo pelo viés do estereótipo e do patológico. As leis são citadas aqui, pois são materialidades que sustentam os enunciados aqui dispostos no discurso humorístico e objetificam o sujeito Surdo objeto de espetacularização dos modos de interação em sinais que ele utiliza e, por outro lado, subjetiva o sujeito ouvinte atendente que precisa, perante o decreto, interagir na língua do Surdo.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.subway.com/pt-br/aboutus/history>. Data de acesso: 20 jan. 2020.

Nos parâmetros do Decreto nº 5.626, destacamos que o discurso da surdez é cercado de embates discursivos, sendo objeto para diferentes categorias discursivas (médica, jurídica, econômica) que ora se conectam, ora se divergem quanto ao enunciado da surdez. Segundo Coimbra, Nozu e Ribeiro (2019), há um discurso de categorização do corpo como prática do discurso da normalidade.

Conceituar, classificar, denominar são ações que buscam a compreensão das coisas e dos sujeitos. Nesta perspectiva, entender o normal e o anormal requer o conhecimento de outras expressões, suas possíveis diferenciações, aproximações e distanciamento. O anormal surgirá das verdades estabelecidas que definirão o normal, ou seja, aqueles que não preencham os requisitos, não possuem as características, não estiverem no padrão normal, serão denominados anormais (COIMBRA; NOZU; RIBEIRO, 2019, p. 59).

Ao identificar a “falha” sobre o corpo, o atendente coloca o Surdo como “deficiente”, no sentido capacitista do termo, pois não interage em português e ele é alvo de ridicularização. Segundo Nozu (2014) o aparecimento de discursos acerca da deficiência se constitui a partir do processo de normalização dos corpos e, compreendemos que as leis surgem a partir de práticas discursivas e não discursivas tanto do saber clínico quanto social.

Por sua vez, o discurso social evoca a dimensão multicausal da deficiência, considerando suas causas a partir de aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Dessa forma, mais que reconhecer a deficiência nos elementos intrínsecos, como problema individual, concebe-a levando em conta os elementos extrínsecos (sociais, políticos e econômicos) que dificultam ou impedem a participação das pessoas com deficiência nos mais diversos ambientes sociais. Logo, o foco de mudança requerida é a própria estrutura social, que necessita ser transformada de modo a possibilitar o acesso e a participação de todas as pessoas, com ou sem deficiências (NOZU, 2014, p. 56).

Ainda o autor coloca que o discurso social advém de uma vontade de saber-poder que visa controlar e normalizar as diferenças. Retomando a formação do estereótipo, no segundo vídeo do humorista, quando ele compara o Surdo a outros sujeitos com uma patologia física ou comportamental, há o riso expressado pela plateia, e nessa prática vemos que o riso é a manifestação da linguagem construída a partir de uma memória coletiva de como os sujeitos com deficiência são representados pelo discurso humorístico.

Enfatizamos que o riso pode ter diversas formas de representação dependendo das condições de produção. De acordo com Bergson (1983) o riso é o que produz o cômico e que este é uma prática social, ou seja, “[...] não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (BERGSON, 1983, p. 2).

As razões para a aparição do riso, elencadas por Bergson (1983): insensibilidade, efeito de rigidez ou de velocidade adquirida, rigidez mecânica, rigidez do caráter, do espírito e corpo, formas gestuais e movimentos. Dessa forma, no vídeo *Surdo no Subway*, mesmo que o cômico é encarado como um instrumento de despertar a problematização da barreira interacional do sujeito Surdo na sua vida cotidiana.

Bergson (1983) assevera que a piedade/afeição pela causa surda e cômico não são combináveis, já que o riso se manifesta a partir dos desvios sociais. Contudo, os vídeos trazem uma crítica social quanto às práticas de inclusão com base no humor. O modo de interação causado pelo riso, compreendemos como prática discursiva, pois, é um mecanismo de satirizar a Libras como uma língua de menor valor, construída a partir de uma prática pedagógica historicamente instituída, em que a língua de sinais era entendida como uma linguagem simples, na qual, não era possível expressar sentenças e ideias abstratas (GESSER, 2009).

Frente a isso, Skliar (2016) afirma que embora tenha havido avanços nas pesquisas sobre o caráter linguístico, ainda há desvalorização da Libras, devido ao saber médico que instituiu por meio de treinamento vocal e auditivo, que o sujeito só se desenvolve plenamente se aprender a ouvir e falar a língua oral. O autor enfatiza que esse modo de correção do corpo Surdo corrobora para a formação de estereótipos.

Apesar de sua secular presença no mundo e do desenvolvimento de uma teorização específica atual sobre essas línguas- a linguística da língua de sinais -, sua existência segue, ainda hoje, rodeada de um certo halo de mistério, de rechaço e de representações estereotipadas. Mesmo agora, quando numerosas pesquisas já têm demonstrado que as línguas de sinais cumprem com todas as funções descritas para as línguas naturais, ainda persiste e chama a atenção a sua desvalorização, o seu tratamento como mescla de pantomima e de sinais icônicos, e a sua consideração como *pidgin* primitivo (SKLIAR, 2016, p. 24, grifo do autor).

A mesma visão estereotipada de que a Libras é uma linguagem limitada (gestos e alfabeto manual) é reforçada em um trecho do segundo vídeo denominado *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, em que o humorista faz a leitura da redação sobre as dificuldades encontradas para a formação dos Surdos.

O sujeito humorista menciona diversas práticas estereotípicas e preconceituosas quando ele lê uma redação intitulada *Brasil: um país de todos*. O título da redação é um enunciado que é capturado como uma rede enunciativa que se iniciou com a campanha política do presidente Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), quando o partido se valeu do discurso da diversidade cultural brasileira, como um modo de resgatar os sujeitos que estavam em

situação de miséria e estavam exclusas da participação econômica do país, inclusive as pessoas com deficiência.

O enunciado *O surdo é um anormal* aparece quando o humorista associa a sinalização à dificuldade de fala como uma doença física (coordenação motora) quando enuncia: *E uma terceira ideia, colocar nas aulas um tradutor de libras, a linguagem de sinais, que, aliás gostaria de deixá-lo com uma dúvida: um surdo-mudo com o mal de Parkinson é considerado gago?* (LINS, 2017, 2: 20 s., grifo nosso).

A prática de se referir ao sujeito como um completo “doente” é o que Amaral (1998) chama de *generalização indevida*, citado no início do trabalho. Isso significa que o sujeito Surdo é constituído, na visão do sujeito humorista, como

[...] uma transformação da totalidade da pessoa com deficiência na própria condição de deficiência, na ineficiência global. O indivíduo não é alguém com uma dada condição, é aquela condição específica e nada mais do que ela: é a encarnação da ineficiência total (AMARAL, 1998, p.16-17).

Diante disso, o enunciado *o Surdo é uma pessoa com deformidades físicas* é associada à prática estereotípica da língua de sinais e do corpo Surdo como anormais e desviantes e reforça a prática do discurso clínico respaldada no diagnóstico dado a partir da avaliação por observação e exame. Cabe salientar que, nos fotogramas 3 e 4, o sujeito constitui a subjetividade surda por meio do enunciado de que *o Surdo é totalmente deficiente*, ou seja, ele é constituído subjetivamente por uma condição limitada de interação linguística, sensorial (a ausência da audição) e cognitiva.

**Fotograma 3**



**Fonte:** Canal do humorista Léo Lins (2017)

E ele ainda continua: *porque eles ficam HÃ-HÃÃ-HÃ ... fica gaguejando. E na linguagem de sinais você usa as mãos e os dedos pra fazer as palavras* (LINS, 2017, 2: 32



segs.). O humorista faz o movimento vai e vem com as mãos e com os dedos semiabertos para se referir a um sujeito que possui mal de *Parkinson*, que é uma doença caracterizada pelo comprometimento do sistema nervoso na realização dos movimentos, levando ao tremor dos membros. Somado a isso, o humorista faz uma dupla comparação da pessoa que treme (fotograma 3) e a emissão de som focal (*Porque eles ficam HÃ-HÃÃ-HÃ ...*).

Estas práticas preconceituosas colocam o sujeito Surdo como um sujeito que possui incapacidade de se responsabilizar pelas próprias ações, marcado pelo movimento involuntário das mãos, e que ele não possui uma sanidade mental, pois, o mal de *Parkinson* é um distúrbio cerebral ocasionado pela queda do neurotransmissor dopamina.

Os exemplos acima (fotogramas 3 e 4) corroboram para a construção enunciativa da (a) *normalidade* que se pauta na ênfase do defeito corporal e moral, principalmente no exemplo do trecho descrito pelo humorista, quando se refere ao Surdo como *surdo-mudo* e, mais ainda, o associa a um sujeito patológico (mal de *Parkinson*) ou a um sujeito que não consegue oralizar audivelmente bem (*gago*). Essa construção enunciativa faz parte do discurso médico, visto que a língua de sinais é tratada como um instrumento de retrocesso na evolução da prática de oralização e medicalização do corpo Surdo.

Nesse jogo os surdos acabam, finalmente, sendo catalogados não apenas como não ouvintes, mas como autistas, psicóticos, deficientes mentais, afásicos e esquizofrênicos. [...] contêm formas opressivas, que permitem um controle social eficaz e determinam, exatamente, uma devastação psíquica sistemática nos surdos (SKLIAR, 2016, p. 21).

No fotograma 4, o humorista traz representações estereotipadas sobre a língua de sinais ao tratá-la como *linguagem de sinais*, ao mencionar que o presidente Lula não pode falar em Libras por não ter o dedo mínimo para fazer a letra J:

**Fotograma 4**



**Fonte:** Canal do humorista Léo Lins (2017)

A letra do alfabeto produzida por um corpo que não possui é relacionada o não-saber que o sujeito político não tem (diploma de um curso superior), ou seja, *Lula é analfabeto, portanto, não possui competência para governar o país*. Esse é um recurso enunciativo usado pelo ator para criticar o fato do sujeito político ter se apoderado do discurso inclusivo para auto favorecimento.

A língua é utilizada como objeto discursivo para marcar o enunciado da deficiência física do sujeito Surdo e a deficiência formativa acadêmica que o sujeito político possui, sendo assim, a deficiência corporal e política são enunciados para criticar as práticas de corrupção.

Como já vimos, o enunciado *Libras é uma linguagem* é retomado e se associa aos fotogramas 1, 2 e 2.1 (páginas 89 e 92), ao tratar a Libras como um conjunto de alfabetos e, mais ainda, ele usa um empréstimo da Libras como marca de deformidade das mãos. O Surdo é associado ao enunciado do *analfabetismo escolar* (aquele que não sabe escrever e segundo a norma padrão da Língua Portuguesa) e um analfabetismo político, em que ele não possui voz para reivindicar os próprios direitos.

Foucault (2014a) afirma que para o sujeito fazer parte da ordem do discurso político e clínico, por exemplo, é necessário que esse sujeito do discurso siga um conjunto de regras e saberes institucionalizados, pois, são elas que fundamentam suas práticas e colocam o homem como objeto de saber.

No enunciado *Brasil, um país de todos ou de todos quem?* traz uma relação de oposição discursiva de que *o Brasil não é de todos*, pois, o humorista elenca fragilidades na política de formação educacional dos Surdos. Ele demonstra, pelo discurso, que o sujeito Surdo não está incluso no enunciado *um país de todos*, porque as metodologias de ensino não garantem que o Surdo aprenda Língua Portuguesa e nem Libras, que o intérprete é o único responsável pela formação do aluno Surdo, que ele não pode se defender, entre outros.

Ao responsabilizar apenas o sujeito com deficiência pelo “fracasso” escolar, estamos diante de um contexto que Lopes (2009) denomina de inclusão/exclusão. Isso significa que, embora haja a inserção desse sujeito e práticas pedagógicas e estruturais acessíveis (processo de inclusão), ainda sim, ao trazer a presença do sujeito com deficiência para a escola regular, há a produção de conhecimento sobre esse sujeito (*anamnese* ou relatório de Plano de Desenvolvimento Individual - PDI) – prática de governamentalidade (LOPES, 2009); há a diferenciação da deficiência dentro dos graus de normalidade.

No contexto educacional, a política de inclusão prevê que o sujeito com deficiência participe das aulas em classe regular e, se caso necessário, a sala de recursos multifuncionais. Essa prática é articulada em um processo de in/exclusão e estigmatização do sujeito com

deficiência, pois o aluno é incluído nas salas de aulas, mas também ele é excluído quando o processo de aprendizado é segregado pelas práticas metodológicas de ensino e de falta acessibilidade da Libras como L1 dentro do contexto de sala de aula.

A *normalidade corporal* é apenas um dos enunciados que compõe o estigma e o estereótipo sobre a surdez, que está presente na Formação Discursiva<sup>22</sup> médica. Com isso, compreendemos que o discurso humorístico circunscreve práticas de normalidade clínica acerca da surdez.

Ao ver o atendente I (fotograma 2 e 2.1- página 92) se dispor de mecanismo de gesticulação das cordas vocais e leitura labial, por exemplo, essas são práticas utilizadas pelo saber médico (fonoaudiologia, otorrinolaringologia) de correção da fala e que são discursos capturados pelas pessoas como verdadeiro.

Por outro lado, quando o sujeito humorista compara o sujeito Surdo com uma pessoa gaga, vemos que há uma interrupção na leitura do texto dissertativo quando a plateia dá risadas: *[Risadas]* (LINS, 2017, 2: 32 segs.). O riso é entendido como um dispositivo do cômico, pois, o riso é a resposta de que a piada causou algum efeito de regaste da memória coletiva do acontecimento narrado. Além disso, Bergson (1983) destaque que o riso é a materialização das práticas de maldade humana.

Essa atitude risível aciona uma combinação de enunciados estereotípicos e está relacionada à crença de que a pessoa, por ser sinalizante, não emite som algum, como explicita Gesser (2009), no tópico *Surdo, surdo-mudo ou deficiente auditivo*. Já Perlin (2016, p. 58) afirma que esses modos de “representação” estereotipadas provocam práticas de estigmatização quanto ao processo cognitivo do sujeito Surdo e são construídas a partir dos jogos de *relações de poder*, ou seja, ao objetificar e ao mesmo tempo subjetivar o Surdo, há a naturalização desses conceitos estereotípicos na sociedade: “os discursos ouvintes são feitos de práticas discursivas marcadas por estereótipos”.

A autora discute sobre as diferenças discursivas entre esses conceitos, mostrando que os elementos gestuais e corporais são tratados como marcadores de estereótipos que fazem parte de discursos distintos (clínico e cultural). Enquanto que a deficiência auditiva faz parte do discurso clínico, o conceito *Surdez* está posicionado tanto no discurso antropológico quanto no discurso clínico.

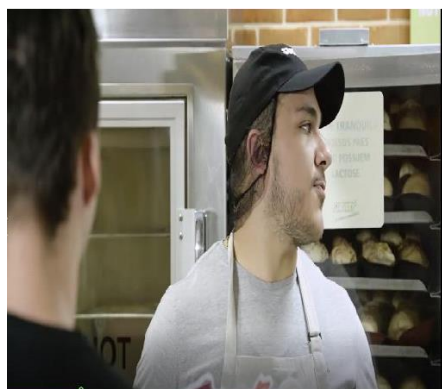
---

<sup>22</sup> Tratamos de Formação discursiva os saberes médicos e jurídicos, pois todos esses campos constituem um saber sobre o sujeito Surdo que é retomado pelo discurso humorístico e que formam outros enunciados acerca da surdez.

O termo *surdo-mudo* é mescla enunciativa advinda desses dois discursos que trazem efeitos de sentidos de patologia ou marca de identidade. Essa duplicidade conceitual sobre a surdez se constituiu como uma prática de estereótipo disseminado não apenas por essas instituições que utilizam do saber científico, mas também pelas pessoas leigas no assunto.

O gesto (mímica), neste caso, é um dispositivo do cômico, pois, o gestual trabalha com a voluntariedade dos movimentos e da expressividade facial, ou seja, o comportamento desajeitado revela os modos do Surdo ser. O atendente I, mesmo fazendo inúmeras performances gestuais para se referir ao pão, o Surdo não parece compreendê-lo. Com isso, o atendente II (Jonathan Nemer) entra em cena para ajudar na interação linguística, como vemos nos fotogramas 5 e 5.1:

Fotograma 5



Fotograma 5.1



Fonte: Desconfinados (2016)

O atendente I exclama: *Gente, alguém sabe falar com o surdo aqui? Eu tô perdido* (DESCONFINADOS, 2016, 0:32 segs.). No fotograma 5.1, identificamos que o sujeito atendente II chega confiante, com um sorriso entre os dentes, e cumprimenta o Surdo em Libras. A partir desse contexto percebemos que há, por parte do atendente, uma atitude equivocada associada à

[...] informações tendenciosas prévias do desconhecimento (seja oriundo de desinformação factual, seja oriundo de emoções/sentimentos não elaborados) abrigamos em nós atitudes diante de um determinado alvo de atenção: algo, alguém ou algum fenômeno. Essas atitudes, em princípio, darão um ‘tom’ de nossas ações e razões no convívio com esse alvo de atenção (AMARAL, 1998, p. 17-18).

A diferença de atendimento oferecido por ambos atendentes traz à tona uma oposição entre o *saber* e o *não-saber Libras*. Para Amaral (1998), essa relação de desinformação é uma

forma de *barreira atitudinal*. A garantia de acessibilidade no atendimento ao sujeito Surdo se concretizou pelo Decreto nº 5. 626/05 e, mais recente, o Decreto nº 9.656/18 (BRASIL, 2018).

Estes decretos são o resultado de reivindicações e movimentos organizados pela comunidade surda. Sabemos que esses documentos, enquanto enunciados, fazem parte da formação discursiva jurídica e diz respeito à emergência de criar formas legais de acessibilidades linguística e interacional. A falta da formação de Libras para os funcionários de instituições públicas e privadas, e a participação do sujeito com deficiência em diversos espaços resultaram na legitimação de leis que afetam as práticas cotidianas tanto do Surdo quanto do sujeito ouvinte (leigo).

A dificuldade de interação faz parte de uma regularidade, pois, os Surdos se veem em desvantagem nos atendimentos básicos, como hospitais, farmácias e estabelecimentos em gerais. Na maioria desses lugares, os sujeitos sociais não sabem interagir em Libras e nem sempre há um intérprete disponível para facilitar a interação entre os sujeitos.

Os Surdos são tratados, em alguns contextos e por algumas pessoas, como coitado, *mendigo* ou *deficiente (capacitista)*, ou seja, um sujeito que carrega a marca ou condição física desviante de maneira permanente. Há pessoas que se dispõem de uma boa vontade em interagir em Libras e se utilizam de sinais caseiros, pedem para o Surdo escrever no papel ou falam de maneira mais articulada para que o Surdo faça leitura labial. Contudo, sabemos que nem todos os Surdos dispõem dessas habilidades e muitos, inclusive, não conhecem a Libras.

O Decreto nº 5.626 de 2005 vem para regulamentar alguns artigos da Lei nº 10. 436 de 2002, sendo que no decreto não é mencionado como as instituições públicas garantirão a acessibilidade linguística e, também, não há a citação de serviços de acessibilidade que devem ser prestados pelas empresas privadas, como é o caso da franquia do *Subway*. Nos fotogramas anteriores, identificamos que a *Libras* como um enunciado da acessibilidade, visto que, a Lei nº 10. 436/2002 foi a lei que reconheceu Libras como uma língua oficial da comunidade surda:

Art. 1o É reconhecida como *meio legal de comunicação e expressão* a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de *comunidades de pessoas surdas do Brasil*. (BRASIL, 2002, p.1, grifo nosso).

Com esse reconhecimento, a partir do momento em que essa lei foi estabelecida, houve um movimento para que as empresas garantissem o atendimento ao Surdo na Libras, como dispõe no artigo 2 e 3 da lei:

Art. 2o Deve ser garantido, por parte do *poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos*, formas institucionalizadas de apoiar o uso e *difusão* da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3o As *instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos* de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado *aos portadores de deficiência auditiva*, de acordo com as normas legais em vigor (BRASIL, 2002, p. 1-2, grifo nosso).

Destacamos que, no decreto, a Libras é reduzida como um canal de “comunicação”. Em complemento ao Decreto nº 5. 626/05, em 2018, dois anos após a postagem do vídeo *Surdo no Subway*, foi publicado o Decreto nº 9.656/18 que amplia o acesso da Libras nas instituições públicas.

Abrimos um parêntese para comentar o artigo *A diferença entre o falar e o agir: análise do decreto nº 9. 656/2018*, em que Moraes e Souza (2019) fazem uma análise comparativa entre os Decretos nº 5. 6 26 de 2005 e nº 9. 656 de 2018. Esse artigo dialoga com nosso *corpus* de pesquisa, pois, estamos por meio do método descritivo, tratando de práticas de inclusão no espaço público legitimado por lei.

Para análise dos decretos, as autoras escolheram como *corpus* os artigos 1, 2 e 26 de ambos documentos, pois, dispõem sobre a garantia de atendimento que as empresas devem às pessoas surdas. A análise se concentrou na comparabilidade das escolhas lexicais e seus efeitos de sentidos na posição do enunciador presidente da república.

O Decreto nº 9.656/18, publicado no dia 27 de dezembro de 2018, nos momentos finais do mandato do presidente Michel Temer, trata da alteração dos artigos mencionados acima que trazem a regulamentação da Lei nº 10.436/02 e altera o Decreto nº 5.626/05, no que diz respeito ao direito do Surdo de ser atendido na sua língua materna (Libras) em qualquer espaço público de atendimento. Cabe salientar, com base na análise de Moraes e Souza (2019), que o artigo 26 de ambos decretos falam da responsabilidade das empresas públicas em oferecerem acesso linguístico por meio da Libras e da atuação de tradutor intérprete.

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto no 5.296, de 2004. (BRASIL, 2005, p. 4).

Art. 26. O Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, deverão garantir

às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o seu efetivo e amplo atendimento, por meio do uso e da difusão da Libras e da tradução e da interpretação de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2018, p. 1)

Enfatizamos que ambos os artigos mencionam que a prática se aplica apenas a empresas de fomento público, não incluindo as empresas privadas. O *Subway* é uma franquia de iniciativa privada, o que podemos interpretar que, o enredo cômico é uma crítica às práticas de in/exclusão no Brasil. Essa prática de inclusão, em que o Surdo só é inserido nos espaços sem a acessibilidade linguística e política e social, apenas reforça as práticas de estereótipos e estigmas relacionada à Libras e ao sujeito Surdo.

Outra questão problemática é que as leis também dizem respeito à inclusão das pessoas com deficiência auditiva, o que provoca contrariedades com o enunciado da surdez como marca de *identidade*, em que, o principal elemento que diferencia a pessoa surda da pessoa com deficiência auditiva é a língua. Desta forma, as autoras interpretam que a substituição e/ou implementação lexicais se devem às práticas políticas e históricas.

As diversas formas e práticas discursivas em que a surdez é tratada contribui para múltiplas interpretações partilhadas a partir de uma memória e os modos de posicionar o sujeito não ouvinte na sociedade e a legalização dessas práticas trazem saberes e interesses políticos do controle da diferença (SKLIAR, 2016).

As ideias dominantes, nos últimos cem anos, são um claro testemunho do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem, se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez, numa versão que amplifica e exagera os mecanismos da pedagogia corretiva, instaurada nos princípios do século XX e vigente até os nossos dias. O que estão mudando são as concepções sobre o sujeito surdo, as descrições em torno da sua língua, as definições em torno da língua, as definições sobre as políticas educacionais, a análise das relações de saberes e poderes entre adultos surdos e adultos ouvintes, etc. (SKLIAR, 2016, p. 7).

Ainda, a escolha lexical *portador de deficiência*, o Surdo se encontra na mesma lei e é carregado de estereótipo que legitima uma prática integracionista, isentando o Estado de garantir a inclusão. Contudo, a lei não está na mesma ordem das práticas inclusivas.

No artigo, as autoras afirmam que as empresas devem garantir o suporte no atendimento, mas não coloca de que forma esse direito será garantido. Por fim, há a exigência de 5% de funcionários capacitados na compreensão básica da Libras previsto no parágrafo 10 do Decreto nº 5.626/05 (MORAES; SOUZA, 2019). Essa última garantia é inclusa nos fotogramas 6 e 6.1 quando o segundo atendente entra em cena e afirma saber interagir com o Surdo: *Opa! surdo? Deixa comigo* (DESCONFINADOS, 2016, 0:35 segs.).



Fonte: Desconfinados (2016)

No trecho acima, imaginamos que o atendente irá conseguir interagir em Libras com o Surdo e isso se confirma nos fotogramas abaixo quando ele cumprimenta o Surdo, utilizando o sinal de *bom* de maneira enfática com as duas mãos, a configuração de mão em O (fotograma 6) e movimento de abertura das mãos para frente do corpo (fotograma 6. 1); o atendente I o olha impressionado e com a boca entreaberta.

A excitação do personagem coloca o estereótipo de que a Libras é uma língua artificial e, além disso, se legalizou por meio do artigo 1 dos dois decretos. Ao constatar ser um Surdo, o atendente entra na ordem do discurso inclusivo e deixa subtendido, em um primeiro momento, que ele tem conhecimento da língua e da cultura surda.

A ênfase da sinalização expressa o exagero do estado emocional do atendente II, denotando uma alegria exagerada. Bergson (1983) enfatiza que o humor lida com aquilo que é exagerado. Por outro lado, a intensidade expressiva da face é um elemento gramatical. Sabemos ainda que o exagero ressuscita práticas de controle das anormalidades, ou seja, uma maneira de controlar as identidades (HALL, 2000), ou como destaca Zink (2011, p. 48) “O estereótipo permite (promove) o não dito”.

Mesmo quando o estereótipo não gera humor, ele parasita os mecanismos do humor, replicando-os. Somado a isso, Perlin (2016, p. 54) afirma que “A noção de surdo está diretamente ligada a estereótipos em muitas formas. [...] ele pode interferir muitas vezes como impedimento para a aceitação da identidade surda”.

Ao vermos os fotogramas 6 e 6.1 (página 104), temos expectativas de que haverá interação em Libras entre o atendente II e o Surdo, mas, por outro lado, ele mostra que saber interagir em Libras não se restringe aos sinais básicos de cumprimentos ou vocabulários soltos. Quanto a isso, Moraes e Souza (2019, p. 5) destacam que “ainda que a difusão do conhecimento básico possa ocorrer, vale destacar que, para que aconteça de fato a inclusão/interação social, a



formação básica é insuficiente”. Frisamos que, a valorização estrutural da Libras é muito forte nas pesquisas realizadas por estudiosos da área da surdez.

Nos fotogramas 7 e 7.1, o Surdo compreende o atendente, pois ele responde com o sinal de *tudo bem* e com uma expressão facial que traz uma interpretação controversa ao que é sinalizado.



Fonte: Desconfinados (2016)

O Surdo responde em Libras: *Tudo bem*. (DESCONFINADOS, 2016, 0: 39 segs., tradução nossa). Enfatizamos nessa construção linguística que o atendente II é captado pelo que Foucault (2019) denomina de *vontade de saber*. Esse termo pressupõe um objeto desconhecido que precisa ser investigado e registrado em uma ciência, como o objeto surdez. A esse desejo se articula o termo vontade de verdade. A vontade de verdade coloca um objeto em processo de estudo e catalogação para ser validado como verdade pela sociedade civil.

Diante disso, o Surdo entra na ordem do discurso do atendente e estabelece uma relação de poder por meio da linguagem gestual. Ao dizer que está tudo bem, o Surdo produz um efeito de sentido expresso por meio dos gestos e da expressão facial de que ele finge aceitar que está tudo bem. Essa expressão no olhar inclinado para cima e na direção da pessoa indica que o sujeito Surdo está planejando algo. A ênfase facial demonstra que o sujeito Surdo entra nos jogos de poder estereotípico com o atendente II e se posiciona como um sujeito que não sabe Libras.

No aspecto linguístico da Libras, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que as expressões faciais e corporais são componentes gramaticais (parâmetros) da Libras. Em diversas situações cotidianas, as pessoas leigas em Libras e que não fazem parte da comunidade surda, possuem a crença de que a Libras se resume a uma “comunicação básica”, com o uso de alfabeto manual ou construções simples. O cômico se instaura a partir do contato visual e a interação do atendente II através de sinais caseiros e gestos, como vemos nos fotogramas 8 e 8.1:



Fonte: Desconfinados (2016)

Nesses fotogramas, a câmera foca para os dois atendentes e o primeiro atendente pergunta para o segundo atendente: *Ele já escolheu o pão. Eu quero saber se é de 15 ou 30?* (DESCONFINADOS, 2016, 0:42 segs.). Ao acreditar que o segundo atendente possui o saber linguístico em Libras, ele se posiciona na função de tradutor dos gestos caseiros. Ele se dirige ao Surdo, perguntando e gesticulando com o corpo e a voz alta o tamanho de pão: *O PÃO?... O TAMANHO? É DE 15?... O PEQUENININHO? OU DE 30, O MAIORZINHO?* (DESCONFINADOS, 2016, 0:43 a 0:45 segs.).

Ao representar o formato do pão menor, de 15 centímetros, o atendente faz gesto de olhos esticados com os dois dedos indicadores no canto inferior do olho. Essa caracterização gestual é uma representação estereotipada ao formato do olhar de uma pessoa de ascendência asiática e que diz respeito ao discurso falocêntrico. O falocentrismo é um discurso associado a superioridade masculina e é expresso pelo tamanho do órgão sexual (pênis). Por estar situado em uma condição discursiva da sexualidade e humorístico, compreendemos que esse órgão é enunciado e reforça a valorização do patriarcalismo.

Se pensarmos no âmbito sógnico, a sinalização não representa uma unidade de sentido com o objeto, mas, ao refletirmos pela perspectiva discursiva, interpretamos que a relação entre sujeito e objeto cria o efeito de sentido estereotipado, no contexto ocidental, de que todo asiático tem pênis pequenos, por isso, passível de associação.

Ao tratarmos este gesto como enunciado, vemos que, há uma existência material que é o vídeo, há um sujeito expresso que é o sujeito asiático, pois ele é o objeto produzido no enunciado. Há um campo de correlação que está calcado no campo biológico (pênis e olhos pequenos), geográfico (origem asiático) e forma o estereótipo de que a superioridade masculina é medida pelo tamanho do pênis.

O alimento pão do *Subway* é um referente usado como um signo que reforça a ideia biológica e sexualizada do comportamento masculino e é muito usada em piadas. Essa maneira de enunciar o corpo Surdo mostra uma relação metalinguística do humor, em que o atendente II se escora em estereótipos para explicar o estereótipo da piada da Libras. Com isso, o discurso da deficiência retira a sexualidade da vida dos sujeitos. O Surdo é posicionado como um sujeito incapaz de amar e fazer relações sexuais, remetendo ao discurso capacitista. Além disso esse sujeito é caracterizado nessa rede enunciativa das deficiências, como no trecho, em que o humorista compara a dificuldade escolar do Surdo com o tamanho do órgão genital do Pablo Vitar: “*A educação dos surdos é como as bolas do Pablo Vitar: com problemas que não adianta esconder que uma hora aparece*” (LINS, 2017, 1: 23 a 1: 17 segs.).

Bergson (1983) afirma que o “defeito” e mecanicidade corporal é responsável pela construção cômica, em que

[...] o mesmo efeito vai sempre se utilizando, desde a ideia de uma mecanização artificial do corpo humano, se podemos assim dizer, até a de uma substituição qualquer do natural pelo artificial. Tê-la-emos sobretudo se nos mostrar a alma incomodada pelas necessidades do corpo – por um lado a personalidade moral com a sua energia inteligentemente variada, e por outro o corpo obtusamente monótono, intervindo e interrompendo com a sua obstinação maquinal. É cômico todo incidente que chame a nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral (BERGSON, 1983, p. 32-33).

Quando o humorista compara o Surdo com o sujeito cantor e *drag queen*, ele enuncia que esses sujeitos são patológicos disposto sobre um defeito corporal (bolas do Pablo Vitar) e que eles fazem parte de uma mesma ordem do discurso: grupos minoritários ou da diversidade. Há nesse modo de enunciação, o efeito de moralidade posta sobre o corpo Surdo e *drag queen*, no que diz respeito aos aspectos corporais, definirão a moralidade do sujeito e que reforça o discurso falocêntrico.

Courtine (2013) discute que a anormalidade se colocou enquanto prática a partir do momento em que os corpos defeituosos eram exibidos em locais públicos como atração teatral. Dessa forma, o autor afirma que a visibilidade é um mecanismo de poder da normalidade, em que

[...] exibição do anormal, elemento central de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, [...] do corpo humano o suporte essencial de espetáculos onde se experimentam as primeiras formas da indústria moderna da diversão de massa (COURTINE, 2013, p. 121).

O autor explica que o cômico sob o corpo é uma prática perceptível desde o século XVIII, em que “[...] as deformidades anatômicas se comercializam ao se teatralizarem, e nas quais o exercício da curiosidade popular se inscreve sempre em uma cultura da diversão” (COURTINE, 2013, p. 96).

No fotograma 9, o atendente II inicia uma interação performatizada do corpo, em que ele desliza a mão sobre o antebraço direito para indicar o pão de 30 centímetros e enfatiza esse gesto falando em voz alta e se faz “à imagem dos dispositivos eles mesmos, estas formas materiais do ‘poder de normalização’[...]” (COURTINE, 2013, p. 128, grifo do autor). O repetível é um artefato da arte circense, em que o palhaço se equipara a um sujeito com raciocínio lento.

**Fotograma 9**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

A exemplificação de Courtine (2013) e o gesto do pão de 30 centímetros (movimento retilíneo no antebraço do atendente) se referem ao imaginário sexualizado do sujeito negro. O sujeito negro é associado por esse enunciado através da marca gestual do corpo do atendente II. Além disso, ele se constitui nessa ordem discursiva sexualizada quando reproduz o primeiro gesto em resposta ao atendente, como vemos no fotograma 10:

**Fotograma 10**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Ao repetir o gesto, o Surdo é colocado como sujeito manipulável (bobo da corte), que aceita o modo de submissão do outro. As atitudes comportamentais dos atendentes e do sujeito humorista posicionam o Surdo como um sujeito com dificuldades de compreensão, adaptação e habilidades sociais. Retomamos, nesse contexto, a associação metafórica feita por Amaral (1998) ao relacionar os crocodilos com os mitos. Ainda, no fotograma 10, quando o sujeito Surdo usa gestos para interagir com o atendente, então, ele é visto como *surdo-mudo* ou um sujeito com dificuldade de compreensão mais uma vez.

Esta categoria de mito concebe o sujeito Surdo como um incapaz por completo e, é denominada por Amaral (1998) como *generalização indevida*. O fato do atendente ver que o Surdo usa as mãos para interagir, este acredita que o Surdo possui algum distúrbio mental. No contexto social, essa relação metonímica da parte pelo todo coloca o Surdo em situação de completa exclusão das práticas cotidianas.

Identificamos essa possibilidade de comparação, pois, há na repetição mímica não apenas uma situação de troca interacional, mas um mecanismo de teste de estímulo-resposta (behaviorismo) utilizado pelo saber da psiquiatria. Courtine (2013) afirma que as técnicas de correção que deixam marcas no corpo (chicotadas, mãos amarradas) foram substituídas por novas aparelhamentos corretivos, como o registro da anormalidade em relatórios, exames, entre outros.

A mídia é a instituição de veiculação de informações e práticas. Melo (2015, p. 111) assevera que “é pela mídia televisiva ou *on-line* que os espectadores tomam conhecimento [...]” de tais práticas de preconceito e estigmatização que há em nossa sociedade. Para Foucault (2019), os sujeitos só se constituem enquanto sujeito, quando exercem uma posição no discurso. Como afirmamos, o Surdo se posiciona estrategicamente como sujeito *que é capturado por enunciado da deficiência total* e, também, como sujeito *homo economicus (sujeito articulado nas práticas assistenciais do capitalismo)*. Os humoristas Jonathan Nemer e Henrique Serva, além de se posicionarem como atores, eles se posicionam como sujeito funcionário e sujeito leigo.

Ainda Foucault (2019, p. 63) destaca que para um dado discurso o sujeito pode ter não apenas uma posição, mas várias posições, em que

[...] é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não [...]. A essas situações perceptivas é preciso somar as posições que o sujeito pode ocupar[...] (FOUCAULT, 2019, p. 63).

Para Melo (2015), a mídia é o espaço discursivo, onde há técnicas de sedução do olhar dos espectadores para os acontecimentos sociais, por meio da visibilidade das barbáries e práticas de violência. A autora enfatiza que a

[...] busca por audiência nos dias de hoje, nada mais é do que manter o espectador de olhos bem fixos nos canais de TV, e sabemos que a mídia sensacionalista ou denominada imprensa marrom apresenta toda uma técnica sangrenta para manter o espectador atento as suas matérias (MELO, 2015, p. 11).

Embora a autora exemplifique o processo de exposição exacerbada do grotesco pela mídia televisiva, esse mesmo acontecimento pode ser visto nos canais *on-line*, em que o espectador é instigado a além de assistir a esse tipo de conteúdo, ele também pode curtir e compartilhar em outras redes virtuais. Desse modo, a mídia, em específico, a circulação de materiais humorísticos no *YouTube* “é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam – sendo, portanto, um veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados ‘verdadeiros’ em nossa sociedade [...]” (FISCHER, 2001, p. 212).

O Surdo responde ao atendente em mímica que quer o pão de 15 cm, que como no fotograma 8.1 (página 106), é associado ao olho puxado e associado a um estereótipo cultural. Nesse fotograma, compreendemos que há uma entrada do Surdo no discurso do ouvinte, no que diz respeito aos modos convencionais de mímica utilizada a partir de seu saber empírico e as relações de resistência/existência do sujeito Surdo ao participar da prática de controle gestual corporal, sendo essa reação, segundo Foucault (1979, p. 148), uma forma positiva de produção/punição dos corpos. Courtine (2013, p. 96) destaca que “[...] a promoção da deformidade inventa novas publicidades”.

Podemos dizer que a mímica é um modo de interação comercializada que se faz presente na sociedade que não conhece a Libras e isso se constitui como um saber (FOUCAULT, 2019), pois nos remete às condições que dão possibilidade para aquilo que é dito seja materializado, como é o caso dos signos e o corpo e, mais ainda, há as práticas não-discursivas que são as relações de poder entre os atendentes e o Surdo, ou seja, as disposições das coisas, as estruturas da própria *internet* e o vídeo (interno) e instituições externas, como o *Subway*, o encontro dos Surdos sinalizando, entre outros. Na cena humorística, o enunciado da surdez é retomado a partir dos saberes médico, jurídico, pedagógico, social e econômico. Foucault (2019) define o *saber* como

[...] conjuntos de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva e são indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar [...]. Um saber é aquilo de que

podemos falar em uma prática discursiva [...] é o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...] (FOUCAULT, 2019, p. 219-220).

Ainda Foucault (1979, p. 148) explica que em toda forma de poder exercida sobre o corpo é “que foi possível um saber fisiológico, orgânico”. Enfatizamos que o estereótipo é uma forma enunciativa de produção de saber, em que o enunciador humorista toma esse discurso linguístico como um mecanismo de controle tanto da espacialidade quanto do corpo Surdo, exercendo-se relações de micropoderes. Assim, o corpo diferente ao padrão social de um dado momento histórico (Estado neoliberal).

[...] produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder longe de impedir o saber, o produz. É pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas (FOUCAULT, 1979, p. 148; 150)

Por outro lado, Santaella (2002) coloca que o fato da Libras ser uma língua híbrida compostas de linguagem visual que perpassa pelo verbal, essa hibridização permite que essa forma de linguagem perpassa, segundo a autora, pela hipermídia audiovisual que retrata uma memória visual e social sobre a surdez e ainda a Libras é uma língua composta de elementos não-verbais, o que contribui para a formação de estereótipos e a citação abaixo reforça essa ideia.

O gesto como acompanhamento inseparável da fala se constitui em uma linguagem verbovisual, linguagem vicária da fala. Nas paisagens do rosto, na postura do corpo, nos movimentos do pescoço, braços, mãos, na proximidade ou distância que o falante mantém com o interlocutor, a gestualidade vai desenhando contornos plásticos, visuais para a sonoridade da fala. Embora sem fala a mímica também é linguagem verbovisual porque guarda indelevelmente a memória da fala (SANTAELLA, 2002, p. 385).

Nos fotogramas, vemos que o humorista Jonathan Nemer faz essa composição entre visual e verbal ao tentar especificar os ingredientes do lanche. Nos fotogramas 11 e 11 .1, ao perguntar ao Surdo o tipo de molho que ele deseja para o sanduíche, o atendente II estabelece uma tríade peirciana: *Signo* (ou *representamem*), *Objeto* e o *Interpretante*.

Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um Objeto e, de outro, assim determina uma ideia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o Interpretante do signo, é, desse modo, mediatemente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante (SANTAELLA, 2007, p.12).



Estes elementos compõem o conceito de *semiose*: é a representação da realidade do pensamento por meio dos signos (SANTAELLA, 2007).



Fonte: Desconfinados (2016)

O objeto pão e o gesto são signos, pois, são vistos como uma representação existencial na cena nos fotogramas 11 e 11.1, quando o atendente, ao perguntar sobre o recheio do lanche, enuncia: *Dentro do pão? Dentro... O que?* (DESCONFINADOS, 2016, 0:55 a 0: 57 segs.). O gestual tem valor de atribuição discursiva ao signo pão. O interpretante é uma imagem do pensamento que o sujeito atendente II projeta ao perguntar sobre o signo molho.

O Surdo responde ainda com gestos, indicando algo dentro do pão e em seguida faz o bico em movimento com a boca, representando um peixe e que faz referência ao atum. Utilizamos da semiótica peirciana para a composição desta análise, pois entendemos que a representação semiótica dos objetos (pão, atum, salada, molho, dinheiro) são fundamentais na composição dos enunciados cômicos acerca da Libras que estão presentes nos fotogramas seguintes.

Enfatizamos que a carga semiótica explorada pelo sujeito ator é uma das estratégias cômicas para tornar a mímica não apenas como um artefato de linguagem, mas também, um enunciado. Com isso, compreendemos que a Libras é a língua que materializa os enunciados. Isso é visível quando o ator reduz a *Libras como uma linguagem composta por gestos ou pantomima*. Por outro lado, Quadros (2019) afirma que a Libras é uma língua de modalidade visual-espacial que tem como parâmetro o corpo no espaço em junção ao visual e a movimentação das mãos. Enquanto que os gestos se utilizam do corpo para expressar ideias universais e, portanto, de total compreensão de qualquer sujeito.

Havia uma compreensão equivocada, com base no senso comum, de que as línguas de sinais seriam universais por usarem o corpo em movimentos supostamente compreendidos como gestos. “Gestos”, nesse caso, eram



associados à ideia de que a produção das línguas de sinais representaria formas universais e de que elas seriam facilmente entendidas por qualquer pessoa (QUADROS, 2019, p. 26).

Em uma parte da cena o atendente II pergunta se o Surdo gostaria de salada e a temperatura do lanche e o Surdo faz um movimento semicircular, indicando que quer que o atendente coloque toda variedade de leguminosos possível. (Não fizemos o recorte imagético desta cena, pois, escolhemos os fotogramas que possuem uma carga estereotipada). Após colocar a salada, o atendente II pergunta o tipo de molho que o Surdo almeja e faz a configuração da mão direita em C, vira para baixo e faz o movimento retilíneo, como se colocando o molho no lanche e o Surdo responde *barb (e)* mais *cu (e)* (fotograma 12 e 12.1):

Fotograma 12



Fotograma 12.1



Fonte: Desconfinados (2016)

Nesse fotograma, o cômico se dá pela junção gestual corpórea (movimento circular na maçã do rosto mais e o apontamento na direção do ânus) e a combinação fonética por aglutinação do radical *barb* (*barba*) e a palavra *cu*, sendo esse uma assimilação fonética americana da palavra *barbecue* (/ˈbɑːrˌbiːkju/). Para Bergson (1983), a linguagem se torna alvo de comicidade quando uma língua é transfigurada e é posta dentro de uma estrutura cultural diferenciada.

Haverá talvez certa artificialidade em fazer da comicidade de palavras uma categoria especial, pois a maior parte dos efeitos cômicos já examinados até agora se produzem por intermédio da linguagem. [...] traduzir-se de uma língua para a outra, sob pena, entretanto, de perder grande parte do seu vigor ao transpor-se para uma sociedade nova, diferente por seus costumes, literatura e sobretudo por suas associações de ideias. Não consigna, graças a linguagem, certos desvios particulares das pessoas ou dos fatos. Sublinha os desvios da própria linguagem. No caso, é a própria linguagem que se torna cômica (BERGSON, 1983, p. 57).

Já Possenti (1998) compreende que o elemento linguístico e não-linguístico são elementos das piadas. O autor explica como o estereótipo é constituído pelo verbal, ou seja,

“As palavras são exploradas de certas formas no humor porque as propriedades que são exploradas pertencem às palavras na língua, nos diversos discursos” (POSSENTI, 1998, p. 92).

A palavra *barbecue* é um empréstimo linguístico (estrangeirismo) do inglês para o português. Segundo Possenti (1998), não é somente a materialidade linguística construída nas piadas que provoca o humor, mas é a relação do léxico com as posições que ele ocupa internamente e externamente ao discurso no sentido de trazer piadas que “se refiram a temas sociais [...]” (POSSENTI, 1998, p. 116).

A piada é uma evidência de que as palavras têm o sentido que têm em discursos definidos e que saindo deles, têm outro [...]. Talvez se ria da própria língua, não porque ela não teria as virtudes que se suporia que deveria (porque falha), mas nos propicia agradável coincidência e descobertas (POSSENTI, 1998, p. 89-90).

Desta forma, o autor conclui que o humor circula em situações discursivas específicas, em que o não-verbal é expresso por meio das aparições temáticas, como no caso do *barbecue*, se estabelece uma relação de inversão de valores morais, em que o sujeito Surdo compõe um sinal utilizando parte do corpo (rosto e ânus) e essa combinação traz um efeito de sentido de um sujeito bestializado, devido à forma mimetizada pelo qual ele se interage.

Podemos inferir, com base em Possenti (1998), que o verbal está expresso na palavra *barbecue* e o não verbal está na associação dessa palavra com o gesto contextualizado nos fotogramas 12 e 12.1 (página 113), representando um sujeito social leigo. Cabe salientar que Courtine (2013, p. 49) aponta para a lexicalização do corpo ou denominada de fisiognomia, em que “os traços morfológicos do corpo e, sobretudo, do rosto, são então interpretados pelo discurso fisiognomônico como signos [...]”.

Por outro lado, esse ato enunciativo pode ser visto como algo positivo no discurso humorístico, pois ele traz à tona uma necessidade de garantir acessibilidade linguística também nos espaços privados e que, embora reforce um estereótipo de que a Libras se resume apenas em expressões pantomímicas, em que o Surdo é posicionado como esse outro que vive em um país que é seu local de nascimento, mas, ao mesmo tempo se sente como um estrangeiro e isso é expresso no exemplo lexical e gestual configurado no fotograma 13 e 13.1. Acerca disso, Bauman (2005) destaca que há um conflito de pertencimento que é diaspórico, pois o sujeito Surdo é constituído a partir de fronteiras linguísticas e culturais que é nacionalista e patriarcal.



Fonte: Desconfinados (2016)

Goffman (2004) mostra que o fato do sujeito não se sentir em um espaço de pertencimento contribui para sua exposição estereotipada e estigmatizada diante da comunidade em que ele se apresenta, pois, é algo desconhecido. Já Zink (2011) destaca que há uma relação entre o protótipo (o que o termo representa) e o estereótipo (e que é no contexto social) que faz com que “[...] o estereótipo, mesmo quando não parece generoso, pode ser agradável” (ZINK, 2011, p. 56-57).

O gestual e o corporal fazem parte das práticas de estereótipos, pois, elas acionam outros enunciados que compõem tanto o discurso humorístico quanto discursos outros. Dito de outro modo, a prática linguareira está relacionada ao enunciado da surdez e se concretiza por meio dessas materialidades de linguagem.<sup>23</sup>

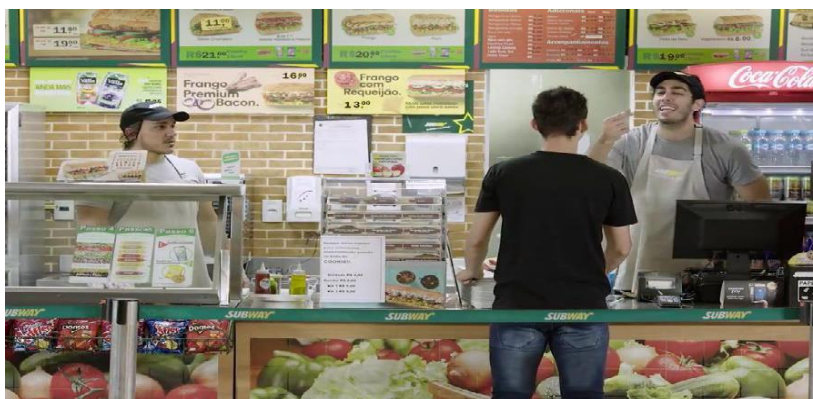
Ao observar a situação, atendente I impressionado questiona: *cê entendeu?....* (DESCONFINADOS, 2016, 1:30 segs.) e o outro responde oralmente e repete a gestualização do Surdo (Fotogramas 13 e 13.1): *Claro que entendi! Barbecue...* (mão no rosto em movimento circulares) (DESCONFINADOS, 2016, 1: 33 segs.). Quadros (2019) assevera que os gestos possuem gramaticidade, na medida que possui os mesmos mecanismos corpóreos, imagéticos e verbais da Libras.

No caso das línguas de sinais, os gestos se apresentam na mesma modalidade dos sinais. Assim, nem sempre é fácil identificar os gestos e os sinais como produções que apresentam fronteiras claras. Os gestos podem se fundir com os sinais e se tornarem linguísticos. Os gestos nas línguas faladas são identificados como extralinguísticos. No entanto, os estudos com as línguas de sinais têm apontado para a gramaticalização dos gestos nas línguas de sinais. Talvez os gestos também possam ser considerados elementos linguísticos nas línguas faladas (QUADROS, 2019, p. 32).

<sup>23</sup> Vale lembrar que Foucault (2019) enfatiza que a língua não é um enunciado se pensada isoladamente, mas se pensarmos que é por meio da materialidade linguística situada espacialmente e temporalmente em uma prática de regime de verdade sobre a surdez, temos, por convenção, um enunciado.

No fotograma 13, atendente II termina de fazer o lanche e neste momento a câmera foca para o Surdo e para o estabelecimento em geral, pois o atendente II chama o Surdo ao caixa para efetuar o pagamento, dizendo: *Proontinho moço... seu laaanche (voz suave). Venha pra cá... pode vir aqui ó ... aqui viu?! (DESCONFINADOS, 2016, 1:39 a 1:45 segs.).*

**Fotograma 14**

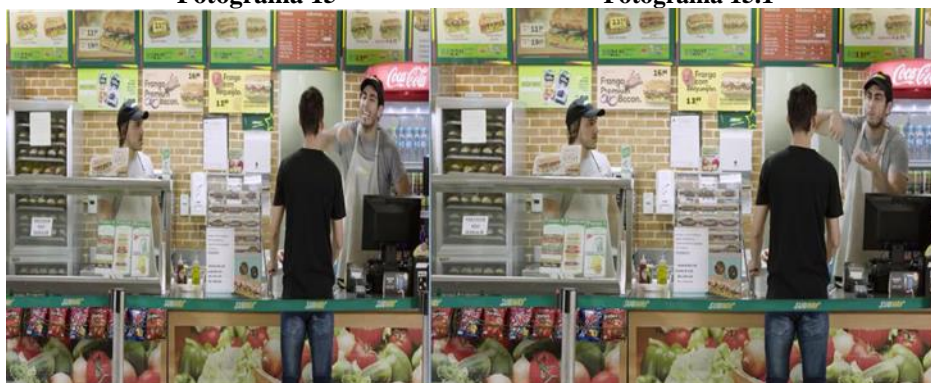


Fonte: Desconfinados (2016)

E continua perguntando em voz alta e fazendo o sinal para dinheiro que é o dedo indicador deslizando várias vezes no polegar: *Vai pagar em dinheiro... ou cartão?* (DESCONFINADOS, 2016, 1:46 a 1:48 segs.). Ele faz o sinal de dinheiro, com a configuração da mão esquerda em “A” e faz um movimento contínuo de deslize dos dedos indicador e polegar da mão direita (fotograma 14). Para o gesto *cartão de dinheiro*, o atendente usa o dorso da mão direita, em espaço, nos fotogramas 15 e 15. 1. Cabe salientar que sinais (palavras) *cartão e dinheiro* são icônicos<sup>24</sup>, ou seja, o sinal diz respeito ao que ele representa na realidade.

**Fotograma 15**

**Fotograma 15.1**



Fonte: Desconfinados (2016)

<sup>24</sup> Quadros (2019, p. 32) denomina Iconicidade como “as formas e modos do mundo real e são representados de forma visualmente semelhante ao que está sendo referido”

Essa relação icônica se estabelece quando o humorista diz: *Aqui ó ... em dinheiro? Vai pagar em dinheiro?* (DESCONFINADOS, 2016, 1:50 a 151 segs.). Ao fazer essa pergunta, vemos que não se trata apenas de um problema linguístico apenas, mas de posicionar o Surdo na ordem do discurso econômico (*homo economicus*). Isso significa mostrar se o sujeito tem poder de compra e se participa do jogo capitalista.

O atendente continua a perguntar oralmente e gestualizar: *CARTÃO? É CARTÃO? VOCÊ VAI PAGAR EM CARTÃO?* (DESCONFINADOS, 2016, 1: 55 a 1: 56 segs.). Nesse exemplo, vemos que há uma tentativa desesperada do atendente em receber o pagamento do lanche quando o humorista continua perguntando se é em dinheiro e ele mostra as cédulas de dinheiro (não fizemos o recorte dessa cena).

Fotograma 16



Fotograma 16.1



Fonte: Desconfinados (2016)

Nos fotogramas 16 e 16.1, o Surdo “finge” não compreender a informação e sinaliza com as duas mãos, inclinando a cabeça para a frente, perguntando: *o quê? Não entendi* (DESCONFINADOS, 2016, 1: 57 segs., tradução nossa). Esses fotogramas inscrevem o estereótipo de que o Surdo é visto pela sociedade como um sujeito com dificuldades de compreensão e que ele não se responsabiliza pelos seus atos e dizeres, ou um sujeito passível de piedade. Por outro lado, compreendemos que, a partir desses fotogramas, há estratégias do sujeito Surdo em ter vantagem, ao se submeter às práticas de estereótipos e estigmas postas pelo próprio atendente, para ganhar o lanche grátis. Além disso, o Surdo enuncia que ele “não é” aquilo que sabem sobre ele ou o que ele faz, mas ele é constituído por um saber que legitima as experiências linguísticas e atitudinais, ou seja, a perspectiva da cultura surda.

Goffman (2004) enfatiza que o estereótipo acerca da diferença pode se tornar instrumento de manutenção do estigma e na cena, a partir do momento que o Surdo se subjetiva com esse discurso dito verdadeiro, ele resiste e exerce poder.



Nos fotogramas 17 e 17.1, o atendente II continua a perguntar a forma de pagamento em voz alta e posteriormente faz o formato do papel e desenha no ar (movimento em espiral), indicando o cheque: *CHEQUE? CHEQUE?* (DESCONFINADOS, 2016, 2:00 min.).



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Nos fotogramas 18 e 18.1, o atendente II mostra iconicamente com os dedos o valor do lanche a ser pago, dizendo: *DINHEIRO, CARTÃO, CHEQUE! DEU 13 REAIS... TREEEZE... TREZE REAIS* (DESCONFINADOS, 2016, 2:05 segs.). E ele faz o 1 e 3 com os dedos e as mãos balançando freneticamente:



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Esses fotogramas acima retratam como os ouvintes tratam a interação por meio da Libras como algo necessário, mas que está fora de suas capacidades, tanto o aspecto de desconhecimento da língua quanto aos aspectos de olhar de desistência e que não saber é uma maneira de manter as práticas exclusivas e de manutenção dos estereótipos. Com isso, ao perceber que o Surdo continua não entendendo, o atendente que está impaciente com a situação, pega o lanche e faz uma leve inclinação da mão esquerda, permitindo o Surdo levar o lanche, dizendo: *Ó! É seu! Pode deixar que eu pago, tá? Eu vou pagar. É pra você, tá?!* (DESCONFINADOS, 2016, 2:06 a 2: 11 segs.).

Goffman (2004, p. 102) constata que o estigma é notável quando o sujeito regula suas ações aos padrões normais “para facilitar-lhe as coisas fossem efetivos e apreciados. Oferecimentos não solicitados de interesses, simpatia e ajuda, embora quase sempre percebidos pelo estigmatizado como uma intromissão em sua intimidade [...]”. Essa afirmação feita pelo autor é percebida na ação do atendente II ao dar o lanche para o Surdo de graça, sendo uma prática de estigmatização associada a não compreensão do que é dito ao fato do ser sujeito com deficiência.

Mesmo que o Surdo seja estigmatizado pela ação de ganhar o lanche, trazendo o enunciado do assistencialismo das deficiências, transformando o direito em uma benesse. Por outro lado, não podemos negar o fato do sujeito Surdo ser subjetivado ora como um sujeito espertalhão ora como sujeito que possui o saber sobre a Libras, pois, ele usa da dificuldade de interação em português como uma estratégia para se safar da responsabilidade de pagar o lanche. Por outro, percebemos que o Surdo finge não compreender, mostrando que “o jogo virou” e que o atendente é quem tem a “deficiência total”. Em relação a essa questão, Amaral (1998) destaca que o sujeito que é visto como *herói*, se torna *vítima*, como é o caso do atendente. Em contrapartida, o Surdo que, antes era visto como vítima, agora ele é o herói, por ganhar o lanche e dar condições dos colegas Surdos de ganharem também.

Ao primeiro (herói) cabe sempre o papel daquele que supera todos os obstáculos [...]; ao segundo (vítima) cabe o papel de agente destruidor, destrutivo, de ser o mau – corporificação do mal; ao terceiro (vilão) cabe o papel de impotente, de coitadinho. [...] há uma forte tendência em se perceber o significativamente diferente ou como herói, ou como vilão ou como vítima, ou ainda passando de um estereótipo para outro no decorrer de uma determinada sequência de tempos e acontecimentos (AMARAL, 1998, p.18-19).

O atendente II acaba se tornando refém das próprias práticas gestuais e satíricas feitas ao Surdo, mostrando ser o atendente II que não possui o saber linguístico e que ele não é um sujeito que possui a deficiência na totalidade. Frisamos que, quando o Surdo ganha o lanche, ele faz o sinal de *obrigado* para o atendente, usando configuração de mão em “B” apoiada na testa no lado direito e faz o movimento retilíneo de dentro para fora, nos fotogramas 19 e 19.1:

Fotograma 19

Fotograma 19. 1



Fonte: Desconfinados (2016)

Isso demonstra que o Surdo é quem ri da condição do atendente. Por outro lado, esse enunciado coloca o sujeito Surdo em uma posição do *discurso assistencialista*, descrevendo esse sujeito ora como aquele traz despesa para o Estado, ora como alguém que necessita de caridade.

Esta é uma prática muito recorrente em situações cotidianas, em que é possível ver o Surdo entregando panfleto com os alfabetos da Libras em troca de moedas em lugares públicos, o que reforça este tipo de enunciado assistencialista e caricato. Nesse trecho, há uma contrariedade a supostamente o atendente entender o que o Surdo está sinalizando e o responde de volta. Silva (2014, p. 79) mostra que no jogo das identidades “a gramática ajuda, mas também esconde”.

Salientamos que a dualidade discursiva entre o sujeito que sabe e o sujeito que não sabe Libras é expresso no corpo, por meio dos gestos. O Surdo entra no Subway cumprimentando em Libras e, ao sair do estabelecimento, ele faz o sinal de obrigado em Libras. O mesmo ocorre com o sujeito atendente que não sabe Libras.

Em resposta ao Surdo, o atendente faz movimento com as mãos, indicando que o sujeito Surdo pode se retirar do local (Fotogramas 20 e 20.1): *De nada .... De nada.... Pode ir embora, viu! De nada!* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 13 a 2:15 segs.). É comum ver em lojas e restaurantes, um funcionário espionando o cliente quando esse não apresenta uma aparência de sujeito consumidor (com bons trajes) ou quando percebe que se trata de morador de rua, indígena, negro ou pessoa com deficiência. Essas práticas ditam normas classificatórias de classe econômica e identitária.





Fonte: Desconfinados (2016)

No fotograma 20.2, o gesto dos polegares para cima, além de indicar o ato de confirmação *Beleza/ Tudo certo* pelo atendente, também indica um enunciado de curtidas nas redes sociais, em que compõe os denominados emojis. Essa prática de socialização entre o atendente e o Surdo são jogos de saber-poder dispostos pela interação por gestos e a posição do corpo como objeto de saber humorístico.

A prática de curtida dialoga com um princípio que Foucault (2014a) denomina de ritual do discurso, no caso do discurso midiático das redes sociais (*Facebook, YouTube* e outras redes sociais) e vemos esse enunciado de curtidas no fotograma 23 em diante. Embora o humorista Jonathan Nemer não faça esse pedido explicitamente, no modo de posição sujeito funcionário de fast food, ele ainda encontra estratégias de transitar para a posição sujeito *Youtuber* ou denominado influenciador digital.

O ritual é mostrado de maneira explícita no segundo vídeo, quando o humorista (LINS, 2017, 3: 39 segs.) enuncia: *Se você curtiu o vídeo, se inscreve no meu canal. Curte, assim, você ajuda...*, e ele enfatiza apontando o dedo indicador para baixo do vídeo para o telespectador de inscrever no canal.

Nos fotogramas 20 e 20.1 (página 121), o atendente II faz a indicação de empurrar com as mãos para indicar que é para o Surdo ir embora, mas neste momento a câmera foca no Surdo que aponta para algo e posteriormente é mostrado o refrigerador: *E o atendente II pergunta: que que tem? (VOZ IMPACIENTE)* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 19 segs.) e o Surdo aponta e oraliza: *Coaa* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 19) - (Fotogramas 21 e 21.1):

**Fotograma 21****Fotograma 21.1**

**Fonte:** Desconfinados (2016)

Destacamos que o atendente cedeu o lanche grátis como um modo de dispensar o Surdo. Contudo, o Surdo consegue a bebida grátis (coca cola), o que gera uma expressão de indignação no atendente. O sujeito Surdo é subjetivado como oralizado, pois, essa prática é vista pela comunidade Surda como um mecanismo de emergência interacional quando esse sujeito está diante do outro que não sabe Libras.

Para interagir com o sujeito que sabe pouco sobre a Libras, o sujeito Surdo interage em português sinalizado (transferência da estrutura sintática do português). Contudo, o ato de oralização é usado em situações de extrema necessidade do Surdo sinalizante, pois, para Strobel (2008) a oralização é uma técnica corretiva utilizada pelo discurso clínico (fonoaudiologia e otorrinolaringologia) com o intuito de moldar a subjetividade surda. Além disso, remete a uma memória coletiva da comunidade de imposição do discurso ouvintista e proibição da língua de sinais instituídos no Congresso de Milão (STROBEL, 2008).

**Fotograma 22**

**Fonte:** Desconfinados (2016)

No fotograma 22 acontece a finalização da primeira parte do texto humorístico com atendente II, fazendo uma expressão de desânimo, e ele olha para o colega ao lado pelo fato do Surdo ter pedido a bebida. Durante toda interação entre os sujeitos, a submissão do sujeito Surdo às práticas de estereótipos e estigmas acionados pelos atendentes, descritos ao longo do

trabalho, é vista como uma estratégia de virada de jogo da relação estigmatizado e estigmatizante.

Se antes o discurso econômico exclui o sujeito Surdo pela prática gestual e o atendente ri dele, agora, o Surdo se constitui como um sujeito que não consegue interagir e “finge” não compreender que o atendente está lhe cobrando pelo pagamento do lanche. O atendente fica irritado, cede o lanche e o Surdo é quem ri do atendente por não saber exercer a função da cobrança. Nessa relação, o Surdo mostra que, embora ele seja construído como o sujeito com deficiência, aquele que precisa ser incluído para fazer parte das práticas sociais, o outro atendente também possui uma deficiência, que é o desconhecimento da Libras.

Desta forma, vemos que se trata de um sujeito Surdo que se identifica dentro de outra comunidade linguística e cultural; por outro lado, um sujeito atendente que representa uma parcela da sociedade que desconhece a Libras e o movimento Surdo posicionado por uma ordem do discurso da identidade pautada pela diferença.

Gregolin (2008, p. 81) afirma ser possível “pensar a identidade como efeito de sentido produzido pela e na linguagem”. A autora enfatiza que o conceito de identidade se modifica ao longo da história conforme os modos de se pensar o sujeito. Silva (2014) destaca que ao afirmar o que o sujeito é, ele precisa se colocar, primeiramente, diante daquilo que ele não é. Com isso, a identidade não é tratada pelo autor como um efeito significativo de afirmação, mas sim de negação. De acordo com Gregolin (2008, p. 92, grifo da autora), a identidade não é uma coisa, mas é efeito de sentido, em que o sujeito se torna “produto histórico de práticas discursivas, o sujeito é reportado a possíveis *posições de subjetividade*. Não importa quem fala, mas o que ele diz [...]”.

Charaudeau (2011, 12) destaca, ainda, que o discurso pode ser composto não apenas por palavras, mas também por “[...] lugares comuns, estereótipos, saberes compartilhados. Esses circulam e se repartem de maneira não aleatória em diferentes grupos sociais. [...] assim como os que trabalham para analisar as representações do espaço público nas mídias”.

Silva (2014, p. 81) assevera que “A identidade e a diferença são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva”. Ainda o autor enfatiza que tanto a identidade quanto a diferença são permeadas pelo discurso social, ou seja, os conceitos de ambos termos são “discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, às relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; são disputadas”. (SILVA, 2014, p. 82). Embora Foucault (2009) não fala em formação de identidade, ele compreende que no exercício do poder há lutas de forças de duas posições diferentes.

[...] aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade [...] e através do controle e da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e sujeita. [...] ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, desse modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (FOUCAULT, 2009, p. 235-236).

Em relação ao papel do humorista, a construção da comicidade se dá pela performatividade desse sujeito dentro do discurso social produzido acerca da Língua de Sinais e o Surdo, ou seja, ao nos referirmos ao humorista não mencionamos o sujeito físico, mas sim de uma posição do sujeito que constrói e é construído a partir de um espaço discursivo também construído: funcionário de uma empresa multinacional de *fast-food*, sendo caracterizado por Foucault (1979) processo de subjetivação.

Tanto o sujeito atendente quanto o sujeito Surdo é subjetivado a partir da relação de saber e poder que um estabelece com o outro no discurso e que configurada a partir de uma prática de linguagem no/sobre o corpo físico e socioeconômico (corpo cultural Surdo e ouvinte como instrumento do discurso inclusivo posto pelo discurso neoliberal) (LOPES, 2009).

Considerando essas questões discursivas, voltamos à cena, em que o sujeito atendente II faz uma expressão de desânimo para o Surdo (fotograma 22), é colocado um pequeno som humorístico e a imagem dos dois atores em forma de bonequinhos dançando e o nome do canal (DESCONFINADOS) para indicar a interrupção para a mudança de cenário, no qual o Surdo está na rua, voltando do estabelecimento e encontra um grupo de Surdos. Vemos até aqui como o corpo pode ser um enunciado formador de saberes estigmatizantes e estereotipados sobre o sujeito Surdo, a Libras e que são reproduzidos pela sociedade denominada leiga do assunto, sendo assim o corpo físico mecanismo de produção/ reprodução de verdade.

### **3.2. O discurso sócio antropológico expresso pela prática linguística e interacional sobre o corpo Surdo**

Essa parte da análise é a segunda fase do enredo *Surdo no Subway*, em que o Surdo, após conseguir o lanche de graça, sai do estabelecimento e se encontra com um grupo de Surdos na rua. Os fotogramas a seguir fazem parte da segunda cena do humor *Surdo no Subway* e a narrativa cômica se encerra com esse encontro e a ida do casal de Surdos ao estabelecimento de *fast-food* no intuito de também conseguir o lanche de modo gratuito.

Neste tópico analisamos os enunciados inerentes a surdez que traz um outro tipo de saber que é o antropológico e, novamente jurídico. Nesta parte da análise, além dos aspectos discursivos, trouxemos também os recursos linguísticos da Libras, com base nos livros *Estudos linguísticos da Libras* (QUADROS; KARNOPP, 2004) e *Libras* (QUADROS, 2019).

Na análise dos sinais, enfatizamos parâmetros fonológicos, são elas: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação da Mão (OM), Movimento (M) e Expressões Não-Manuais (ENMs). Essas composições de signos são chamadas de *Parâmetros* e compõem a estrutura fonológica do sinal em Libras.

Ao voltarmos à cena enunciativa, vemos que esses personagens estão na ordem do discurso cultural e identitário da surdez - denominado por Skliar (2016) de discurso socioantropológico, em que eles dominaram um saber que facilitou a interação entre a comunidade surda. Para a descrição da segunda parte delimitamos o Surdo que foi atendido como Surdo 1, o Surdo de camiseta azul de Surdo 2, o de camisa cinza, Surdo 3 e a mulher com a criança de mãos dadas é a Surda 4; não mencionamos a criança, pois ela participa como figurante nas cenas.

Após o primeiro desfecho da cena do *Surdo no Subway*, em que o Surdo 1 sai do Subway, há um segundo momento, em que ele encontra um grupo de amigos Surdos na rua e eles se cumprimentam em Libras, como temos nos fotogramas 23 e 23.1:

Fotograma 23

Fotograma 23. 1



Fonte: Desconfinados (2016)

No fotograma 24, os três Surdos, a esquerda; fazem o sinal de *Oi* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 29 segs.), o que funciona como porta de entrada para a interação em Libras. Um outro enunciado que aparece no canto esquerdo dos fotogramas 23 em diante é o *Curte e Inscreva-se*. Esses enunciados são bases do comentário utilizado pela mídia.

Cabe salientar que essa segunda fase da cena enunciativa, há a presença das legendas colocadas pelos produtores do vídeo, já que se trata de um diálogo em Libras. Vemos que a legenda é um enunciado da inclusão, visto que está expresso na materialidade vídeo que circula



em espaço virtual público. Esse enunciado só é possível diante a emergência de seu aparecimento, no qual o Surdo também é um consumidor em potencial tanto dos produtos comerciais e também das redes sociais e se tratando que a mídia é u mercado em potencial, não se pode mais excluir os “sujeitos com deficiência” dos modos de consumo e produção do capital.

O enunciado legenda só apareceu no vídeo, pois, se trata de uma existência material (vídeo) que foi legalizado perante a lei e chama a atenção do telespectador que não se trata mais de uma interação pantomímica, e sim em Libras. Esse é um enunciado da acessibilidade linguística, demonstrando que esses sujeitos humoristas Surdos lançam mão de uma prática que subjetiva o Surdo, enfatizando que se trata de um sujeito capturado pelo discurso da inclusão.

Diante disso, nosso trabalho de descrição focará nos fotogramas e na interpretação linguística e discursiva dessas legendas. Esse enunciado, assim como a curtida, são rituais do discurso midiático utilizados pelos sujeitos das mídias sociais e que rege o funcionamento econômico desse tipo de material na *internet*. Ele visa chamar o telespectador para participar dessa ordem discursiva como comentador e, não possuir dessa ferramenta denominadas redes sociais (*Facebook, YouTube, WhatsApp*) se torna um princípio de exclusão do sujeito no âmbito virtual e social.

Nos fotogramas 24 e 24.1, O Surdo 2 (camisa azul) faz o sinal de *querer* com configuração de mãos “C” deitada para cima, em uma posição neutra e com movimento retilíneo das duas mãos para dentro do corpo), indicando *você querer...* e ele continua utilizando o sinal de *comer e juntos*.

Fotograma 24

Fotograma 24. 1



Fonte: Desconfinados (2016)

Ele enuncia: *Vamos comer junto com a gente?* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 32 segs.) Nesse contexto, o Surdo 2 (de camisa azul) usa a estrutura sintática "*aceitar comer nós juntos?*" e a expressão facial de pergunta (sobrancelhas frígidas e leve inclinação da cabeça para cima).

Em seguida, nos fotogramas 23 e 23.1, o Surdo 1 responde: *Obrigado*, e enfatiza *eu acabei de comer no subway, e de graça* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 34 a 2: 37 segs.).

O saber linguístico da Libras se configura enquanto enunciado na medida em que ela está sendo produzida em um espaço específico, que é no corpo humorístico. Nisso está articulado a prática do riso. Dito de outro modo, a frase em Libras não é um enunciado, mas se esse conjunto de sinais situados em corpos diferentes e performatizados pelos desvios de comportamentos.

Fotograma 25

Fotograma 25. 1



Fonte: Desconfinados (2016)

No fotograma 25, o Surdo faz o sinal de *já* que é formado pela configuração de mão em aberto e os dedos juntos e em um movimento retilíneo de cima para baixo no espaço neutro. Para o sinal de *comer*, no fotograma 25. 1, o Surdo faz a mesma configuração de mão na posição horizontal aproximada da boca e o movimento de fora para dentro. Esse último sinal é caracterizado como motivado, visto que esse signo se associa a ação de ingerir o alimento.

Fotograma 26

Fotograma 26.1

Fotograma 26.2



Fonte: Desconfinados (2016)

Nos fotogramas acima, o Surdo faz o sinal de *Subway* formado pela junção da configuração “S” mais “Y” com movimento ondular do dorso da mão de fora para dentro no espaço neutro, em que que a configuração “S” muda para “Y” no processo de movimento. Esses conjuntos de signos disposto nos fotogramas 25. 25.1, 26 e 26.1 e 26. 2 compõem no enunciado: *Já comi no Subway* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 37 segs.).

No âmbito discursivo, o Surdo 1 afirma ter ganho o lanche com a estratégia utilizado pela falta de interações linguística e atitudinal. Esse enunciado traz um efeito de sentido de que quem detém o saber da Libras é ele e que, neste caso o ouvinte perde seu poder de persuasão enquanto vendedor. Percebe-se que o sujeito é posicionado enquanto sujeito que detém o saber linguístico, por isso, demonstrou uma expressão de ironia, ao dizer que o vendedor que o lanche era de graça e ainda incentivar os demais Surdos irem também.

Isto fica claro no fotograma 27, quando o grupo de Surdos a esquerda não acredita no que o Surdo 1 diz e estes fazem o sinal de *mentira* (configuração da mão em X ou dedo indicador projetado e dobrado, ponto de articulação na frente do nariz, com movimento semicircular repetidamente com o com a expressão facial de dúvida, sobrancelhas e mandibular frígidas e compressão leve do tórax para dentro).

No fotograma 27. 1, o Surdo 1 responde ser verdade (faz o sinal de verdade, com configuração de mão direita em “P”, a mão esquerda mão de apoio e movimento retilíneo) mais a expressão facial de convicção, enunciando: *É verdade*, (DESCONFINADOS, 2016, 2: 44 segs.). Fora do fotograma, o Surdo 1 continua dizendo: “[...] *comi de graça. Nossa, eu tô satisfeito, gostoso*” (DESCONFINADOS, 2016, 2: 45 a 2: 46 segs.).



Fonte: Desconfinados (2016)

No fotograma 27.2, os dois primeiros Surdos a esquerda perguntam: *Como? como? Como?* e o terceiro complementa: *de graça?* (DESCONFINADOS, 2016, 2: 48 segs.) Essa cena remonta um enunciado da infantilidade, em que o sujeito Surdo é visto como transparente nos seus sentimentos e que não mente ou que ele impulsivo. Ainda esse enunciado traz uma ênfase sinestésica expressa por meio de *satisfeito* e *delicioso*, reforçando que ele conseguiu convencer o atendente a dar o lanche de livre e espontânea vontade (não fizemos o recorte dessa parte).

Na referida cena, o Surdo se utiliza de um mecanismo do humor que é o sarcasmo perante ao comportamento do atendente e que, o fato de ele ser excluído no discurso foi usado



como estratégia de exercício de poder que reverte os atos de exclusão ao atendente que não sabe interagir em Libras. Somado a isso, trazemos um enunciado específico presente no segundo vídeo, em que o humorista diz: “... quero frisar que esse tema é injusto, pois o aluno surdo tem mais conhecimento sobre o assunto” (LINS, 2017, 1: 09 a 1: 12 segs.).

O humorista, ao fazer a leitura da sua redação, ele traz um outro enunciado *Desafios educacionais na formação dos surdos* que faz parte discurso educacional que se materializou na prova do Enem de 2017 e é expresso por meio da palavra *assunto* e que o Surdo é posicionado como um sujeito que é o único interessado pelos seus direitos e que ele é único que sabe mais de suas dificuldades do que qualquer outro. Frisamos que o humorista está falando de um “saber” específico que é o domínio da Libras e isso se associa a uma série enunciados que o humorista elenca e classifica ao falar dos métodos educacionais para Surdos dispostos pela política de inclusão.

O Surdo é retratado na redação como aquele que pertence a um espaço de marginalização dos processos inclusivos impostos pelo Estado, tendo em vista que essa sociedade do discurso é configurada por meio das organizações dos movimentos sociais em defesa da inclusão que coloca o Surdo como aquele que precisa ser incluído para ser aceito e isso é expresso por meio dos outros enunciados que estão implícitos, como já dissemos o uso de legendas em materiais áudio visuais, a presença de intérprete nos espaços e a tradução da prova-vídeo do Enem em Libras no mesmo ano.

Para Foucault (2014a) a educação é uma forma politizada de manutenção e propagação do discurso, no caso do exemplo da representação surda na redação cômica descrita pelo humorista, e, também do tipo de meio material esse discurso deve ser passado, criando uma espécie de *ritualização da palavra*.

Enfatizamos que o discurso cultural da surdez é por enunciados pedagógicos que posiciona o sujeito Surdo dentro de um discurso educacional e econômico, pois, como menciona Andrade (2008), o sujeito só se constitui dentro enunciado cidadão de direito se ele participa da ordem discursiva educacional e o termo educacional é tratado de maneira ampla, mas esse é um tema para outro trabalho. Então, os Surdos que participam da cena, só acionam o poder de reivindicação a partir do momento em que eles se vêm captado por este enunciado do *sujeito composto de direitos* e mais, ainda, um sujeito que participa de ordem discursiva identitária.

Esse tipo de enunciado coloca o Surdo como um sujeito que faz parte do que Foucault (2014a) chama de *sociedade do discurso*, uma condição de funcionamento do discurso, pois a surdez na perspectiva discursiva socioantropológica está atravessada por um conjunto de

regimentos internos que vão além do conhecimento linguístico apenas, mas também envolvidas de outras práticas como participar de associações de Surdos, compartilhar de uma rede enunciativa alicerçada pela diferença e da presença de uma cultura própria.

Com base em Foucault (2014a), essa forma de organização do discurso mostra como esse saber acadêmico sobre a surdez faz parte de jogos de poder, em que o Surdo é captado por esse desejo de manipular o saber e o poder sobre si mesmo e exclui aquele (o atendente do *Subway*) que não sabe Libras e não tem formação na área.

Nesse caso, Foucault (2014a) nos leva a pensar que o modo de posicionar certos discursos sociais em detrimentos de outros é uma forma de exercício de poder que visa legitimar esse discurso. Dito de outro modo, compreendemos que o grupo de Surdos sinalizantes e as pessoas que partilha dessa prática são mencionadas como “informadas” - pesquisadores, intérpretes, familiares, entre outros. (GOFFMAN, 2004) e são sujeitos responsáveis por organizar, circular e manter esse discurso, de maneira a restringir a circulação de discursos outros dentro dela mesma, como o saber clínico e o educacional.

O embate entre esses saberes, coloca o discurso socioantropológico da surdez em um espaço definido, como já mencionamos, as associações<sup>25</sup> de Surdos e clubes. Assim,

Outro artefato cultural influente das comunidades surdas é a política, que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos. [...] o espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos. Atualmente, um dos maiores objetivos das associações dos surdos é a política, nestas organizações reúnem-se sujeitos surdos em reuniões e assembleias para compartilharem os mesmos interesses em comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e da cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada, ou cedida pelo Governo (STROBEL, 2008, p. 71-72).

Para entrar nessa sociedade, é necessário que a pessoa entra na ordem de funcionamento dessa associação como um aprendiz e, somente, após um tempo é que se pode falar algo que não é original, mas que já circula, denominado por Foucault (2014a) de doutrinação do discurso (quem pode e o que pode falar).

A maneira como os estudiosos da área linguística fazem a descrição e registros dos sinais da Libras segue um conjunto de regras, em que começa pela seleção das pessoas que irão participar dessa compilação dos sinais, sendo elas, surdas ou não, que elas tenham um tempo

---

<sup>25</sup> No Brasil, há a Federação nacional de Educação de Surdos (FENEIS) é uma associação que visa organizar os movimentos sociais em prol da comunidade surda. Além disso, em nível internacional, há Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf- WFD).

considerável de contato com a língua e a comunidade surda e ter formação acadêmica na área são alguns rituais para fazer parte do discurso acadêmico e cultural da surdez

O discurso gestualista se contrapõe ao *discurso ouvintista* quando os dois atendentes são posicionados no discurso humorístico, trazendo em seus modos de agir pelo corporal e gestual e que, segundo Strobel (2008, p. 23), ditam “a representação que os ouvintes têm dos Surdos, de maneira a levá-lo a se perceber como se fosse ouvinte”. Em contrapartida, quando os Surdos se encontram na rua, como demonstrado nos fotogramas 23 em diante. Nesses fotogramas, há um modo de subjetivação surda representada, em que o “encontro do surdo com outro surdo que também usa a língua de sinais se faz novas possibilidades de subjetividades, de compartilhar a cultura, de aquisição de conhecimento” (STROBEL, 2008, p. 89).

Esses critérios de seleção dos sujeitos que podem fazer parte da comunidade estão cercados por uma dimensão social e política, em que a pessoa precisa ter fluência e formação acadêmica para ter seus sinais escolhidos para registro para compor um dicionário, por exemplo, perpassa por um efeito discursivo do movimento político Surdo e que compõe o discurso de uma identidade surda.

Os falantes da língua de sinais saem da posição de marginalizados e vai para um espaço que não é só físico, mas também político. A validade do discurso o sujeito só se dá pelos cursos de nível superior oferecidos na universidade, dando o reconhecimento científico à língua. Essa forma de organizar o discurso socioantropológico surgiu da reformulação dos títulos de formação oferecidos por meio do Prolibras e educação de nível médio (SKLIAR, 2016). Os dispositivos pedagógicos é apenas um dos meios de consolidar o discurso antropológico da surdez como legítimo.

Sobre isso, Strobel (2008), ao descrever os artefatos que compõe a cultura surda, coloca que coloca o sujeito Surdo como construído fora da perspectiva inclusiva e, Gregolin (2008) afirma que o sujeito é posicionado enquanto um efeito de sentido dentro de uma prática identitária “produzido pela e na linguagem” (GREGOLIN, 2008, p. 81).

Partindo das reflexões de Gregolin (2008), temos ainda um questionamento problematizado por Hall (2014), em que ele discute sobre *quem precisa de identidade?* Essas combinações discursivas presente no saber clínico e socioantropológico demonstra que a identidade construída por meio humor ainda é binária, pois responde a uma relação com a exterioridade social, em que os marcadores de identidade ora são biológicos ora são culturais e no caso do Surdo, essa construção acontece simultaneamente colocando sempre em uma crise de identidade.

O humor modula as identidades de modo a tratar a surdez como um problema social identificável e que é tomado em diversos espaços, como o *Subway*, as ruas, a mídia, dentre outros. Saliba, em uma entrevista à *Revista Veja*, assevera que o humor tipicamente brasileiro é composto “pela falta de identidade” (LEVINO, 2011), pois, as coisas só são ditas de maneiras estereotipadas e preconceituosas porque reflete o que não pode ser dito escancaradamente em outros espaços, já que nossa sociedade fora tomada pelo discurso inclusivo.

Saliba (2000, p. 228), ao apresentar a constituição do humor brasileiro, enfatiza que o hibridismo de elementos como “(...) a mistura linguística, a incorporação anárquica de ditos e refrãos conhecidos por ampla maioria da população, a concisão, a rapidez, a habilidade dos trocadilhos e jogos de palavras [...]” deram uma nova roupagem ao discurso humorístico e, ao nosso ver, contribuem como base de sustentação para os enunciados, pois os sujeitos são captados pelo o que é visual e sensorio, e mais ainda, temporal e espacial.

Diante desses elementos, identificamos na descrição que o enunciado da deficiência versus diferença, pelos lócus do estereótipo não está oculto no discurso humorístico. Nos fotogramas 28, 28.1 e 28.2, o Surdo 1 é atravessado por essas formas enunciativas apresentadas quando ele anuncia estar surpreso pela atitude do atendente de dar o lanche.

Contudo, percebemos que esse dito traz um efeito de sentido de contradição do que o Surdo diz e o que ele fez com o atendente no *Subway*, mostrando que este sujeito Surdo também de utiliza de estratégias enunciativa para dizer que o atendente é um ser “burro”, fácil de ser enganado. Nos parâmetros fonológicos, o Surdo faz sinal de *homem* (fotograma 28) representado pela configuração de mão em C: 12, o sinal de *dar* (fotograma 28.1) com configuração de mão C: 46, com ponto de locação no queixo e movimento retilíneo.



Fonte: Desconfinados (2016)

Nos fotogramas acima o Surdo diz: *O moço me deu de graça, eu fiquei surpreso.* O Surdo aconselha os seus colegas a irem ao Subway ganhar o lanche grátis. O surdo 1 diz: *Vão*

*lá também.* Eles se despedem e falam eufóricos: *Então tchau. Obrigado viu. Falô mano, é nós* (DESCONFINADOS, 2016, 3: 00 min).

É importante mencionarmos que essa cena dos Surdos indo ao Subway para pedir o lanche grátis em Libras é um acontecimento, pois, os Surdos tentam interagir em Libras e o atendente entra em tensão ao estar diante de um grupo de Surdos pedindo o tal lanche grátis que Surdo 1 havia mencionado. Cabe salientar que, tanto Strobel (2008) quanto Skliar (2016) concordam que toda forma de bem-estar foi construída historicamente como se fosse um direito das classes subjugadas. Contudo, o ato de caridade não pode ser compreendido como um direito fundamental humano. Os autores enfatizam que a crítica ao assistencialismo é uma das pautas de lutas do movimento Surdo e de estudiosos em Direitos Humanos.

O movimento surdo surgiu a partir do posicionamento dos sujeitos Surdos, intérpretes, familiares) contra ao discurso in/exclusivo, em que, além do reconhecimento linguístico, buscaram resistir às práticas do assistencialismo institucionalizado pelo discurso clínico, jurídico e pedagógico. Nesse contexto se entendia que a proposta inclusiva lançada pelo governo ainda tinha o enfoque na audição e que a *associação de Surdos* era composta por presidente ouvinte, mas houve uma reviravolta, a partir da luta pelo direito da pessoa surda e da importância da representatividade.

Posteriormente, nos fotogramas 29 e 29.1, os Surdos chegam no Subway para pedir o lanche grátis e, no fotograma 29, o Surdo 2 faz o gesto de tamanho do lanche, enquanto a Surda pergunta onde o Surdo 1 conseguiu lanche grátis e o último Surdo (camisa preta) olha com curiosidade para o colega, esperando pela resposta.

**Fotograma 29**



**Fotograma 29. 1**



**Fonte:** Desconfinados (2016)

Nesse trecho, os Surdos vão em direção ao balcão e reivindicam o lanche grátis. Essa é uma posição de subjetivação surda como pedinte ou um sujeito à procura de bem-estar, colocando

nesses sujeitos marcas de estigma e estereótipo. Contudo, os Surdos, ao tentar interagir em Libras, remetemos ao direito de acessibilidade linguística e de reconhecimento das pessoas subjugadas como um sujeito humano, como trata Organização das Nações Unidas, encontramos trechos do 3º Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) (ADORNO, 2010), que diz respeito à diversidade cultural e linguística. Dito de outro modo, os fotogramas apontam para o estereótipo de que o Sujeito Surdo vive de benesses, por outro lado, os Surdos buscam ser atendidos em Libras e não conseguir um favor.

Trazer esses documentos e acontecimentos para compreendermos as estruturas narrativas do vídeo, demonstra que a surdez não apenas é um marcador de exclusão, mas também de como esse modo de organização afeta os jogos de relações entre os ouvintes leigos e os Surdos sinalizantes. Como exemplo, no fotograma 29, o Surdo 2 reclama não apenas pelo direito de consumir um produto de graça, mas também de se fazer entendido na Libras, pois, embora esse dito não esteja explícito, o Surdo 2 (blusa azul) se utiliza de sinais que compõem a Libras, como sinal de querer e, em seguida faz um sinal icônico para o lanche (configuração de mão em L: 24) juntamente com a expressão facial de pergunta, levantando a sobrancelha em expressão de questionamento.

No fotograma 29.1, o atendente I reaparece na cena, como no primeiro fotograma, demonstrando que ele se posiciona como o sujeito ouvinte que não sabe nada de Libras e vê em uma situação de desespero expresso na expressão facial uma e como a passada de mão direita na cabeça, balançando-a e dizendo: *Eitaa* (DESCONFINADOS, 2016, 3:09 a 3: 12 segs.).

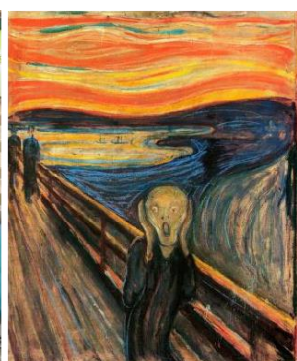
Este gesto manual do atendente I descreve o sujeito como alguém que está desesperado por não saber interagir em Libras (fotograma 30), como é representado nas pinturas *O grito*, de Edvard Munch e *O homem desesperado*, de Gustave Coubert.

**Fotograma 30**



**Fontes:** (DESCONFINADOS, 2016).

**Imagem 6- O grito**



(MUNCH, 1893).

**Imagem 7- O homem desesperado**



(COUBERT, 1943-1945).

Destacamos, com base em Courtine (2011; 2013), que as telas emergem em determinado momento histórico, produzem efeitos de sentido sobre o corpo do sujeito desesperado ou até louco. Em relação ao fotograma 30 e as pinturas inscrevem o corpo em uma historicidade, em específico, os gestos. Isso significa que, as expressões não-manuais e gestuais estão em uma cadeia de outras imagens que também inscrevem o sujeito pela formação discursiva clínica (psicologia), mostrando que as imagens possuem efeitos de sentidos que é histórico e discursivo sobre um corpo visível.

Não existe uma imagem que não nos faça ressurgir outras imagens, tenham elas sido outrora vista ou simplesmente imaginadas. *A intericonicidade supõe, portanto, relacionar conexões de imagens*: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita numa série de imagens, uma arqueologia, à maneira do enunciado numa rede de formulações [...]; mas também imagens externas, que supõem a consideração de todo catálogo memorial da imagem junto ao indivíduo [...]. (COURTINE, 2013, p. 43-44, grifo nosso).

Somado a esta questão, Courtine (2013) traz a noção de intericonicidade para explicar que as imagens possuem relação com a exterioridade e com uma memória coletiva sobre o corpo de um sujeito. Portanto, o atendente é constituído como aquele que perde o equilíbrio emocional frente a situação configurada pela tensão do olhar e com as mãos sobre a cabeça. O gestual é retomado pela memória e pela relação interdiscursiva, ou seja, é a dispersão do discurso da loucura, em que as imagens das duas pinturas estabelecem uma relação de semelhança gestual e facial com o fotograma 30, pois “toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um ‘sempre já’ da imagem” (COURTINE, 2013, p.43)

É nesse movimento de descrição da cena do humor em associação com outras materialidades que podemos, com base em Foucault (2019), propor as relações entre os enunciados, em que as pinturas podem se construir enquanto tal, pois eles são marcados pela “dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços” (FOUCAULT, 2019, p. 31). Com isso, o enunciado gestual do atendente é constituído por um já-dito que tem uma memória coletiva, visto que é uma prática social que está no curso da história e que essa função enunciativa está no curso da história, mostrando que o sujeito é categorizado não apenas pelas condições físicas, mas também emocionais e comportamentais.

O sujeito que não sabe Libras interage por gestos, podendo dizer que tem valor estereotipado, constituindo-se enquanto prática discursiva que estão dispersos em diversos campos discursivos, como o educacional, econômico e clínico, por exemplo, e que é reproduzido no âmbito social. O discurso humorístico surge como uma condição emergente de reaparecimento de alguns enunciados de preconceito e estereótipo acerca do objeto surdez e de crítica de precarização dos discursos de inclusão.

Cabe salientar que há formas enunciativas que só são possíveis de aparecerem no humor, já que este é um campo, em que o foco não está em quem diz, mas no que e como se enuncia algo. Desta forma, vemos que o discurso humorístico “[...] não é um estado de espírito, mas uma visão de mundo” (SALIBA, 2000, p. 15). A cena humorística trata dos princípios de exclusão exposta pelo não saber Libras e essa relação é permeada por conjunto de características do sujeito ouvinte (homem, branco, patriarcal) que exerce o poder por meio da mimetização, por outro lado, o Surdo entra nesse jogo de sujeito excluído para tirar vantagem, sendo um modo de exercer poder também.

Essa noção é notória, visto que a narrativa se inicia e termina com o mesmo sujeito atendente I (Fotograma 1 e 30), posicionado como aquele que não faz parte de um discurso específico da surdez que é discurso socioantropológico e que o coloca em uma situação de vazio por não saber lidar com a situação e que muito bem é expresso nas imagens 6 e 7.

A figura do sujeito Surdo enquanto um coitado e marginalizado é desconstruída por meio do cômico. Para Amaral (1998), o fato de relacionar a deficiência com a personalidade do sujeito (herói, vítima e vilão), e categorizar o sujeito como “coitado”, é dizer que ele (o sujeito) é vilão.

Desta forma, compreendemos que tanto o sujeito que não sabe Libras (atendente I e II) são subjetivados como solidários/vilão a partir dos saberes impostos no social, ou seja, eles ocupam “diversas posições de subjetividade” (FOUCAULT, 2019, p. 66): sujeito da inclusão, sujeito ator (humorista), *Youtuber*, sujeito social e outros.

A surdez, tratada no humor, está associada não apenas à dificuldade auditiva, mas também está associada às diferenças sociais e culturais. O Surdo é visto como um sujeito anormal pelo fato de não se comportar segundo os padrões exigidos pela norma da sociedade, como oralizar, reprimir desejos e ideias, ou seja, é marcado pela diferença com o que é visual e espacial e, além disso, ser Surdo significa “não ser humano” (SKLIAR, 2016, p. 21). Enquanto ser ouvinte, mesmo não sabendo Libras, é ser um sujeito cidadão, pois partilha de relações pautadas pelas *diferenças nas diferenças* (LOPES, 2009) – é entender que o sujeito a igualdade e equidade se instaura a partir do momento que se reconhece que não somos iguais no que tange



a origem, crenças, hábitos. E ainda dentro dessa diferença social, há a diferença significativa que é aquela que foge do padrão de normalidade convencionalizado por determinado grupo ou sociedade civil.

### **3.3 O processo de subjetivação surda presente nos vídeos *Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 do Enem 2017***

Nesta seção, trouxemos uma síntese analítica acerca dos vídeos *Surdo no Subway* e *A única redação nota 1000 do Enem 2017*. Ambos os vídeos constroem um enredo cômico acerca das barreiras linguísticas e interacionais, educacional e social do sujeito Surdo. O propósito da escolha dos dois vídeos é mostrar como o humor se constitui discursivamente de diferentes formas, seja pelo humor de *stand-up comedy*, seja pelo humor narrativo (híbrido), mas, ele (discurso humorístico) reproduz práticas e discursos de estereótipo e estigma acerca da deficiência corporal ou social do sujeito Surdo. Dito de outra maneira, a função do humor, ácido ou não, é reproduzir práticas cotidianas, institucionais e comportamentos de sujeitos por meio do cômico.

Dito isto, frisamos que o primeiro vídeo, *Surdo do Subway*, se encontra publicado no canal do *YouTube*, *Desconfinados*. Esse vídeo é apenas um dos materiais produzidos por Jonathan Nemer e Thiago Baldo. De acordo com informações do site *Desconfinados*, o humor, retratado pelos humoristas, é considerado como humor livre, ou seja, é um humor caracterizado pelo não uso de palavrões e representações pejorativas, pois o público alvo é o núcleo familiar (DESCONFINADOS, *IN*: <http://www.desconfinados.com.br/>).

O segundo vídeo, *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, do humorista, é categorizado como humor de *stand-up comedy*, mas também, ele traz outros elementos interdiscursivos, como a própria redação dissertativa-argumentativa do Enem, acontecimentos políticos e midiáticos. Cabe enfatizar que, diferentemente do primeiro vídeo, o tipo humorístico produzido pelo sujeito humorista é denominado como humor ácido, pois, é um formato de piadas que, além de ser contado apenas por monólogo, ele traz construções cômicas preconceituosas, com uso de termos pejorativos e grotescos sobre o sujeito Surdo.

Tendo vista esses dois discursos que atuam ora em conjunto, ora de maneira separada, o nosso intuito é mostrar que há uma similaridade nos modos de reproduzir o corpo e o modo de ser Surdo. Outra justificativa é que, ambos vídeos tratam da mesma temática que é sobre as dificuldades de interação nas relações cotidianas e educacionais do sujeito Surdo. Desta forma, descrevemos como o Surdo é produzido por esses dois modelos discursivos do humor e os seus efeitos de sentido no meio midiático do *YouTube*.

No vídeo, *Surdo no Subway*, a proposta do sujeito humorista é trazer à tona práticas de subjetivação Surda, por meio das marcas de estereótipos e estigmas sobre o sujeito Surdo e a temática sobre *as barreiras linguísticas e atitudinais* da pessoa ouvinte que desconhece a Libras e a cultura surda.

A noção de *produção ou processo de subjetivação de sujeito* se sobrepõem a noção de *identidade fixa*, pois se passou a considerar que o sujeito não é responsável pela sua própria constituição de identidade, mas ele é atravessado pelas condições históricas e sociais. Ainda a noção de subjetividade, em Foucault, é traçada em três fases: arqueológica, genealógica e ética.

Na fase arqueológica, a subjetividade é traçada a partir da formação de regime verdades e saberes, ou seja, é pensar como o saber produz posições de sujeito (FOUCAULT, 2009). Na fase genealógica, a subjetividade é vista como prática de opressão e disciplinarização, tratada na obra *Vigiar e Punir*, mostrando como as estruturas arquitetônica e as próprias relações de poder colocam os sujeitos prisionais, estudantes em situação de submissão (FOUCAULT, 2014b). Já na fase ética, Foucault (2009) salienta a subjetividade é atravessada por um governo de si, ou seja, como as instituições governam sobre o corpo do sujeito pelo viés ético, moral e político. Em consonância com o autor, Fernandes (2012) também destaca que

[...] a subjetivação consiste justamente no processo constitutivo dos sujeitos, pela produção da subjetividade que possibilita, a objetivação do sujeito. Tratam-se de relações complexas que compõem os discursos e implicam a produção da subjetividade. Importa particularmente para o momento, referir as relações intrínsecas entre poder e posição-sujeito, as especificidades dessas relações tendo em vista seus efeitos na produção de subjetividade (FERNANDES, 2012, p. 74).

Desta forma, a noção de subjetividade está atravessada nos dois vídeos, pois o discurso humorístico produz a subjetividade do outro, com base na reprodução de discursos e práticas que já circulam na sociedade, como podemos ver o tratamento exagerado que o atendente tem ao interagir com o Surdo e, no segundo vídeo, quando o sujeito humorista reproduz o sujeito Surdo como “um todo deficiente” ao associar o Surdo com outros sujeitos marginalizados e que também são postos na categoria da deficiência, como o sujeito com mal de *Parkinson* e a gagueira, por exemplo. Ele é subjetivado pelo discurso clínico, que historicamente prevaleceu nos modos de categorização do sujeito surdo como enfermo; isso confirma a afirmação de Veyne (2008) de que os sujeitos vivem “o aquário de sua época”, ou seja, eles estão presos a discursos cristalizados historicamente.

Por isso, compreendemos que, o sujeito Surdo, situado historicamente como sujeito, é reproduzido subjetivamente a partir de práticas de inclusão/exclusão. Ao chegar ao

estabelecimento Subway, o Surdo se posiciona como sujeito Surdo sinalizante, ou seja, ele chega e se cumprimenta em Libras. Contudo, o atendente I demonstra uma expressão facial de apavoramento ao estabelecer contato com o outro, como mencionamos no início do trabalho, há o que Amaral (1998) denomina de contágio osmótico que, se caracteriza pelo receio que o sujeito tem diante do outro sujeito que é “significamente diferente” e também ser “contaminado” pela deficiência. Esse é um mito que atravessa os modos do Surdo se relacionar com o outro ouvinte, tendo em vista que ele é recebido como um “sujeito contagioso”.

Mesmo com a tensão, o atendente I rompe com sua insegurança, ele interage com o Surdo por meio da gesticulação das mãos, das expressões faciais e da articulação orofacial (falando alto e devagar) e usa os objetos concretos para ajudar na percepção visual do Surdo. Contudo, essa tentativa se transforma em um conjunto de construções exageradas das expressões orofaciais e gestuais, como mostramos no fotograma 1. Nessa relação entre o sujeito ouvinte e sujeito Surdo, há a produção de um saber empírico atrelado ao saber clínico, ou seja, o sujeito atendente interage com o Surdo com base em preceitos e estereótipos de que a Libras é conjunto de gestos e ainda dispõe de um saber clínico quando ele fala de maneira articulada, usando materiais concretos (os alimentos) para apoiar sua produção orofacial.

Compreendemos nessa prática estereotipada do atendente, que há um processo de subjetivar o Surdo no discurso clínico, visto que a fonoaudiologia e o otorrinolaringologista se utilizam da técnica de treinamento orofacial para estimular o Surdo a oralizar. De acordo com Fernandes (2012), a produção de subjetividade considera as condições externas e históricas do discurso, mostrando que os discursos e as práticas se ressignificam conforme os modos de se pensar sujeito em um dado momento.

Isto mostra que, tratar o Surdo como um sujeito “deficiente” é um enunciado que está presente no discurso clínico e nas relações cotidianas, ou seja, “o uso de procedimentos de diferente natureza, como os clínicos-hospitalares, para interferir na subjetividade daqueles sujeitos visando a alterá-la, a moldá-la seguindo seus próprios preceitos” (CLEUDEMAR, 2012, p. 75).

Com base em Amaral (1998), o sujeito categorizado como “deficiente” é incapaz de responder pelas suas atitudes, ele possui dificuldades de compreensão, portanto, necessita de algum tratamento clínico ou atendimento especializado. Essa prática é vista no discurso assistencialista como *deficiência* ou *desvantagem*. Amaral (1998) faz uma distinção entre deficiência e desvantagem: “Deficiência refere-se a uma ‘perda ou anormalidade’ de estrutura ou função [...]. Desvantagem refere-se à condição social de prejuízo resultante da deficiência ou incapacidade [...]” (AMARAL, 1998, p. 24-25, grifo da autora). Então, o Surdo é subjetivado

como um sujeito totalmente incapacitado, pois seu corpo é visto como um preceito de anomalia, devido às produções com as mãos e as expressões faciais.

Em relação às produções gestuais sobre os corpos do Surdo e dos três sujeitos humoristas, mostramos como o corpo produz saberes estereotipados, demonstrando a hegemonia do saber clínico sobre o corpo, visto que, esse corpo é marcado “como materialidade discursiva e efeito de subjetividade discursivamente produzido e modificado, considera o corpo do sujeito sempre incompleto e em busca de algo exterior que lhe falta” (FERNANDES, 2012, p. 77).

No primeiro vídeo, a busca do sujeito atendente I em interagir com o Surdo faz com que este produza um efeito mimético e distorcido sobre seu corpo ao utilizar de gestos e falar alto, forçando a expressão facial (fotogramas 2 e 2.1). Ao ver que essa prática não surte efeito, ele chama um referente externo para ajudá-lo no contato com o Surdo (fotograma 5).

A partir dessa busca externa da resolução de um problema demonstra que o discurso resgata algo que é externo e, no nosso caso, é um sujeito que acredita que sabe interagir com o Surdo em Libras. Contudo, o que parece ser um princípio de um atendimento acessível em língua de sinais, acaba, também, uma produção gestual sobre o corpo Surdo, reforçando que a Libras é “uma linguagem de sinais”, ou como um conjunto de letras alfabéticas manuais, como retratado pelo humorista do segundo vídeo, quando ele afirma que o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva não pode aprender Libras, pois não possui o dedo anelar.

Nesta relação, há o que Amaral (1998) chama de *preconceito compensatório*, que é quando um sujeito traz uma ideia estereotipada sobre o sujeito com deficiência de maneira positiva, tentando compensar as ideias negativas que apresentou em um primeiro momento. Luís Inácio Lula da Silva possui uma deficiência física e é analfabeto, mas se tornou presidente do Brasil.

O atendente II compensa a falha de contato do colega se predispondo a manter o contato com o Surdo, mas ele também interage por meio de gestos e expressões orofaciais. (Do fotograma 5 ao 22). Essa associação generalizada sobre o corpo Surdo é respaldada em conjunto de saberes clínicos, antropológicos e empíricos sobre a surdez que se disputam o tempo todo e que atravessam, modulam a constituição de subjetividade surda como incompleta e, por vezes, como uma ameaça ao controle das normalidades.

O Surdo se vê na situação de entrar no jogo dos modos estereotípicos (assistencialista) de interação com o atendente II enquanto o primeiro apenas observa impressionado com a suposta habilidade de seu colega de trabalho. O atendente II pergunta sobre a preferência dos ingredientes para o lanche do Surdo, percebemos que em algumas construções gestuais, há

marcas de produção de objetividade Surda, quando o Surdo é associado como objeto e condição, como a relação do tamanho do pão com a questão sexual, étnica-racial e falocêntrica tanto como um sujeito que se apropria da própria condição de desvantagem em relação ao atendente para ganhar o lanche grátis.

Embora o Surdo seja subjetivado (estigmatizado) como um sujeito “coitado” e “deficiente” e constituído pela prática assistencialista, ele também faz a reviravolta. Ele parece estar tendo uma ideia para estabelecer interação com os dois atendentes (fotogramas 7 e 7.1), expresso pelo modo como esse Surdo para o atendente II. A partir desse primeiro contato, compreendemos que o Surdo é objetivado pela prática gestual do atendente, subjetivando-o como um sujeito falante de “linguagem de sinais”, visto que, como vimos a Libras é definida pela sociedade civil (sujeitos sociais ou empíricos) não como língua, mas uma linguagem ou uma construção de sinais caseiros (fotogramas 2, 2.1, 5 e 5.1).

Com base nesta explicação, o Surdo aceita participar dessa prática de estereótipo que, retomam sobre o corpo Surdo outros discursos, ou seja, tanto no primeiro vídeo quanto no segundo, ele não é apenas o sujeito que fala linguagem de sinais, mas que também possui dificuldades de compreensão (fotogramas 3, 4, 16 e 16.1).

O Surdo também é subjetivado como um sujeito que se classifica em grupos de minoria, quando o atendente posiciona o Surdo como um sujeito que possui desvios sexuais, quando utiliza-se do discurso *falocêntrico* para rir e exercer um poder de “colocar diversas roupagens” sobre o corpo Surdo, que já é de imediato encarado como “um todo deficiente”, que faz parte do grupo LGBTs e que ele tem um corpo hipersexualizado como dos sujeitos negros; ainda, tanto o atendente II quanto o humorista usam o corpo (no caso do humorista) e os próprios alimentos (nos casos dos atendentes) para reforçar esses discursos, mostrando que a relação de estímulo-resposta sobre o corpo Surdo é visto como um objeto da anormalidade e da própria constituição dos modos de fazer humor (fotogramas 8, 8.1, 9, 10, 12 e 12.1).

Essas práticas subjetivadoras colocam não apenas o corpo Surdo como alvo da inclusão, mas também como um corpo marcado pela deficiência, que atravessa as condições sociais de outros grupos, ou seja, se ele é “deficiente” logo ele faz parte do grupo de minorias (negros, LGBTs, entre outros). Isso significa que há uma *generalização indevida* em torno dos grupos de minorias ou denominado “diferentes” (AMARAL, 1998). Dito de outro modo, o corpo Surdo só possui existência, pois ele é categorizado pelo Estado como o “sujeito da inclusão” ou “sujeito que participa de um grupo de minoria”. Esses discursos sustentam-se pela prática do assistencialismo e da caridade, em que se tornou *práxis* social e uma conduta política defender a causa dos sujeitos ditos “marginalizados”.

Enfatizamos que os processos de subjetivação Surda, constitui o sujeito Surdo por um conjunto de práticas utilizadas pelos saberes clínicas, assistencialistas, econômicas e antropológicas. Um desses modos de subjetivação colocam o sujeito falante de uma gramática ou linguística (Libras) e ainda o coloca como um sujeito improdutivo no aspecto das riquezas e da própria economia e sustentam a prática assistencialista (fotogramas 14, 15, 15.1, 17, 17. 1, 18, 18.1, 20, 20.1 e 20.2). Goffman (2004) afirma que a caridade é uma prática que coloca o sujeito com deficiência como um sujeito incapaz e esse discurso é umas das formas de estigma.

Quando o atendente II doa o lanche para Surdo, há uma prática assistencialista, em que o Surdo, mesmo se submetendo as práticas de gestualização e ridicularização, afirma que ele possui um determinado saber: linguístico e identitário. Isso ocorre quando o Surdo enuncia que não é deficiente como um todo e nem um incapacitado”, mas ele é sujeito e se constitui por outras relações (políticas e culturais) que são desconhecidas pelos atendentes I e II e estabelece relação de poder quando, ao se submeter às práticas gestuais e às marcas de correção clínica da oralização, ele consegue não apenas o lanche de graça, como também ele pede a bebida, mostrando que ele não é “deficiente” e é ele que detém o saber-poder sobre si e sobre o outro (atendente). Essa interpretação só é possível quando, o atendente olha para o Surdo com uma expressão de desânimo e indignação por não receber o dinheiro do lanche e ainda ter que dar a bebida (fotograma 22).

No segundo vídeo, o humorista afirma que o Surdo se diz conhecer mais sobre ele mesmo do que os próprios especialistas na área e afirma que para a redação do Enem, esse tema é injusto, visto que poucos sujeitos sabem diferenciar as categorias de surdez e ainda fazer uma boa proposta de intervenção sobre as dificuldades para a formação dos Surdos, já que há embates entre os discursos clínico e socioantropológico, que atravessam as práticas inclusivas postos por outros discursos, como o pedagógico, por exemplo.

O embate do discurso socioantropológico se inscreve na segunda parte do primeiro vídeo, quando o Surdo sai do Subway e se encontra com outros Surdos e eles começam a conversar em Libras (do fotograma 23 ao 28). O Surdo ri da cara do atendente quando, ele conta para os colegas que ganhou o lanche grátis (ele afirma que ficou surpreso com a atitude do atendente) e ainda os incentiva a irem pedir o lanche também. Nesta perspectiva, vemos que um movimento coletivo por parte dos Surdos se configura como prática do saber socioantropológico da surdez, pois, se compreende que o Surdo não é um sujeito constituído a partir da sua deficiência auditiva, mas que ele se constitui em comunidade, tanto linguisticamente quanto politicamente e culturalmente.

O Surdo é subjetivado pelos saberes clínico e socioantropológico. Contudo, esses dois discursos se conectam em redes com outros discursos e práticas, como o assistencialismo, econômico, étnico-racial, sexual, pedagógico, entre outros, e circulam na mídia do YouTube e ainda se legitimam como práticas de anormalidade ou até práticas de violência, respaldado ora pela confirmação dos estereótipos e estigmas sobre o Surdo e a Libras, ora como uma forma de protesto a esses processos subjetivadores de sujeito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta Dissertação foi movida pela vontade de analisar os modos como o sujeito Surdo é subjetivado pelo campo do humor no meio midiático. Tivemos a preocupação em apontar como o sujeito Surdo é captado pelos enunciados, discursos e saberes carregados de estereótipos, sendo ora posicionado como sujeito determinado por uma política de inclusão, ora, por práticas da medicina (fonoaudiologia), economia e educação, colocando o Surdo em situação de inclusão/exclusão. Por outro lado, mostramos, também, como o sujeito do humor está nesse jogo de exclusão por não saber Libras.

Com base nesse objetivo, realizamos a escolha de dois vídeos de humor que versassem sobre a temática surdez e Libras. O primeiro vídeo se chama *Surdo no Subway*, do canal *Desconfinados* e trechos do segundo vídeo *A única redação nota 1000 do Enem 2017*, do canal do humorista, ambos publicados na plataforma do YouTube em 2016 e 2017. Cabe enfatizar que a escolha do meio midiático como base de obtenção de dados se deu pela “emergência” de sua popularização entre o público jovem e adultos, pois, ambos os vídeos ao abordarem o tema surdez de uma forma bem-humorada, despertou um olhar mais contemplador nos telespectadores, gerando audiência.

Quanto ao recorte dos vídeos, fizemos a construção de fotogramas das imagens por meio da ferramenta de captura e de transcrição dos áudios. Ainda nos apropriamos da Análise do Discurso de linha francesa, em específico a base teórica-metodológica da arqueologia, do princípio genealógico e ético propostos por Michel Foucault. O intuito desse trabalho foi, mais do que descrever apenas os modos de representações estereotípicas sobre a surdez no discurso humorístico, buscamos analisar quais são e como os jogos de saber-poder constituem a subjetividade do sujeito Surdo no discurso humorístico.

No processo de descrição e interpretação dos enunciados e das cenas enunciativas (fotogramas), o Surdo é mencionado como um objeto carregado de discursos epistemológicos e sociais. Refletimos sobre a relação objeto e sujeito no limiar da performance humorística e sua implicação na subjetividade surda. Com essa proposta, deixamos de lado, os comentários dos internautas abaixo dos vídeos e a análise aprofundada do segundo vídeo, pois, são dados para um trabalho futuro.

Sabemos que humor faz parte da constituição cultural da sociedade contemporânea e que se faz como um arcabouço de formação de saberes. Contudo, descrevemos como os saberes são postulados como verdades e verificar quais são as forças de embates que constrói a base do discurso humorístico em relação a outros campos dos saberes.



Identificamos que o humor constrói o Surdo enquanto um sujeito da inclusão, que precisa ser posicionado para ter aceitabilidade enquanto cidadão de direito, e como instituir o Surdo em diversos saberes, como jurídico, econômico, educacional, que se constituem como saberes que estabelecem relações de poder por meio das práticas de classificação e determinações de verdades estabelecidas.

Nessa rede discursiva, identificamos a presença dos estereótipos e estigmas sobre esse sujeito no âmbito linguístico, corporal e moral. O poder é visto como algo disseminado na sociedade de modo geral, e é pensando nessa relação, que mostramos as micro relações entre os personagens do humor e o Surdo.

Mesmo quando não há a presença do Surdo na cena, como vimos no segundo vídeo, foi possível estabelecer esse jogo de relações por meio dos enunciados, interdiscursos e saberes constituídos como um regime de verdade, que precisa ser questionada. Buscamos em outros campos do conhecimento, como Estudos Culturais, Estudos Surdos, Semiótica e Sociologia mecanismos de “escavação” e interpretação das camadas discursivas das cenas dos dois vídeos para compreendermos a relação desses saberes na constituição do sujeito Surdo.

Para isso, trouxemos outras materialidades (corporais, atitudinais, institucionais, entre outros) que estão em um campo associativo e que também descreve a surdez como um objeto visto sobre diversas perspectivas, assim, produzindo modos de subjetividade surda. Nesse sentido, entendemos que a subjetividade é algo concreto, pois, existe a partir de algo social e material.

O termo identidade não é visto como um saber homogêneo e pronto, mas como um enunciado carregado por práticas de linguagem e constrói *posições de subjetividades surdas*, ou seja, quando o Surdo se posiciona a partir de um mundo visual permeado de práticas culturais (reuniões em associações, uma literatura própria, um modo de ser Surdo, entre outros) ele exerce poder ao delimitar seu posicionamento no discurso e nas relações cotidianas.

Sabemos que o Surdo não é constituído por essas relações de subjetividade visual surda, mas ele é capturado por outras posições (homem, brasileiro, *hommos economicus*, entre outros). No caso dos vídeos, o sujeito da surdez é visto, também, como humorista, anormal, econômico e outras possibilidades. Por outro lado, no primeiro vídeo, essas redes enunciativas que constituem o sujeito Surdo com base em estereótipos e estigmas se revertem quando esse sujeito entra no jogo da interação por meio dos gestos e práticas de oralização. Em um primeiro momento, o Surdo parece estar sendo submetido pelas práticas de oralização e gestualização, mas percebemos que essa relação de submissão é parte de uma estratégia do Surdo em mostrar para os atendentes de quem não tem o saber linguístico e inclusivo são eles e ainda, se apropria

deste discurso de sujeito estigmatizado para obter o lanche de graça, mostrando os atendentes sujeitos “burros” ou “coitados”. Isso significa que a ideia do Surdo em ganhar o lanche é revelada apenas no final do vídeo.

Se ao entrar no *Subway*, o Surdo era considerado a minoria linguística e os atendentes satirizaram a maneira como ele interagia em Libras, a cena se reverte e o Surdo passa a ser a maioria quando encontra seus amigos Surdos na rua e interage com eles em Libras, contando – lhes que ele ganhara o lanche grátis e que eles podiam também adquirir. É nessa relação de saber-poder linguístico da Libras que o Surdo enuncia, mostra que ele não é um *sujeito com deficiência*, como o atendente o inscreve, mas ele coloca o atendente como o sujeito que possui dificuldade de compreensão. Ao pré-estabelecer concepções equivocadas e mitos em volta de si mesmo e do outro (Surdo), as cenas dos vídeos enunciam os modos como os Surdos são construídos nas redes dos discursos, midiático, econômico e jurídico, além de problematizar de que todos os Surdos participam da ordem do discurso da Educação Especial e Inclusiva ou que eles fazem parte do discurso assistencialista (caridade).

Pensando nestas perspectivas discursivas, nossa pesquisa se mostrou relevante ao mostrar que a Libras, mais do que “um meio de comunicação”, ela é o próprio corpo em processo de interação social e ela produz efeitos de sentido sobre o sujeito Surdo. O trabalho visou mostrar a relevância temática tanto no âmbito acadêmico quanto no social.

Enfatizamos ainda que esta Dissertação não foi um trabalho de análise de conteúdo, composto apenas pela descrição da estrutura linguística dos materiais verbais e não-verbais, mas também a interpretação desses materiais em condição discursiva específica que é o humor veiculado no *YouTube* e sua relação com os saberes e discursos postos em uma exterioridade histórica. Portanto, frisamos que esse trabalho que pode ser aprofundado com outros recortes e outras possibilidades de análise.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. História e Desventura: o 3º. Programa Nacional de Direitos Humanos. **Novos Estudos CEBRAP 86**, março de 2010, p. 5-20.

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. *In: Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. Coordenação de Julio Groppa Aquino (Org.). São Paulo: Summus, 1998.

ANDRADE, Marcelo. É a educação um direito humano? Por quê? *In: Candau, Vera Maria e Sacavino, Susana Beatriz (Orgs). Educação em Direitos Humanos: temas, questões e propostas*. Petrópolis, RJ: DP et Alii Editora, 2008.

ANDRADE, Valdete Aparecida Borges. *Stand up: caracterização de um gênero oral sob a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC)*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Uberlândia (UFU) do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Uberlândia, 2017.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas: Papyrus, 2004.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus de pesquisa: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (Orgs.) Martin W. Bauer/ George Gaskell. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zigmund. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2 ed., 1983.

BRASIL. **LEI Nº 8.160, DE 8 DE JANEIRO DE 1991**. Dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8160.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8160.htm). Acesso em: 16 fev. 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20 nov.2020.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *In: Diário Oficial da União*, n. 79, Seção 1, de 25/4/2002. p. 23. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=23&data=25/04/2002>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *In: Diário Oficial da União*, n. 246, Seção 1, de 23/12/2005. 28pp. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?Jornal=1&pagina=28&data=23/12/2005>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, 2010.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm); acesso em: 24 abr. 2020.

BRASIL. Decreto nº 9.656 de 27 de dezembro de 2018. Altera o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. *In: Diário Oficial da União*, n. 249, Seção 1, de 28/12/2018, p. 17. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-9-656-de-27-de-dezembro-de-2018-57221610>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em revista**. [online]. 2014, n.spe-2, pp.71-92.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **História dos Surdos no Mundo**. Editora Surd´ Universo. (ISBN 978-989-95254-4-1-2). Lisboa, 2007.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 477 p.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculos da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, v. 10, dez. 2011. Tradução de Angela M.S Corrêa.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M.S. Corrêa. 2 ed. 2 reimpressões. São Paulo: Contexto, 2013.

COUBERT, Gustave. **O autorretrato do homem desesperado**. (The Desperate Man Self-Portrait). [1943-1945]. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/gustave-courbet/o-homem-desesperado-pelo-medo-1844>. Acesso em: 12 out. 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. *In: Discurso, semiologia e história*. Carlos Piovezani, Luzmara Curcino e Vanice Sargentini (Orgs.). São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.

COURTINE, Jean-Jacques. Corpo, Discurso e imagens: entrevistas. *In: Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 10-46.

DALLAN, Maria Salomé Soares; MASCIA, Márcia Aparecida Amador. A construção de subjetividade surda pela falta/presença da língua: uma análise foucaultiana. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 32, n. 3 (Especial), dez/ 2016.

DELIGNE, Alain. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? *In*: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 29-46.

DESCONFINADOS. **Surdo no Subway**. (3 min. 13s.), son., color. Publicado dia 24 de outubro de 2016. [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYFPHO03CSI>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FERNANDES, Cleudemar. **Discurso e Sujeito em Michel Foucault**. Apresentação de Vanice Sargentini. São Paulo: Editora Intermeios, 1 ed., 2012.

FESTA, Priscilla Soares Vidal; GUARINELO, Ana Cristina.; BERBERIAN, Ana Paula. **Youtube e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual**. *Distúrbios da Comunicação*, v. 25, p. 5-14, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342012000400027&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342012000400027&script=sci_arttext). Acesso em: 20 jan. 2020.

FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

FOUCAULT, Michel. Organização e tradução de Roberto Machado. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow (Orgs.). **Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ed., 2009. Sem paginação. Disponível em: <https://faccasoficticia.noblogs.org/files/2015/08/O-Sujeito-e-o-Poder-Foucault.cleaned.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. Tradução Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves, 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

GENTILI, Danilo. **O Riso dos outros**. Direção de Pedro Arantes. 2013. (52 min.), son., color. [YouTube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rRMsLIY2Qhw>. Acesso em: 17 dez. 2019.

GESSER, Audrei. **Libras**: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1ªEd. Parábola Editorial, São Paulo. 2009. 87p.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Identidade: objeto ainda não identificado? **Revista Estudos de Língua (gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, jun./2008, 81-97p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LINS, Léo. **A única redação nota 1000 do Enem 2017**. (3min. 39s.), son., color. Publicado dia 12 de novembro de 2017. [YouTube]. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=KiOZokqT9oc>. Acesso: 07 nov. 2019.

LEVINO, Rodrigo. Humor brasileiro reflete a nossa falta de identidade, diz historiador. In: **Revista Veja** [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/humor-brasileiro-reflete-a-nossa-falta-de-identidade-diz-historiador/>. Acesso em: 16 set. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/humor-brasileiro-reflete-a-nossa-falta-de-identidade-diz-historiador/>

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.). **Inclusão escolar**: conjunto de práticas que governam. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MELO, Silvia Mara de. Um olhar discursivo para os crimes bárbaros em tempos pós-modernos. **Revista Guavira**, Três Lagoas/MS, n. 21, p. 105-115, jul./dez. 2015.

MELO, Silvia Mara de. A violência no discurso midiático. In: **Violência e seus paradoxos**: práticas discursivas pelas lentes de Michel Foucault. (Orgs.) Silvia Mara de Melo; Cleudemar Fernandes Alves Fernandes. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 61-78.

MORAIS, Fabiane Ferreira da Silva; SOUZA, Eliesi Graciele de. A diferença entre o falar e o agir: análise do decreto nº 9. 656/2018. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 4, 2019.

MOURA, Maria Cecília de; LODI, Ana Claudia B.; HARRISON, Kathryn M. P. **História e educação**: o surdo, a oralidade e uso de sinais. In: LOPES FILHO, Otacílio C. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997, p. 327-357.

MUNCH, Edvard. **O grito**. [1893]. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Grito](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito). Acesso em: 12 out. 2020.

NETO, João Paulo Coimbra; NOZU, Washington Cesar Shoiti; RIBEIRO, Eduardo Adão. Discursos sobre a deficiência: a constituição de um sujeito de direitos. In: CONTINI, Alaerte Antonio Martelli; FILHO, Camilo Pereira Carneiro; PREUSSLER, Gustavo de Souza. (Orgs.). **Fronteiras e Direitos Humanos em Perspectiva**. Curitiba: Íthala, 2019.

NOZU, Washington Cesar Shoiti. O poder da palavra: o discurso médico e o discurso social da deficiência e suas implicações para as políticas e práticas educacionais. *In: NOZU, Washington Cesar Shoiti; BRUNO, Marilda Moraes Garcia (Orgs.). Educação Especial e inclusão escolar: tensões, desafios e perspectivas.* São Carlos: Pedro & João, 2014. p. 41-59.

OLIVEIRA, Rodrigo Bomfim; ALBUQUERQUE, Eliana Cristina Paula Tenório de. Hibridismo das linguagens audiovisuais: observações sobre o cinema e o vídeo em interface com as culturas contemporâneas. *Revista Mediação*, Belo Horizonte, v. 13, jul. /dez. de 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise De Discurso: princípios e procedimentos.** 4 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2015.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. **Os gêneros do humor no ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica.** Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007, 400 f.

PADDEN, Carol A.; HUMPHRIES, Tom L. **Deaf in America: Voices from a Culture.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

PERLIN, G. T. Surdos: cultura e pedagogia. *In: THOMA, A. S., LOPES, M. C. (Orgs). A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos.* Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2006.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades Surdas. *In: A surdez: um olhar sobre as diferenças.* SKLIAR, Carlos (Org.). 8 ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análise linguística de piadas.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. Estereótipos e identidade: o caso das piadas. *In: Os limites do discurso.* Curitiba, PR: Criar Edições, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre Humor e análise do discurso.** 1 ed. São Paulo: *et al.* Parábola, 2018.

PROPP, Vladimir. **Comacidade e riso.** São Paulo: Ática, 1992.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras.** Editores científicos Tommaso Raso e Celso Ferrarezi Jr. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

REIS, Elaine da Silva. Construção discursiva do sujeito surdo em charges que circulam na internet. *In: Anais da revista do II Congresso internacional de Educação Inclusiva e II Jornada Chilena de Educação Inclusiva.* Disponível em:

[https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV060\\_MD1\\_SA7\\_ID2535\\_12102016055510.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID2535_12102016055510.pdf). Acesso em: 19 fev. 2019.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística do dilema brasileiro - da belle époque aos primeiros tempos do rádio. 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SALIBA, Elias Thomé. História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. **Rev. hist.** São Paulo, n.176, a01017, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações e hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleções primeiros passos;)

SÁ, Israel de; SARGENTINI, Vanice. O jogo das imagens: a espetacularização da memória na Mídia. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; KOGAWA, João Marcos (Org.). **Análise do Discurso e Semiologia**: problematizações contemporâneas. Araraquara, SP: Cultura Acadêmica, 2012.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 75f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SGORIA, Celso. Polícia investiga tortura contra funcionário surdo em Caxias de Sul: Dois suspeitos devem depor sobre o episódio que ocorreu em supermercado da cidade. In: **Correio do Povo** [Jornal online], 8 out. 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/policia-investiga-tortura-contra-funcion%C3%A1rio-surdo-em-caxias-de-sul-1.371308>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SILVA, Vilmar, et al. Educação de surdos: uma releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: **Estudos surdos I**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006, p. 324.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SKLIAR, Carlos. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas. Alfabetização e o ensino da Língua de Sinais. Artigo submetido para a publicação da **Revista Textura/ULBRA II**, 1997.

SKLIAR, Carlos. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.



SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8 ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TARDE, Gabriel de. **A opinião e as Massas**. Tradução de Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VEYNE, Paul. **Foucault**: o pensamento, a pessoa. Lisboa. Tradução de Luís Lima. 1ª ed. Edições Texto & grafia, 2009.

VILICIC, Felipe. **O Jesus gay do Porta dos Fundos condiz com o ideal da criação da internet**: A rede foi inventada por cientistas para promover o progresso, a liberdade, a criatividade. Porém, tem sido tomada por fanáticos inquisidores e terroristas. Revista Veja [online], 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/a-origem-dos-bytes/o-jesus-gay-do-porta-dos-fundos-condiz-com-o-ideal-da-criacao-da-internet/>. Acesso em: 20 set. 2020.

ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. *In*: LUSTOSA, Isabel (Org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 47-68.

**APÊNDICE**

**TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO: A ÚNICA REDAÇÃO NOTA 1000 DO ENEM 2017**  
(Canal do YouTube Léo Lins).

**Local de apresentação:** Casa de auditório.

**Duração do vídeo:** 3 minutos e 39 segundos.

**Data de publicação:** 12 de novembro de 2017.

**Quantidade de visualizações:** 957 mil e 170 visualizações.



**Fonte:** (LINS, 2017)

**Apresentação de abertura do humorista:**

**Léo Lins:** *Muita gente ficou me mandando mensagem: “Faz a redação, vai fazer o Enem, vai fazer o Enem”! Eu fiz o Enem dois anos atrás, publiquei a redação e cara... passou de 10 milhões, 10 milhões de visualizações só no Facebook. Fiz no outro ano (redação) e já passou de 5 milhões.*

**Léo Lins:** *E quando eu fiz o vestibular, a sério mesmo, quando eu fui para prestar para a universidade, minha segunda pior nota foi redação (riso de deboche) ...*

**Plateia:** *[Risos]...*

**Léo Lins:** *(...) e a pior, português. Olha só que ironia da vida, né! E muita gente pediu: “Faz a redação deste ano”. E entãõ tá aqui, pela primeira vez, a redação deste ano. Vocês viram qual era o tema, né?! O tema era “desafios para a formação educacional de surdos”. O tema da minha redação é... “Brasil: um país de todos”.*

**Plateia** *[Risos]...*

**Léo Lins:** *Vamos lá!*

**Início da leitura da redação:**

*Léo Lins: Primeiramente, Bom dia! Ou como diria um surdo:*

*Léo Lins: HÃÃÃRR!!*

**Comentário do pesquisador:** (grito de susto).

*Plateia: [Risadas] e [Aplausos]*

*Léo Lins: [PAUSA]...*

*Léo Lins: Brincadeiras à parte... quero frisar que esse tema é injusto, pois o aluno surdo tem mais conhecimento sobre o assunto. É o mesmo que pedir uma redação sobre os desafios de manter uma barba para uma feminista.*

*Plateia: [Risos]...*

*Léo Lins: Feito o meu protesto, vamos a diante. A educação dos surdos é como as bolas do Pablo Vitar: com problemas que não adianta esconder que uma hora aparece.*

*Plateia: [Risadas]...*

*Léo Lins: Os surdos possuem muitas barreiras, ao contrário dos cegos que não veem barreira nenhuma.*

*Plateia: [Risadas]...*

*Léo Lins: Pra mim, a maior dificuldade que um surdo teve na escola esse ano foi em Goiânia, porque não teria ouvido os tiros.*

*Plateia: [Risos]...*

*Léo Lins: Como superar esse e outros problemas? Uma alternativa é oferecer gratuitamente cursos de leitura labial. É algo difícil, mas eles podem começar treinando com a Anita que os lábios estão tão grandes que até um cego consegue ler. **Plateia:** [Risos]...*

*Léo Lins: Outra tática é usar a arte para inclusão. Beethoven era surdo e foi um excelente músico. A arte aceita qualquer deficiência, esse ano mesmo, um artista com problema mental ficou pelado de uma criança.... (risos) tocar nele. **Plateia:** [Risos] e [Aplausos]...*

*Léo Lins: E uma terceira ideia, é colocar nas aulas um tradutor de libras, a linguagem de sinais, que aliás gostaria de deixa-lo com uma dúvida: um surdo-mudo com o mal de Parkinson é considerado gago?*

*Plateia: [Risadas]...*

**Fotograma 2-** gestos com indicação de movimentos involuntários das mãos



(LINS, 2017)

**Comentário do pesquisador:** Ele faz o movimento vai e vem com as mãos e com os dedos semiabertos)

*Léo Lins:* Porque eles ficam HÃ-HÃÃ-HÃ ... fica gaguejando. E na linguagem de sinais você usa as mãos e os dedos pra fazer as palavras. (LINS, 2017).

**Fotograma 3-** representação da letra alfabética J em língua de sinais



(LINS, 2017)

*Léo Lins:* A letra J é feita com mindinho... (Ele faz o movimento semicircular com o dedo indicador para sinalizar a letra J) O Lula não pode fazer isso....

*Plateia:* [Risadas]...

*Léo Lins:* Ele é analfabeto até em surdo-mudo.

*Plateia:* [Risadas] e [Aplausos]...

*Léo Lins:* [PAUSA]...

*Léo Lins:* E isso nos deixa uma lição: o Lula não usava dedo, a Dilma não usava o cérebro, o Aécio só usa o nariz...

*Plateia: [Risadas]...*

*Léo Lins: (...) o Temer só usa os outros...*

*Plateia: [Risadas]...*

*Léo Lins: (...) e todos venceram na vida, ou seja, o Brasil não é tão injusto, a corrupção dá oportunidade a todos (risos de deboche)!*

*Plateia: [Risos] e [Aplausos]...*

*Léo Lins: Muito obrigado, ano que vem faço outra redação.*

**Comentário do pesquisador:** desfecho do vídeo.

*Léo Lins: Se você curtiu o vídeo, se inscreve no meu canal. Curte, assim, você ajuda...*

**Comentário do pesquisador:** Ele fecha o vídeo pedindo para curtir o vídeo e se inscrever no canal e divulga os seus trabalhos feitos pela Netflix e suas histórias em quadrinhos).